

MANUSEANDO ESTE LIVRO COM FACILIDADE

Nossos livros são especialmente preparados para que cada página ocupe a tela inteira de um monitor padrão, eliminando ou minimizando a necessidade do uso da barra de rolagem para sua total visualização. Você obterá melhores resultados utilizando o modo Página Inteira, que é o primeiro Ícone de Página no canto superior esquerdo da Barra de Ferramentas. Se o texto for exibido de forma irregular, aumente o Controle de Zoom até obter um resultado satisfatório. Este livro também contém um Índice vinculado que pode ser lido clicando no segundo Ícone de Página no canto superior esquerdo da Barra de Ferramentas. Além dos recursos normais do Adobe Reader que permitem a movimentação entre páginas, foi incluído um botão Dois Golfinhos no rodapé de cada página. Clique neste botão para avançar para a página seguinte. Para obter informações mais detalhadas sobre a configuração das Preferências de Leitura e sobre como se movimentar entre as páginas de um documento PDF, consulte o menu Ajuda.



ALFALIRA
UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

Versão Adobe PDF publicada por
Tara Communications Centre Inc.
Brampton, Ontario, Canada

© Copyright 1997 Tara Communications Centre Inc.
Todos os direitos reservados.

Este livro não pode, no todo ou em parte, ser reproduzido, transmitido, republicado ou duplicado de qualquer modo ou por qualquer outro meio sem a expressa autorização por escrito da Tara Communications Centre Inc., exceto no caso de citações curtas utilizadas em resenhas redigidas especificamente para publicação em revistas ou jornais. As matérias, artigos e informações contidas nestas reportagens não necessariamente refletem as opiniões, orientação editorial ou posições da Tara Communications Centre, Inc., mas apenas as do autor ou autores destas matérias, artigos e informações.

ISBN 1-55226-089-5



© 1997 Tara Publications™ a division of Tara Communications Centre Inc. All Rights Reserved.

ISBN 1-55226-089-5

TARA PUBLICATIONS™

ALFALIRA
UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

Parte II



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

20

<Sem dúvida uma bela maneira de se saber das coisas, essa de voltar ao passado. Gostaria de exercitar-me mais nisso.>

<É de fato muito útil para nós, mas lembre-se, Leon: Mnemosyne, a mãe das musas, não confere o privilégio de se evocar lembranças pessoais ou de se representar a ordem dos fatos perdida no passado, mas sim o poder de se ver a realidade imutável e permanente da qual o tempo, em sua marcha, só revela aos humanos uma mínima parte.>

<?>

<Ou seja: este poder só é usado a serviço do Conselho.>

<Entendo. Na verdade não poderia ser de outra forma. Mas diga-me, Apolodoro: agora que não somos mais humanos, podemos vê-lo na íntegra? Quero dizer, um membro do Conselho pode visitar o passado, agora sei, mas essa visita significa que passaremos a saber de tudo o que aconteceu?>

<Sim, se for necessário.>

<Na realidade Leon, não se trata de visitar o passado, mas de torná-lo presente ainda uma vez.>

<Pode parecer estranho, mas depois dessa experiência tenho a impressão de que o tempo oculta mais do que revela.>

<Dependendo do observador, isso em muitos casos pode mesmo acontecer.>



289

ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

<Por que, Apolodoro?>

<Porque você ainda está muito ligado à sua existência corporal, da qual ainda não se libertou totalmente. À medida em que for evoluindo, sua ligação com a matéria se tornará cada vez mais tênue, até o ponto em que compreenderá o corpo como uma restrição, uma espécie de camisa de força...>

<A partir de então você não vai apenas ver, mas ser as coisas e pessoas e animais e vegetais e minerais e tudo o que você quiser, Leon. Percebe a diferença?>

<Acho que não, Mnemosyne.>

<Para que você possa entender com sua linguagem e conceitos: espaço e tempo são uma dualidade, um par de opostos que existem apenas enquanto parte de uma dimensão. Toda dimensão encerra a polarização das oposições: espaço e tempo, bem e mal, claro e escuro, etc. Ao pertencermos à dimensão, como você até há pouco pertencia, estamos compreendidos nesta dualidade e nossa maneira de pensar a realidade é determinada por esta perspectiva dimensional.>

<Quer dizer que o real depende do ponto de vista dimensional do observador?>

<Sim, esse é o procedimento correto: de fato é necessário relati-



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

vizar dimensionalmente para se ter uma visão compreensiva da realidade, o que nos possibilita participar dela e como você dizia há pouco, apreendê-la em sua totalidade. Mas é preciso não confundir, por uma analogia falaciosa, o não-ser com o irreal. Dimensionalmente o não-ser é tão real quanto o ser, isto é, ambos tem existência real — mas em dimensões diferentes.>

<Conclusão... >

<Ergo, o tempo não é um dado da consciência, mas sim produto de seu movimento, Leon. O mesmo vale para a realidade. A referência de Mnemosyne sobre ser as coisas e pessoas, plantas, etc, significa que você estará lá, junto a elas e se quiser ou achar necessário poderá até mesmo influenciá-las.>

<Como?>

<De diversas maneiras. Você pode por exemplo dar a alguém determinada idéia, fazendo com que a pessoa pense que teve a idéia sozinha. Pode também realizar o inverso, provocando o esquecimento. Pode mudar o curso dos acontecimentos simplesmente exercendo sua influência sobre tudo. Ou pode simplesmente acompanhar os fatos, sem interferir de maneira alguma.>

<Assim como a participação, a neutralidade — ou não — do



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

observador às vezes é de extrema importância, Leon. Esse é um dos principais motivos pelos quais você está sendo preparado. O conhecimento e a utilização destes poderes só podem ser adquiridos de uma única maneira: pelo merecimento. O Conselho acredita que você merece um lugar entre seus membros, e uma das maneiras de provar que somos dignos desta escolha é através da utilização dos poderes conferidos a um Aeda. Basicamente, pelo exercício de seus critérios de julgamento.>

<Tudo isso é muito bonito. Estou lisonjeado e percebo a responsabilidade que vem junto com essas novas atribuições, mas... a verdade é que estou me sentindo meio vazio. Eu diria que falta uma certa dose de substância nisto tudo. Ainda sinto muitas saudades de um bom vinho da Champagne, e duvido que isso possa ser oculto, sublimado ou esquecido!>

<É natural. Afinal de contas não faz muito que deixou tudo isso. Mas logo você aprenderá a apreciar uma outra espécie de prazer, e então a comida, as mulheres e os vinhos parecerão... brincadeira de criança, por assim dizer.>

<Vejo que não existem segredos por aqui, mas permita-me discordar. O que pode ser mais sinuosamente deleitável do que as



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

artimanhas do espírito feminino ou o buquê de um *grand rouge*? Note bem que não me refiro ao corpo, mas ao espírito. Assim como as mulheres, os vinhos tem não apenas um corpo, mas também um espírito, como se sabe. Aliás, já foi dito que sua função é a de rejuvenescer o homem, e posso lhe garantir que ambos a cumprem maravilhosamente, mesmo que não tenham consciência disso. Ou talvez justamente porque não tem essa consciência... não estou bem certo. Mas também, quem pode se vangloriar de estar sempre certo, especialmente sobre dois temas tão voláteis?>

<Sem essa sua modéstia aparente, seu antepassado Donato estava. Talvez ele não soubesse disso, mas estava.>

<Claro que ele sabia! Será que você já se esqueceu, meu caro Apolodoro, daquilo que chamamos instinto, intuição, sexto sentido? Ora, pode chamá-lo de animal ou do que quiser, mas por que você acha que ele seguiu Renée sem nunca tê-la visto antes na vida? O que pensa que poderia ter causado uma modificação tão grande na vida de alguém como ele, assim de um instante para outro?>

<Se houve realmente alguma mudança, Leon, significa que ele já estava predisposto a isso.>

<Não sei bem se acredito nisso. Em minha opinião Donato estava



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

CAPÍTULO 20

tão predisposto a casar e ter um filho naquele momento quanto eu estava predisposto a encontrar você depois de minha morte. Pior ainda: a trabalhar numa arapuca como aquela! Seja razoável, meu caro.>

<Se não houvesse essa predisposição ele não a teria seguido.>

<Ora, seguir mulheres... será que toda essa eternidade incorpórea na qual você vive prejudicou suas lembranças da vida material?>

<Quero crer que não.>

<Pois parece que sim. Deixe-me refrescar sua memória: certas mulheres, simplesmente ao andar, revelam mais sobre si mesmas do que em toda uma confissão assinada. Donato provou ser um homem de gênio, pois percebeu instintivamente que Renée era uma mulher fora do comum apenas olhando para ela durante alguns segundos, e vendo-a de costas apenas! Ora, ele acertou na mosca: que mulher em sua época teria a grandeza de dar um presente de aniversário ao próprio marido como aquele poema?>

<Não me entenda mal, Leon. Não estou negando a participação do chamado magnetismo animal no episódio, muito pelo contrário. Mas pense bem: Donato e Renée tinham — aparentemente — muitas chances de permanecerem separados um do outro, mas na realidade estavam prontos para se unir. Claro, suas ações foram intuitivas no



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

início, mas se dependesse unicamente da intuição não teriam chegado ao ponto de serem encontrados pelos membros do Conselho. E há uma outra coisa: você estava predisposto a unir-se a nós depois da morte sim senhor, ainda que não tivesse consciência disso.>

<Você fala como se tudo o que aconteceu com eles e comigo tivesse sido predeterminado por vocês.>

<É preciso que você compreenda que por trás de cada vibração, mesmo da mais ínfima das partículas elementares, existe a determinação da Consciência Universal. Neste caso em particular, pode-se dizer que em certos momentos nossa interferência no rumo dos acontecimentos tenha sido percebida como... um sopro intuitivo. Isto é, caso tenha sido percebida. Procuramos ser... discretos ao máximo, você entende. Ou não?>

<Não, Apolodoro, não entendo. Está querendo me dizer que vocês influenciaram, usando de seus poderes ou seja lá como for, o curso dos fatos, levando-nos a agir de acordo com seus interesses?>

<Não exatamente. Sim e não. Isso tem que ser observado de nosso ponto de vista, Leon.>

<Ponto de vista?! Está sugerindo que o nascimento da Consciência Universal na Terra não foi obra da evolução histórica da espécie



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

humana, mas sim algo manipulado por vocês? Só falta você me dizer que minha morte também foi.>

<Não vamos exagerar.>

<Ainda há pouco você mencionou a impossibilidade de alteração do real. Como pode então falar em ponto de vista, Apolodoro?>

<Só o conselho Dimensional está isento dessa impossibilidade. Há pouco falávamos a respeito disso, da utilização de nossos critérios de julgamento para decidir intervir ou não, lembra-se? Compreenda, Leon, que os membros dos Conselhos Galáctico e Universal agem sob expressa delegação do Conselho Dimensional quando alteram uma realidade determinada. Assim como todos os outros, seu planeta não escapa a essas injunções. E posso lhe garantir que sua morte foi causada exclusivamente por motivos naturais.>

<Tudo isso me soa como uma contradição em termos.>

<Leon, é preciso que você realmente compreenda como as decisões desse tipo e importância são tomadas.>

<Estou ouvindo, Mnemosyne.>

<O Conselho Galáctico aprecia em detalhes a situação de um planeta em particular, como por exemplo a Terra, considerando diversas instâncias que podem ou não determinar a intervenção. A deliberação



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

CAPÍTULO 20

é feita em instâncias superiores. Há ainda outros casos que requerem um adiamento da ação, o que não a torna menos necessária. No caso da Terra, o curso de seu desenvolvimento histórico indicava que dentro de um período de tempo muito reduzido, mesmo para os limitados padrões terrestres, uma de duas linhas de ação teria de ser empregada: ou uma solução drástica, em vista do fato da escalada auto-destrutiva que punha em perigo não apenas a espécie humana, mas o próprio planeta e por conseguinte o sistema solar como um todo, ou então algo mais sutil, que desviasse sua civilização da sua rota de auto-destruição sem deixar aparente qualquer indício de, vamos dizer assim, interferência externa.>

<Sutil, hein? E eu que sempre pensei que a suprema sutileza fosse a forma de expressão matemática das leis universais. Sim, meus caros, a matemática, a ferramenta com a qual as leis da natureza foram construídas. Isso é sutil para mim. Precisei morrer e renascer, ou seja lá o que for que esteja acontecendo comigo agora, para saber que Renée ficou grávida por decisão do Conselho! É isso que chamam de sutileza?>

<Nada do que foi feito, Leon, nada — incluindo a gravidez de Renée — deixou de ser considerado pelo Conselho como de vital importância



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

para seu planeta. Foi justamente por isso que começamos sua preparação com a visita a esse período. É preciso lembrar que em sua sociedade do século XX idéias que não atendiam a interesses de grupos de poder não eram desenvolvidas; que o conhecimento era restrito a quem podia pagar por ele; que conseqüentemente o saber era poder e vice-versa; que a supressão dessa — por assim dizer — ignorância se daria somente através de uma efetiva distribuição da capacidade de saber, não apenas a respeito de objetos determinados do conhecimento como também — e principalmente — a respeito do princípio regulador do funcionamento da mente humana. E esta conquista se dá através do auto-conhecimento, do conhecimento do outro como conhecimento de si próprio.>

<Então o desenvolvimento da humanidade em direção à consciência planetária como resultado histórico de seu próprio esforço não passa de um mito?>

<Pelo contrário, trata-se de um movimento de inequívoca e legítima realidade e autonomia. Nós apenas, hã... demos uma mãozinha. O que pode ser considerado como mito, pelo menos na época em questão, era a utilização da linguagem para disseminar uma escala de valores que pertencia exclusivamente à classe dominante junto às demais



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

classes sociais, emprestando-lhes assim sua visão de mundo para legitimar a dominação. Tal era o estágio desse processo na época de Donato e Renée.>

<Eu costumava pensar que a dominação decorresse da ausência de conhecimento, Apolodoro.>

<De fato em muitos casos foi assim. Mas não creio que se possa afirmar isso como princípio universal.>

<Será? Não tenho tanta certeza assim. Talvez a única manifestação de real prodigalidade da providência divina para com a natureza humana seja esse atributo unanimemente considerado como abundante: a ignorância. Eis aí o seu princípio universal. Ignorantes nascemos e ignorantes morremos, não importa quanto aprendamos no decorrer da vida, e assim como as infinitas tonalidades de cinza apesar da infinitude continuam sendo desta mesma cor, alguns chegam ao final um pouco mais leves do que os outros, que não foram tão bem sucedidos em livrar-se de uma parcela maior deste peso genealógico que repousa sobre as cabeças de todos nós desde que nascemos. Pois a ignorância não é privilégio de ninguém, e se ao morrer somos um pouco menos ignorantes do que éramos ao nascer, ainda assim morremos ignorantes, Apolodoro.>



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

<Tem certeza disso?>

<Penso que sim. É imponderável a vastidão deste verdadeiro oceano de dúvidas que nos cerca, e muitos de nós não conseguem chegar a uma daquelas ilhotas de sabedoria, esparsas porém não de todo inexistentes. A sabedoria é portanto a sobrevivência ao naufrágio no oceano da ignorância, e os homens mais sábios são justamente aqueles tem a mais profunda consciência não daquilo que já sabem, mas daquilo que ainda ignoram.>

<Falou como um verdadeiro Aeda, meu caro — ainda que num estilo meio *demodé*. Apesar do fato de ignorar tudo ao nascer estar em conformidade com a Lei Universal, que na Terra muitos chamam de Karma, o desenvolvimento desta sabedoria é o próprio desenvolvimento da espécie humana e se constitui numa expressão absolutamente legítima dessa mesma Lei.>

<Sei disso, mas por que intervir diretamente, Apolodoro? Ainda não entendo isso. Essa lei que você cita parece ser justamente o que torna qualquer intervenção algo contraditório.>

<Disse bem, Leon: parece. Em muitas ocasiões a aparência não coincide com a essência. Intervimos no presente caso para vencer, entre muitas outras coisas, o abismo existente entre o desenvolvimento



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

moral, ético, e o do conhecimento técnico das leis da natureza, restaurando o equilíbrio entre ambos; para evitar que a qualidade de vida continuasse dependendo da qualidade da morte, promovida por armas cada vez mais eficientes nas mãos de governantes cada vez mais deficientes; para aniquilar definitivamente as mesquinhas formas de sociabilidade que faziam com que se produzisse alimento para ser jogado fora enquanto tantos outros seres humanos morriam de fome. Para isso foi necessário o surgimento de um novo homem no planeta, cujas virtudes viriam a contribuir para a origem e disseminação de uma nova forma de pensar.>

<Como tem certeza de que não seria melhor esperar que a evolução natural trouxesse esses progressos?>

<A chamada evolução natural é apenas uma teoria, Leon. Só a total transparência da consciência torna possível o conhecimento rigorosamente verdadeiro dos motivos e interesses que determinam as ações humanas. Era isso que seu planeta mais necessitava naquele momento. A extensão das possibilidades da mente humana diminui a distância entre a consciência individual e a coletiva, geral. Ela é o princípio da união do interesse individual e do coletivo. Agora você entende porque a gravidez de Renée era necessária?>



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

<Não preciso que você me explique a Consciência Universal, já que trabalhei a vida inteira por isso. Sei que vocês pensam em termos mais generalizados e a longo prazo, mas ainda assim tenho dúvidas sobre a validade ética de intervenções como essa. Sabendo que a Consciência Universal nasceu pela interferência do Conselho Galáctico, sinto-me como se fosse um descendente de mim mesmo. Não entende, Apolodoro? Isso faz com que a história da Humanidade seja um cachorro que morde a própria cauda.>

<De fato esse é um ponto delicado. Pode-se dizer que a Humanidade sempre teve o poder de se autodeterminar historicamente. Nós apenas damos uma mãozinha de vez em quando...>

<Isso para mim chama-se trapaça...>

<Vamos ver se você compreende melhor colocando a questão dessa forma: suponha que a Humanidade fosse uma criança em desenvolvimento. Você faria tudo para que ela crescesse bem e com saúde, não? E se para isso fosse preciso desviá-la de um abismo ou orientar-lhe os passos numa estrada perigosa você certamente o faria, não?>

<Sim, mas...>

<O princípio ético que rege nossa ação deriva do conceito de



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

preservação da identidade. Em linhas gerais, o Conselho não aprova nenhuma medida que prejudique as garantias individuais. Você certamente já pensou sobre o assunto, embora essa questão já tivesse sido satisfatoriamente resolvida por ocasião do seu nascimento como Leon Stein. Basicamente, traduz-se no seguinte: até que ponto esta união social da consciência não tornaria o indivíduo desprovido daquilo mesmo que o caracteriza como indivíduo? O que garante sua identidade, aquilo que tem de particular, único, o seu Eu? A Declaração dos Princípios Dimensionais aprovada pelo Conselho? O indivíduo se dissolveria na coletividade, que predominaria absoluta? O ponto principal é que a verdadeira individualidade surge como resultado do processo de unificação da consciência. Só a consciência unificada é capaz de formar o indivíduo real, completo e absolutamente genuíno em identidade e caráter.>

<Como sabe, algum tempo atrás resolvemos essa questão por meio da estética. Mas encarando a coisa de nosso ponto de vista atual, fico a pensar se essa solução foi mesmo nossa.>

<Particularmente acredito que essa solução encontrada por seu planeta está entre as melhores que conhecemos.>

<Quer dizer que isso não foi obra de vocês?>



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

<Meu caro Leon, adoração de ícones certamente não está entre as atividades que promovemos.>

<Ícones? Não seja sarcástico, Apolodoro.>

<Desculpe, mas são ícones sim. Foram a expressão mais acabada da íntima relação entre a sobrevivência, como símbolo, da representação da idéia do sagrado e a progressão do conhecimento técnico das leis da natureza nos últimos dois séculos do segundo milênio. Esta representação simbólica do sagrado sempre foi eminentemente estetizante desde os primórdios, graças ao trabalho de artífices dedicados à consagração de seu ideário em instituição. Veja Chartres, Notre Dame de Paris, Andrei Rublev, Michelangelo ou Cellini, por exemplo. Com o passar do tempo seu conteúdo doutrinário foi corroído pela descrença, embora o conjunto de ícones e símbolos permanecesse como obra de arte sacra. Paralelamente, a arte e a filosofia viriam a desvincular-se da idéia do sagrado para assumir formas, estruturas e finalidades próprias, autônomas, sempre condizentes com o desenvolvimento do conhecimento das técnicas e da compreensão das leis da natureza. O passo seguinte foi a manifestação da individualidade através do sentido estético. A arte se tornou a mais elevada forma de individuação, de expressão da identidade, um dos



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

mais fortes elos de ligação entre a liberdade individual e a coletividade da consciência.>

<Com uma 'mãozinha' de vocês, suponho...>

<De certa forma. Mas não pudemos deixar de aprovar essa maneira de solucionar o problema, ainda que essa solução tenha tido mais razões históricas do que quaisquer outras.>

<Posso saber o motivo de tanta simpatia?>

<Que são o vinho e todos os outros prazeres sensoriais comparados com o prazer estético, Leon?>

<Pelo que sei, o prazer estético também é sensorial.>

<Concordo. Mas mesmo entidades materialmente incorpóreas em sua dimensão, assim como nós, não são totalmente desprovidas de sentidos. A estética orienta a ação de todos os Adelphos Aedas.>

<Não posso acreditar que para vocês a justiça, o direito das pessoas, povos e civilizações são secundários em relação a...>

<Nem deve acreditar nisso. Pensamos que o perfeito equilíbrio da justiça e do direito visto como um todo também pertence ao domínio do estético. E para que o equilíbrio e a sobriedade estética sejam praticados com perfeição, é preciso que a verdadeira dimensão ética destas noções nunca seja relegada. Mas creio que você compreenderá



ALFALIRA
UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

CAPÍTULO 20

melhor nossa posição se voltarmos novamente ao passado. Mnemosyne, você teria a bondade?>

<Claro.>

<Para onde, ou melhor, para quando vamos agora — se é que posso perguntar?>

<Certamente que pode. Não muito distante, no tempo e no espaço, de onde acabamos de retornar, Leon. Você gostaria de ver como a segunda e a terceira gerações dotadas de consciência total agiram em seu planeta?>

<Por que não?>

<Antes de partirmos, Apolodoro, gostaria que ficasse bem claro para nosso irmão Leon a necessidade e sobretudo, o significado desta peregrinação pelo passado.>

<Pois não, Mnemosyne.>

<Suponho que a esta altura dos acontecimentos você já esteja notando o sentido deste nosso trabalho, Leon.>

<Se estou entendendo, vocês pretendem me mostrar a gênese da Consciência Universal na Terra.>

<Correto. Mas por que motivo?>

<Quem sou eu para saber? Se vocês consideram isto importante,



ALFALIRA
UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

não serei eu quem vai questionar.>

<Sua humildade e disposição para aprender é louvável, Leon, mas há um determinado aspecto deste processo de aprendizado que é preciso enfatizar. Gostaria de chamar sua atenção para o conceito de peregrinação. *Jus Peregrinu* era aquele viajante que, ao atravessar terras estrangeiras, tinha o direito de não se submeter às leis locais. Como vê, não é sem motivo que emprego este termo, e gostaria de ressaltar a importância de termos esta noção em mente com a mais absoluta clareza durante nossa presença em tempos outros.>

<Suponho que isso aumente ainda mais nossa responsabilidade.>

<Vejo que você compreendeu exatamente o ponto levantado por Mnemosyne, Leon.>

<Neste caso estamos satisfeitos. Prontos? Então vamos.>



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

21

O sentimento de que havia algo importante a fazer substituiu o despertador naquela manhã. Noel levantou-se devagarinho para não acordar a mulher e foi para o chuveiro. Pela janela espiava o dia começando com uma luminosidade ainda tênue, encorajada pelo canto dos sabiás e bem-te-vis a desenvolver-se e tomar conta do resto de céu ainda escuro. Tudo indicava que aquele seria mais um dia quente. Em pouco mais de duas horas estaria à beira-mar, onde com certeza o calor seria bem maior. Vestiu bermudas, camiseta e uma sandália de couro trançado, beijou a mulher e o filho ainda deitados e saiu.

Tinha pela frente pouco mais de duzentos quilômetros de estrada até seu destino e mais outro tanto na volta, o que representava umas cinco horas de viagem. Com as mãos no volante e os olhos na estrada, Noel pensava na vida. Rememorava a infância, os pais. Especialmente o pai. Buscava acrescentar à pequena lembrança que tinha dele alguma coisa que ainda pudesse estar soterrada na memória, como se fosse um arqueólogo procurando a localização exata da passagem secreta para o tesouro escondido. Ao pensar nele a imagem que lhe vinha à mente era a do mar, do lugar onde nascera e passara a primeira infância, a época mais feliz de toda a sua vida. A última recordação que tinha do pai vivo, ensinando-lhe a observar a movimentação das ondas



308

ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

CAPÍTULO 21

e a aproveitar sua força para entrar, sair e mesmo permanecer na água era como a beirada de um abismo, a fronteira entre o solo firme e o vazio, o tudo e o nada.

Mas esse tudo não era suficiente para Noel, que por isso esforçava-se por arrancar do esquecimento qualquer outra imagem, palavra ou sensação que pudesse desencadear alguma nova lembrança daquele que conhecera tão pouco em vida. Lembrava-se de episódios esparsos, cuja ordem na sucessão temporal fora embaralhada pela névoa das recordações de infância. Um em particular lhe vinha à mente, um dia claro em que ele, acompanhado do pai, foi apanhado cometendo o flagrante delito de fazer xixi na praia por uma mulher, uma destas senhoras gordas, banhistas inveteradas que nunca vão à praia sem a devida companhia de chapéus, chinelos e todo um aparato logístico de fazer inveja a qualquer nômade do deserto do Saara, e que ao vê-lo naquela atitude tão prosaica não resistiu :

“Mas que pintinho lindo!”

“Ah, esse é pequenininho, você precisa ver o do meu pai...”

Apesar de conhecer o fato mais pela narrativa da mãe do que propriamente pela sua memória, Noel quase nunca deixava de rir ao imaginar a cara sem graça de seu pai na ocasião. Foi a única vez em



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

que ele o mandou calar a boca. Mas episódios nitidamente lembrados como aquele eram exceção à regra geral do olvido, como dizem os poetas. Por fim desistiu, sem a certeza de que sua busca de algo há muito esquecido não se misturava inseparavelmente com tudo o que veio a saber do pai depois da sua morte. Quantas vezes havia tentado a mesma coisa, sempre com o mesmo resultado? Noel sabia que a memória é um labirinto, cuja saída é encontrada apenas quando uma determinada relação — na maioria das vezes totalmente absurda para nossa mente consciente — estabelece-se entre o que queremos lembrar e aquilo que está armazenado nela, relação cujo processo de desencadeamento pode ser tão aleatório quanto o peixe puxado para fora da água pelo anzol. Mas continuaria tentando. Talvez um dia o peixe certo viesse morder a isca.

Lembrou-se então da mudança com a mãe para a cidade grande, da difícil adaptação à nova vida, à escola, aos colegas, à falta do mar e do pai, morto recentemente. Época de grandes aprendizados. Quantas dificuldades sua mãe enfrentara para dar conta de sua educação e desenvolvimento, suportando bravamente a ausência da única outra pessoa que poderia dividir com ela o peso de tão grande tarefa, em muitos aspectos sem precedentes. Resguardar o filho e a si própria da



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

CAPÍTULO 21

curiosidade suscitada por declarações inadvertidamente sinceras, tão ao costume das crianças, que volta e meia ameaçavam levantar o véu que cobria o segredo daquela singular comunicação entre mãe e filho não fora, certamente, um dos problemas mais fáceis de resolver.

Hoje ele próprio era pai e seus problemas com o filho eram de natureza semelhante. De fato aquele era um dia especial, o aniversário de Manoelzinho. Noel estava convencido de que este era o momento de por em prática um plano que acalentava desde o seu nascimento, há seis anos: o de presentear o filho com o diário do avô. Queria transmitir a ele o quanto antes o legado que ele próprio recebera da mãe, depois da morte do seu pai. Precisava a todo custo evitar que Manoelzinho passasse pela mesma situação caso uma fatalidade o atingisse. Este era o motivo de sua viagem até a casa onde nascera, casa que pertencera a seus pais e que hoje era sua, lugar onde sua própria vida tivera início trinta anos atrás: depositar nas mãos do filho não apenas o conteúdo, mas a própria obra em papel e tinta, a narrativa da gênese dos extraordinários poderes mentais da família.

Subitamente o tráfego tornou-se mais lento, obrigando-o a diminuir a velocidade e a distrair-se de seus pensamentos. Alguma coisa adiante estreitava a passagem e um caminhão, formando uma verdadeira



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

parede à sua frente, não lhe permitia identificar a causa. Conferiu o relógio: fazia quase uma hora que saíra de casa. Lembrou-se da mulher que deixara na cama. Ela não ignorava a existência do diário do sogro, mas nunca o lera em sua totalidade: sua curiosidade não foi além de algumas passagens. Marlise era preguiçosa para ler, e preferira ouvir do marido um resumo da novela. Noel tentava prever as consequências que aquela leitura traria para sua família. Pensava justamente nisso quando passou pelo estreitamento da pista e viu que a metade da direita cedera, formando uma rachadura em forma de um U alongado de uns três, talvez quatro metros de comprimento. E se a leitura do diário fizesse com que o solo desaparecesse debaixo de seus pés como aquele buraco na estrada? Manoelzinho já tinha instintivamente noção do que se tratava, mas Marlise... Noel não tinha certeza. Não a respeito dela.

Passado o obstáculo o trânsito se normalizou e ele pode voltar à velocidade de cruzeiro. Sua memória voltou aos tempos de faculdade, quando a conhecera. Uma das mais bonitas garotas da escola, Marlise chamava a atenção de todos não somente por sua beleza mas sobretudo pelo charme, inteligência e elegância que davam substância aos atrativos de suas formas. Haviam sido colegas no primeiro ano e ami-



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

CAPÍTULO 21

gos durante o segundo. Então Marlise viajou para o exterior e sem ela a escola — e a vida — pareceram vazias para Noel. Foi durante aqueles quase dois meses de separação que ambos se deram conta do quanto se queriam. Ele jamais se esqueceria do abraço que marcaria para sempre suas vidas, no dia em que ao entrar distraidamente na sala de aula foi pego de surpresa por um par de olhos faiscantes seguidos da enorme cabeleira cor de mel que voavam em sua direção. Ela havia acabado de chegar ao país, na escola e em sua vida. Desde então não se separaram mais.

Noel acreditava que aquele era o momento certo para revelar-lhes o conteúdo total do diário. Durante todos estes anos havia esperado, não sem muita impaciência, por este dia. A história da vida de seus pais, contada com suas próprias palavras, encadeava-se na história da sua vida e na de seu filho, explicando-as, conferindo-lhes sentido. De fato era a mesma história, una, indissociável. Soubera por sua mãe que o diário, manuscrito muitas vezes à luz de velas na casa da praia onde nascera, fora iniciado durante o período de sua gestação. Noel e a narrativa da história de sua família haviam portanto começado juntos, e anos depois caberia a ele coligir e organizar as anotações do pai. O resultado foi um calhamaço datilografado a partir de uma



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

CAPÍTULO 21

dúzia de cadernos e papéis avulsos cuja leitura era dificultada principalmente pela caligrafia, já que seu pai escrevia movido a sucessivas caipirinhas. Outro problema foi encontrar a seqüência correta de ordem temporal. Noel passara praticamente toda a adolescência organizando aquele amontoado de garatujas que era o legado de sua existência, ajudado sempre por Renée, a indispensável tradutora de hieroglifos, detentora única do segredo da Roseta — a chave da tradução. Sem a preciosa ajuda da mãe, provavelmente nunca teria conseguido dar um jeito naquilo.

Um ruído estranho desviou-lhe a atenção das reminescências. Saíra de casa há mais de hora e meia e ainda estava sem comer. Aquele lembrete estomacal serviu de peso sobre seu pé direito, e Noel desceu a serra no limite de aderência, pensando no peixe frito do bar do velho Omar. Hoje com quase sessenta anos, o Barbante, como era chamado, fora grande amigo de seu pai e em diversas ocasiões carregara-o no colo — nem sempre muito sóbrio. Naquela época o Barbante era jovem, forte e saía para mar aberto junto com o primeiro time de pescadores da região. Seu pai ajudara-o a conseguir o que hoje costumava chamar de *Aposentec*, mais precisamente a mistura de pequeno bar, empório e mercearia, com a tradicional plaqueta de se-



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

CAPÍTULO 21

cos e molhados na porta. O pessoal dali costumava dizer que o único molhado era o Barbante, e por esta razão o plural de molhados deveria ser alterado para singular, já que o velho era responsável por boa parte do consumo de bebidas de seu próprio boteco. Como ele não admitisse que Noel passasse sem pagar-lhe pedágio tanto na ida como na volta, sua parada ali já era tradicional. Matava as saudades do velho, ficava sabendo de tudo o que acontecera desde sua última visita e não raro levava dali o peixe para o almoço.

A paisagem marinha descortinava-se por baixo da névoa da manhã, bastante dissipada pelo sol forte. Já era possível avistar a orla marítima daquele ponto da estrada e em pouco tempo Noel sentiria novamente o perfume do mar trazido encosta acima pelo vento. Contra a linha do horizonte, como um fundo de duas tonalidades de azul que lhe eram imensamente agradáveis, podia-se ver o pequeno contorno triangular de uma vela, provavelmente algum felizardo em férias velejando durante a semana. Aquela vista exercia sobre ele um certo efeito calmante, uma agradável sensação de relaxamento. Desde que nasceu, Noel nunca deixara de sentir algo muito forte todas as vezes em que se aproximava do mar, como um filho pródigo voltando às profundezas do seio materno sempre que tinha a areia entre os



ALFALIRA
UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

dedos dos pés e a maresia a invadir-lhe os pulmões — preâmbulo de uma relação atávica que se renovava sem cessar.

Parou o carro bem na porta do bar do Barbante e dali mesmo pode ver que ele não estava. Desceu espreguiçando-se e entrou no boteco. Achou um garoto de uns dez anos escondido atrás do balcão.

“Você não é o filho do Munheca?”

“Sou.”

“Como você cresceu, hein? E o seu pai?”

“Bem.”

“Cadê o Omar?”

“Saiu mais o pai.” Aquele laconismo era timidez, pois o garoto não se lembrava daquele estrangeiro que parecia conhecer todos ali. “Foram buscar o carro que enguiçou na subida do morro”, continuou.

“Faz tempo que saíram?”

“Acho que uma hora, mais ou menos.”

“Por favor, quando chegarem diga-lhes que Noel passou aqui.”

“Digo sim sinhô.”

A tal subida do morro não ficava em seu caminho. Era uma variante toda em terra que usualmente apresentava condições lamentáveis, um lamaçal cheio de buracos que mesmo fora da época das chuvas



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

CAPÍTULO 21

dava trabalho a muitos incautos. Do boteco do velho até sua casa era preciso percorrer cerca de trinta e cinco quilômetros em direção ao norte, pela estrada costeira que serpenteava ao redor das elevações de terreno entre uma praia e outra. Dos pontos mais altos avistavam-se belíssimas marinhas, como dizem os pintores. O calor era forte e a sensação do corpo colado ao banco, encharcado de suor, contribuía para que ele procurasse chegar o mais rápido possível. O vento, perfumado de iodo e sal, invadia o interior do carro e Noel desgrudava as costas do assento para aproveitar seu efeito refrescante. Saiu enfim do asfalto, enveredando por uma estreita pista de cascalho ladeada de vegetação. Lembrava-se ainda da espessa mata que nos seus tempos de criança dominava a região. Aqui e ali ainda era possível reconhecer velhas e imponentes árvores que tinham sobrevivido à devastação, ainda testemunhando sua predominância passada. Para ele eram marcos referenciais na sua história. Havia inclusive uma pedra que conservava as iniciais de seus pais, gravadas pouco antes de seu nascimento.

A pista de cascalho contornava a base do morro tendo o mar à esquerda até chegar à praia, onde terminava. Pouco antes do final ficava o acesso à casa de Noel, à direita depois de uma pinguela sobre



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

CAPÍTULO 21

o arroio que descia a encosta, ladeando o seu terreno. A nascente estava acima da casa e seu traçado marcava a confluência das duas colinas siamesas. A casa ficava na metade da altura da encosta, numa espécie de nicho cercado de vegetação de onde podia-se ouvir o murmúrio do regato, especialmente nas noites calmas e de pouco vento quando os vaga-lumes e as cigarras formavam, junto com ele, uma inefável nuvem de som e luz entre a casa e o mar. O local todo estava impregnado de uma atmosfera mágica extremamente poderosa. Era como se ali estivesse localizado o polo norte de sua existência, a fonte originária de todo o magnetismo que orientava a bússola de seu coração, seu ponto de partida e de eterno retorno.

Não subiu diretamente. Parou o carro no início da encosta, em frente à casa do velho João, outro dos amigos de seu pai que também ajudara a criá-lo e ainda morava ali com a família, cuidando de tudo durante sua ausência. Desligou o motor e antes de sair do carro pode ver através da janela da casinha o sorriso de Linda, que chamava pela mãe anunciando o recém-chegado. Ela era a filha mais nova do velho e a única que ainda morava com eles, depois do casamento das outras. Na exuberância de seus dezessete anos, o nome — corruptela de Deolinda — fazia-lhe justiça. Dona Ana, sua mãe, era branca e do



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

CAPÍTULO 21

casamento com o preto João resultara uma prole de seis, dois homens e quatro mulheres. Como produto de um contínuo aperfeiçoamento, Linda era de todos a que melhor representava não apenas a beleza das feições de ambos mas também a essência de seu bom humor. Não se podia dizer se o dourado queimado de sua pele era devido ao sol ou ao nascimento, mas a alegria inata em seu ser, revelada principalmente pelo constante desabrochar de seu sorriso, era considerada por muitos — Noel inclusive — como um dom, uma bênção das fadas.

Entrou para cumprimentá-las e saber do velho João. Como ele não estivesse em casa e as duas andassem atarefadas com os deveres domésticos, resolveu não perturbar. Depois de uma breve saudação pegou as chaves e remetendo a narrativa das novidades para a hora do almoço, quando contariam com a presença do velho, Noel subiu. Já se iam dois meses desde a última vez em que estivera ali. A casa ficava numa clareira nivelada na encosta, uma espécie de degrau numa rampa de talvez uns vinte graus de inclinação. Antes de entrar, foi dar uma volta no jardim para cumprimentar as plantas. Olhando para baixo, Noel pôde perceber a nuvem rosada que emanava da casinha, projetada pelas vibrações amorosas do pensamento de Linda.



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

CAPÍTULO 21

O sobrado de madeira e estuque fora construído utilizando-se ao máximo o material que na época estava disponível nas redondezas. Sua estrutura, desde as colunas principais até o madeirame do telhado, era feita de troncos de árvores escolhidos pela simetria e envernizados. Composta em três planos, a casa tinha a varanda de frente para o mar e os fundos para a continuação da colina, sustentada diretamente pela parede traseira, toda feita em pedra e onde havia até um misto de lareira, fogão de lenha e churrasqueira. O telhado tinha a forma de um V invertido e a ausência de forro revelava as treliças e vigas do madeirame de sustentação. Como os outros pavimentos também não dispusessem de forro, sua estrutura era toda aparente desde o telhado até as fundações, que na parte anterior formavam uma espécie de porão. A sala, disposta entre os dois quartos que também davam acesso à varanda, comunicava-se com a cozinha nos fundos, resumindo o andar principal. Por meio de duas escadas laterais que acompanhavam a inclinação do terreno atingia-se, desde a larga varanda, as dependências inferiores. Com seus dois quartos dando frente para uma pequena piscina com um chafariz no meio, todo o andar térreo era cercado por uma cortina de bambus que, se impedia a visão ampla do mar, por outro lado garantia a privacidade.



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

CAPÍTULO 21

Apesar de cada quarto possuir seu próprio banheiro, desde pequeno Noel sempre preferira fazer xixi no bambuzal. Costumava dizer que sem isso eles não cresceriam tão bem. O jardim era de fato sua parte preferida e aparentemente sua técnica de irrigação dera bons resultados: em suas conversas com as plantas algumas até se queixavam, enciumadas por não terem recebido o xixi com que outras haviam sido presenteadas. Além dos bambus e bananeiras, havia também outras espécies de vegetação que formavam a cerca viva, tornando a casa praticamente invisível para quem observasse do pé da colina ou mesmo da praia, porém sem obstruir a vista da varanda. À esquerda de quem observasse o mar ficava o pátio de estacionamento, cujo acesso direto desde a estrada dava-se através da íngreme subida calçada em pedra que se interpunha entre a casa e o arroio. Havia ainda uma outra via de acesso exclusiva para pedestres que não passava de simples tocos cravados no gramado, levando mais abaixo até a casa do velho João.

Na época em que nasceu o vizinho mais próximo ficava a quilômetros dali. Até hoje Noel ainda se lembrava, embora vagamente, da construção da casa do velho, que ele e seu pai ergueram juntos. Foram os primeiros vizinhos. Hoje não eram mais os únicos, mas felizmente isso não afetava em quase nada a privacidade e o sossego do lugar.



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

CAPÍTULO 21

Subindo a escada lateral, Noel chegou à varanda e abriu a porta da sala. A luz da manhã projetou o contorno de sua sombra na parede dos fundos. À direita e esquerda, contra as paredes, ficavam as estantes com livros e no centro, a velha mesa de mogno com seus pés torneados e seu tampo de pranchões. Depois de puxar a cadeira de balanço para fora, liberando o espaço central da sala para se caminhar, Noel voltou à sala e olhou em redor. Ali, durante as tantas horas em que ele e sua mãe passaram sentados à velha mesa, conversando mudamente sobre suas origens e seus destinos, aprendera quase tudo o que considerava como fundamental, como o mais importante. Era ali que ela gostava de sentar-se, e ainda podia sentir o delicado aroma de chá de hortelã que bebia enquanto lhe ensinava tudo o que sabia a respeito de si mesma, dos outros, do mundo. Noel devia a ela, entre outras coisas, sua assombrosa capacidade de autocontrole, em parte herdada, mas grandemente aperfeiçoada por ela ali mesmo, durante as longas e quentes noites de verão.

Abriu o quarto que fora dos pais e apanhou dois castiçais de cima da cômoda. Depois de limpá-los, colocou duas velas novas e acendeu-as, desejando que a felicidade vivida por eles pudesse continuar para sempre a iluminar o futuro de toda a família. Desde a morte de seu



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

CAPÍTULO 21

pai jamais sua mãe permitira a qualquer outra pessoa conhecer aquela casa. Lá eles se refugiavam de tudo e todos, podendo se dedicar exclusivamente um ao outro. Contestado na época, hoje seu sentimento de necessidade de reclusão era absolutamente compreendido e compartilhado por ele. O retrato do casal colorido de sépia pelo tempo e o lindo bloco de coral, que sempre ficara entre os castiçais, foram os últimos a vê-la com vida. Embaixo dele, ali mesmo no centro da cômoda, Noel encontrara a carta deixada por ela antes de ir nadar pela última vez. Foi durante uma das poucas vezes em que deixara de acompanhá-la até a praia para ficar com Marlise, que apesar de já ser sua noiva e futura mãe de seu filho, ainda não havia obtido o passaporte para ingressar naquela casa. O episódio passara a ser para Noel uma inesgotável fonte de remorsos e arrependimento.

Vários potinhos de barro cheios de conchas apanhadas durante os longos passeios que costumavam fazer pela praia serviam como apoio para os livros. Depois da morte do marido a companheira inseparável de sua mãe passou a ser a literatura, e não foram poucas as vezes em que de manhã cedo ele a encontrava acordada, ainda lendo o mesmo livro da noite anterior. Quão terrível deveria ter sido o sentimento que se apossava dela e a impedia de dormir, cuja origem estava na



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

CAPÍTULO 21

ausência da única pessoa além dele próprio que ela poderia amar irrestritamente! Viver anos a fio com a consciência de estar condenada a nunca mais dividir os mais íntimos e reveladores pensamentos com ninguém a não ser ele, seu filho! Noel jamais se atrevera a sugerir, ainda que da maneira mais leve, que ela se casasse novamente.

Empilhados numa das prateleiras mais baixas estavam, bem empoeirados, os manuscritos do diário de seu pai. Ao lado os fichários com a ‘restauração’ datilografada, resultado de dez anos de seu trabalho. Retirou-os um a um e colocou-os em cima da mesa. Não era sem uma ponta de orgulho que Noel manuseava aquele material, o legado de sua família, o marco zero, o gênesis, a concretização de sua origem numa narrativa que significava, antes de mais nada, a História na acepção da palavra. Ali naquele diário estava toda a sua verdade, que era também a de seus pais e a de Marlise e Manoelzinho. A vida e os fatos assim o estabeleciam, de maneira certa, cristalina, indubitável. Eles tinham o direito de conhecer as reais condições que vieram a determinar irreversivelmente suas existências. A unidade de seu lar e a consciência que Manoelzinho tinha de si, de como chegara a ser o que era e por que, dependiam diretamente do conhecimento daquela narrativa, do conhecimento completo da verdade.



ALFALIRA
UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

CAPÍTULO 21

Durante algum tempo Noel ficou a perambular pela casa, absorto pelo passado, observando os objetos e destilando as recordações que cada um deles lhe trazia de volta à mente.



ALFALIRA
UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

Noel ouviu passos e ao olhar em direção à porta encontrou o sorriso de Linda, que chegava trazendo uma bandeja com café, pão, açúcar, manteiga, biscoitos, geléia e outros que tais.

“Oi! Te atrapalho?”

“Pelo contrário. Estou morrendo de fome.”

“Aposto que saiu sem comer nada.”

Noel olhou para o relógio, tentando disfarçar a falta de resposta.

“Eu sabia”, ralhou ela.

“Você e sua mãe são meus anjos da guarda. Sempre que...”

“Foi eu quem fiz tudo”, disse ela com uma firmeza que o impressionou. “Minha mãe está lavando roupa.”

“Muito obrigado”, disse ele humildemente. Ela voltou-se e sorriu, desta vez com doçura.

“De nada. Posso servir?”

“Só se você ficar e me fizer companhia.”

Sua resposta, dada enquanto se sentava, foi um sorriso ainda maior. Ele sabia que a pequena requeria muito tato, especialmente porque não era mais a criança alegre à qual havia se acostumado. Vira-a nascer e crescer, e agora que já possuía todos os atributos de mulher feita o lugar que ocupava nos seus sentimentos assumia outras



ALFALIRA
UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

dimensões — o que às vezes o embaraçava. A danada sabia exatamente quanto de açúcar ele punha no café e como gostava da manteiga no pão, entre outras coisas.

“Pena que já sou casado.”

“Por que?”

“Porque se não fosse, ia agora mesmo pedir sua mão para o velho João.”

“Ha!”, desdenhou ela.

“Aposto que ele sairia correndo atrás de mim com a peixeira na mão, mas que eu ia, ia.”

“Mentiroso”, disse ela, rindo.

“Conte uma coisa para mim, Linda” disse ele mudando as feições e o tom de voz para marcar a seriedade. Fez uma pequena pausa e lascou, rápido: “Você já anda namorando, né?”

Ela riu e baixou a cabeça, sem responder.

“Você anda dando trabalho para os velhos, não é?”

“Mais ou menos” respondeu ela, meio a contragosto mas sem deixar de sorrir. Noel podia ver claramente o que se passava em sua mente, mas queria ouvir as palavras dela.

“Conte-me o que houve”, insistiu, mais sério ainda.



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

“Como você sabe que houve alguma coisa?”

“Ora, basta olhar para você. Vamos, vá falando.”

“Foi o Zé Preto.”

“Quem?”

“O filho do seu Antenor, você sabe.” Ela falava entrecortadamente. “Chegou aqui em casa uma noite depois de tomar coragem no boteco e me pediu em casamento pro pai.”

“Chegou a esse ponto, é? E o que foi que o velho respondeu?”

“Isso mesmo que você disse ainda agora. Pegou a peixeira e correu com ele de casa.” Noel não conteve a risada. “A sorte é que já estava escuro e o pai não pode correr muito atrás dele. Mas de longe ainda dava para ouvir os berros, que filha dele não foi criada para ser mulher de malandro, e...” Os dois explodiram em gargalhadas.

“Bem que eu queria ver a cara dos dois nessa hora.” O riso amainou e ficaram ali entreolhando-se por sobre o café. Por fim Noel retomou: “Você queria casar?”

“Com ele não”, disse ela olhando-o diretamente nos olhos com um ar grave. E depois de uma pausa, disparou seu entusiasmo habitual: “Sabe o que eu queria mesmo?”

Ele balançou a cabeça negativamente, como se realmente não soubesse de nada.



ALFALIRA
UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

“Queria sair daqui, ir para a cidade com você. Lá é melhor para estudar, trabalhar, levar outra vida. Daqui já estou cheia.”

“E você acha que seu pai vai deixar?”

“Se você pedir para eu ficar lá na sua casa aposto que ele acaba deixando. Eu mais a mãe damos um jeito de convencer ele.”

“O poder feminino.”

“O que?”

“Nada. Qual a sua idade, Linda?”

“Dezessete.”

Noel fez uma longa pausa, comendo um biscoito enquanto olhava o horizonte. Linda permanecia calada, os olhos nos pés.

“Olha, vou te dizer o que posso fazer : posso falar com seu pai e se ele concordar, prometo fazer o possível para te arrumar um cantinho lá em casa.”

Ela acabara de ouvir o que queria e estava em êxtase. Noel levantou-se e acendeu um charuto, divertindo-se com sua alegria mas sem abandonar a seriedade das feições. Encabulada por demonstrar mais contentamento do que gostaria, ela levantou-se e foi até a porta. Encostada no batente, queria evitar o olhar de Noel e ficou a olhar para fora, recebendo no rosto a luz do sol. Ele permanecia em silêncio,



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

observando com prazer a coloração azul escura mesclada ao rosa que coroava Linda como uma auréola, revelando o amor, a devoção e a afeição que ela lhe dedicava. Subitamente voltou, sentou-se novamente e perguntou, bem baixinho:

“Você está falando sério, não está?”

“É claro que estou, mas veja bem: isso não depende somente de nós, pois a palavra final não é nossa. Portanto se eu estivesse no seu lugar não me entusiasmaria muito. Você é uma boa garota e merece uma oportunidade melhor na vida, mas para isso é preciso manter a cabeça fria. Eu acredito que seu pai concordaria se estivesse convencido de que você é capaz de cuidar bem de si mesma, de que você não se deixa levar por impulsos, enfim... que você tem a cabeça no lugar certo.”

Ela levantou-se como se tivesse levado um choque no traseiro, pôs as mãos na cintura e perguntou em tom desafiador:

“E por acaso você acha que eu tenho alguma coisa fora do lugar?”

Ela vestia uma camiseta de malha de algodão e bermudas de brim muito justas, que lhe revelavam os contornos mais que perfeitos. Noel resolveu jogar um balde de água naquela fogueira.

“Se o seu pai estivesse aqui agora e ouvisse isso, você jamais



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

conseguiria sair daqui.” Disse isto quase com desgosto na voz, e o efeito foi certo. Ela baixou os braços e passou a olhar desconsoladamente para o tampo da mesa. Noel levantou-se, segurou-a pelos ombros e ao virá-la gentilmente em sua direção disse baixinho, carinhosamente:

“Sabe, para a maioria das pessoas a juventude é um dos períodos menos fáceis da vida. Nessa época todos nós queremos muitas coisas mas na realidade podemos muito pouco, e isso gera infelicidade e tristeza. Você é inteligente, bonita e pode muito bem progredir. Mas se quer realmente a minha ajuda é preciso que você também se ajude. O mundo está cheio de moças bonitas e impulsivas se dando mal.”

Levando a mão ao seu queixo, Noel levantou-lhe a cabeça lentamente até seus olhos se encontrarem.

“Tudo o que você precisa para ter sucesso na vida está aqui, em cima de seus ombros. Entende o que quero dizer?” Ela abanou a cabeça aquiescendo e abraçou-o, quieta como uma menina arteira depois da bronca merecida.

“Então prometa-me que vai pensar muito bem nisso tudo.”

“Prometo.”

“E não se esqueça de que haja o que houver, eu estarei sempre ao



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

seu lado. Agora vá, tenho umas coisas a fazer aqui. Quando seu pai chegar você me avisa, tá bom?”

“Tá bom”, respondeu com o sorriso de sempre. Pegou a bandeja e na soleira da porta parou, voltando-se para ele:

“Te adoro.”

Noel pegou um coral de cima da mesa e fez gesto de que ia atirá-lo. Ela saiu rapidamente, rindo de felicidade. Foi até a varanda observar a descida de Linda. O dia estava quente, o sol forte ia já alto no céu sem nuvens. Via apenas a linha que no infinito dividia o azul claro do escuro, sentindo contra o rosto o vento carregado de partículas de mar. Dia glorioso, pensou, voltando para dentro. Sentou-se e começou a conferir a papelada. Limpou a poeira, verificou se não faltava nenhuma página e colocou o primeiro de lado, revisado, limpo e pronto. Seguiu o mesmo procedimento com os outros e ia atacar o último quando o velho João chegou.

O abraço, como sempre, foi caloroso. Ele o considerava como a um filho e Noel jamais deixou de ouvir seus conselhos com muita atenção. Com relação a muitas coisas o velho assumira o lugar deixado por seu pai, cumprindo a promessa mútua de cuidar da família do outro caso um deles morresse. Foi com ele que Noel aprendeu a olhar a superfície



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

da água e conseguir ver onde os peixes estavam, a interpretar corretamente os sinais da natureza antevendo bom ou mau tempo, conhecer motores, ser capaz de remendar redes e identificar inclusive as espécies de peixe estranhas à região. Mas mais do que isso, o velho tornara-se seu conselheiro, ajudando-o nos momentos mais difíceis de sua vida. Ele e o Barbante eram os únicos que conheciam inteiramente a narrativa do diário, e os únicos fora da família que sabiam de sua existência.

“Foi por causa destes papéis que você veio, não?”

“É verdade. Acho que está na hora de Marlise e Manoelzinho tomarem conhecimento do que existe aqui. Vou levá-los e ler para eles.”

“O aniversário dele é por esses dias, se não me engano.”

“Hoje mesmo.”

“Você acha que ele será capaz de compreender tudo isto?”

“Tudo, não sei. De qualquer forma levará algum tempo até ele se acostumar com a idéia da leitura. Mas ele é esperto e acho que vai se interessar.”

“Bom, se ele puxou o pai não haverá problemas. Viu o Omar?”

“Passei lá mas ele não estava. Só encontrei o filho do Munheca, que me contou que foram tirar um carro do atoleiro ou alguma coisa assim. Como ele está?”



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

CAPÍTULO 22

“Bem, como sempre. Só perguntei porque preciso falar com ele. Mas vamos descer. A comida deve estar na mesa.”

Noel foi lavar a poeira das mãos. O velho, parado à porta do banheiro, estava pensativo.

“Então você está mesmo decidido a mostrar a Marlise e Manoel os escritos de seu pai?”

“Estou. Que acha disso, velho? Você concorda?”

“Há muito tempo venho esperando por esse dia, filho. Seu pai pouco antes de morrer me pediu para cuidar das três coisas mais importantes da vida dele: você, sua mãe e este diário. Em relação à sua mãe eu falhei, fui negligente. Mas hoje você é homem feito e sabe como é difícil tomar decisões como essa. Tem sua família para cuidar e resolveu que é hora deles saberem de tudo. Então acho que hoje, dentro de minhas limitações, posso considerar cumprida a promessa que fiz a seu pai. Com você eu não errei. Se ele estivesse vivo hoje, teria muitos motivos para se orgulhar. Você agora é capaz de tomar as decisões mais importantes, de resolver seu destino com suas idéias e suas mãos. Isso é o que eu sempre quis que você aprendesse, e saber disso me deixa muito feliz. Este orgulho é minha recompensa... por todos estes anos...”



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

As lágrimas vieram atrapalhar sua voz.

“Ô, velho...” A firmeza do abraço traduziu a intensidade do que sentiam um pelo outro. Noel conduziu-o lentamente para baixo. Temia os sentimentos que acompanhariam a tranquilidade do dever cumprido, levando-o a pensar besteiras do tipo ‘agora posso morrer em paz’. Estudava uma maneira de abordar aquele assunto delicado enquanto desciam em silêncio, e por fim resolveu esperar pelo menos até depois do almoço, quando as emoções e o apetite estivessem serenados.

O almoço foi uma festa que muito contribuiu para a elevação dos espíritos. A comida estava soberba: peixe frito, farinha de mandioca, o indispensável feijão do velho, arroz e salada, devidamente acompanhados de cerveja — uma concessão especial de D. Ana devida à sua presença. Noel foi colocado a par das novidades pelo que o velho chamava de ‘as gazetas do litoral’: Linda e D. Ana. Elas não economizaram esforços de memória para contar-lhe as últimas dos dois meses precedentes. Durante a sobremesa não houve como evitar os comentários jocosos sobre o desastrado pretendente de Linda e a cômica cena do pedido. Até mesmo o velho, normalmente sisudo em assuntos como esse, abriu umas boas risadas com o episódio.



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

CAPÍTULO 22

Depois do café subiram para pitar, deixando as duas com a louça. Colocaram as almofadas nos esqueletos das poltronas da varanda e ficaram ali de frente para o horizonte, saboreando o tabaco. A preguiça de depois do almoço juntou-se ao calor da hora mais quente do dia, e parecia que naquele momento a única atividade à qual podiam dedicar-se era simplesmente a de fazer a digestão.

“Você me dizia ainda há pouco que eu tinha que pensar na minha família.” O velho voltou-se lentamente para ele, exalando fumaça e balançando a cabeça.

“Mas acontece que vocês também são minha família. E sei que você agora quer descansar aqui com D. Ana, viver sossegado, livre de preocupações. Nada mais merecido, acho eu.”

O velho apenas assentia com fumaça.

“E o que gostaria de saber é o que você pretende para sua filha. Bonita e inteligente como ela é, eu pessoalmente acho que ela merece uma oportunidade para construir a vida dela. Você é pescador dos bons, e tudo que sei a respeito do mar aprendi contigo. Não podia ter tido melhor professor e me orgulho disso, você sabe. Mas eu sei que não é isso o que ela quer, e penso que você também sabe disso.”

“Vocês andaram conversando, foi?”



ALFALIRA
UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

“Foi. E quero te pedir um favor, meu velho. Quando conversamos, eu disse a ela que se obtivesse seu consentimento ela poderia ir para nossa casa, freqüentar a escola lá, trabalhar, se aprimorar mais. Não tenho dúvidas de que ela logo arrumará um bom emprego e poderá construir sua própria vida, mais de acordo com seus interesses. Você não acha que ela merece esta oportunidade?”

“Acho. Mas não é isso que me preocupa. Você sabe melhor do que eu que ela quer ficar perto de você, e meu receio é que isso possa acabar trazendo complicação, tanto para você quanto para ela.”

“Mas não é natural isso? Quero dizer, com quem mais ela pode contar na cidade grande além do irmão? E depois eu aposto que ao recomeçar a estudar, a conhecer melhor as coisas e as pessoas, enfim a ver o mundo como ele é na realidade ela vai amadurecer, se aperfeiçoar como pessoa e aprender a superar as dificuldades por si própria. Acredite, eu tenho certeza absoluta de que ela ainda será motivo de muito orgulho para nós todos, velho. E se puder ajudar um pouco que seja, com ou sem complicação, ficarei muito feliz.”

O velho sorriu, atirando longe a bituca do cigarro. Olhava o horizonte sem dizer palavra.

“Tem outra coisa que preciso te dizer. Há pouco você disse que falhou



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

em relação à minha mãe, que você foi negligente. Eu não concordo. Você não pode de maneira nenhuma se responsabilizar pelo que ela fez. É injusto. Ninguém poderia ter feito mais, e tenho certeza de que no dia em que você e meu pai se encontrarem de novo, ele lhe agradecerá por tudo. Você não foi negligente, você foi humano — o que significa viver e agir de acordo com suas possibilidades. Exigir mais do que isso seria cometer uma injustiça contra si mesmo. Nunca vou me esquecer que passei mais tempo consolando você do que a mim mesmo pela morte dela.”

“Primeiro seu pai, depois ela... agora só tenho você, filho.”

“E a Linda. Prometa-me que vai pensar no meu pedido.”

“Está bem. Acho que estou ficando mesmo velho. Nunca pensei que minhas crias pudessem me ensinar de volta tudo isso que tanto quis que entendessem e acabei eu mesmo esquecendo... Quem diria...”

“Deixe disso, velho. Se eu chegar à sua idade uma saúde tão boa quanto a sua, vou me considerar um felizardo.” O velho sorriu.

“Você volta hoje mesmo?”

“Sim, volto.”

“A que horas?”

“Assim que terminar de arrumar os papéis e der um mergulho.”



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

CAPÍTULO 22

“Então vou com você. Quero passar no Barbante para trazer algumas coisas.”

“Combinado.”

Dito isso, o velho desceu para tratar dos seus assuntos. Depois de terminar a limpeza e acondicionar o material numa caixa de papelão, Noel vestiu um calção de banho e foi até a praia. Nunca fora nem se considerava um homem religioso mas desde a morte do pai jamais entrava na água do mar sem antes formar uma prece, um pedido de proteção, uma espécie de abertura total da alma ante aquela entidade misteriosa e acolhedora que por duas vezes transformara-o num órfão. Desde então era como se seus pais vivessem ali, eternamente a fluir e refluir, sempre à sua espera. Não se tratava de uma crença, muito menos de um saber consciente e no entanto um sentimento inexplicável se apoderava dele, assim como o rugido das ondas a quebrar tomava conta de seus ouvidos, incrivelmente forte ao rebentar e depois suave e acariciante como a espuma que lhe chegava aos pés, soando ssssss até sumir na areia e no ar.

A beira-mar significava para ele a fronteira de um imenso reino, governado por uma formosa rainha, uma mãe extremamente bondosa, no qual ele nunca se atreveu a entrar sem antes pedir permissão.



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

CAPÍTULO 22

Instintivamente Noel sabia que de lá do fundo, de algum lugar muito próximo aos pés da linda rainha, Donato e Renée lhe acenavam felizes, mandando todo o seu amor e reafirmando sua união apesar da distância que os separava. Noel pediu-lhes a bênção e a proteção para toda a família e ao contar-lhes seus planos, lembrou-se de pedir uma ajuda especial para que Manoelzinho pudesse receber bem o conhecimento contido nos papéis do avô, para que isso pudesse contribuir para seu crescimento e evolução, e para que a presença de Linda junto a eles viesse a se concretizar da melhor forma possível. Depois de agradecer por tudo retirou-se lentamente, reverenciando a grandeza presente até mesmo no mais diminuto grão de areia e desejando que um dia ela pudesse ser percebida por todos, e não apenas pelos bons observadores.

Na volta passou na casa do velho para tirar o sal da boca com mais uma cerveja. Linda passou-lhe a garrafa pela janela, pois ainda pingava e não quis entrar para não levar bronca de D. Ana. Mas mesmo assim não conseguiu escapar ileso. Ao vê-lo bebendo ela não se conteve:

“Menino, você devia estar bebendo café, e não isso aí. Vai pegar estrada já, já e tomando cerveja! Oh, Senhor Deus Pai!”

“O riso de ambos era complacente, pois estavam acostumados com



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

as broncas de D. Ana, sempre iguais. O que lhes divertia é que por mais repetidas que fossem, com as mesmíssimas palavras e expressões, sua veemência nunca diminuía. Era como se estivesse a ralhar sempre pela primeira vez. Terminada a cerveja e a repreensão, subiu com o carro até a casa para carregar os papéis, trocar de roupa e fechar tudo. Na volta D. Ana o esperava com um café forte e um pacote de doce de banana, presente seu para o aniversariante. O velho, que detestava conversas intermináveis na hora da partida, apressava as despedidas. Por fim entraram no carro e deixaram-nas, abanando os braços.

O velho viajava em silêncio, pensando. Seria inútil prender Linda ali, sabia que não daria certo. Acabaria infernizando suas vidas, amarga e infeliz. Mas sentiria a falta dela, antecipava o silêncio da casa sem sua favorita. As outras tinham seguido seus destinos, casando e morando nas cercanias, a cuidar dos filhos e maridos naquela vidinha monótona de cidade pequena. Mas Linda não seguiria aquele caminho. O velho sabia bem disso e se por um lado alegrava-se por ela, por outro sentia de antemão a tristeza da separação e da saudade.

“Quanto tempo falta para o aniversário dela?” perguntou Noel, intrometendo-se nos seus pensamentos.



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

“Pouco mais de um mês.”

“Ela vai ser feliz, meu velho, pode ter certeza.”

“É tudo o que desejo na vida. Mas não posso evitar o sentimento de que estaremos perdendo-a. O engraçado é que com as irmãs dela a coisa foi um pouco diferente. Sinto-me injusto com elas, preferindo Linda assim. Parece que me preocupo mais com ela do que com as outras, e isso não é verdade.”

“Não se atormente. A vida vive nos pregando peças como esta. Além do mais, qualquer um que a conheça pode perfeitamente compreender este seu sentimento de predileção.” E dando-se por satisfeito com a resolução do velho, resolveu mudar de assunto:

“E o Barbante, como tem andado? Faz tempo que o filho do Munheca trabalha com ele?”

“O garoto parece que ajuda ele de vez em quando, mas quem passa mais tempo ali é o Munheca mesmo. São duas destilarias ambulantes. Onde cospem nasce um pé de cana.”

Riram. Falar das bebedeiras dos dois estava desanuviando o espírito do velho, e isso era bom. Houve um tempo em que os três eram inseparáveis esponjas. D. Ana, que detestava bebida, cuidou para que o velho deixasse a sociedade. Agora ele só bebia de vez em quando,



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

pois a velha, que não tinha mais ninguém para dividir-lhe as atenções, trazia-o a rédeas curtas.

Depois da chegada ao templo das libações etílicas algumas garrafas foram devidamente esvaziadas em memória aos velhos tempos. Só Noel foi poupado dos exageros, sob o convincente argumento de que precisaria dirigir de volta para casa logo em seguida. O papo foi animado. O Munheca de fato estava presente e os quatro fizeram uma reunião memorável. Primeiro beberam ao aniversário do neto (era assim que Manoelzinho era considerado pelos velhos), depois ao reencontro e já iam adentrando o terreno das novidades quando Noel se retirou. Certamente ficaria sabendo das consequências do encontro *a posteriori*, mas queria evitar duas coisas: beber demais e chegar em casa atrasado.

O Barbante fez questão de enviar alguns peixes para Marlise e nem mesmo os protestos de Noel conseguiram impedi-lo.

“Diga-lhe que as lulas estão em falta, mas quero que ela receba estas pescadinhas que saíram da rede do Zelão ainda hoje.”

“Você quer é deixar o meu carro fedendo a peixe por uma semana, no mínimo.”

A viagem de volta correu sem problemas. Durante boa parte do



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

tempo Noel pensava numa maneira de acomodar Linda em sua casa sem causar mais perturbação do que já havia. Sim, porque definitivamente ela seria uma perturbação. Jovem, bonita, bem-humorada e com o privilégio de ser sua irmã de criação já significava problemas suficientes para o andamento normal da casa, mas como se não bastasse tudo isso, ela ainda por cima tinha por Noel um sentimento de afeto, uma intimidade carinhosa que possivelmente ultrapassaria a intensidade recomendada entre irmãos — caso ele se dispusesse a deixar a fraternidade de lado. Noel temia não apenas por ele, mas por Marlise. Dona de um zelo extremado por sua família, ela certamente não veria a presença de Linda com bons olhos caso sua intuição a levasse a suspeitar de seus sentimentos.

<Mas que grande presunçoso que sou. Linda é uma menina inteligente e sem dúvida vai se preocupar em fazer sua vida, vai cuidar dos estudos, arrumar trabalho. Bonita como é, em minutos terá atrás dela dúzias de namorados. >

O pensamento veio contrabalançar sua seqüência inicial de deduções, mas a autocrítica não chegou a tranquilizá-lo totalmente. O fato é que uma situação como aquela seria uma bela sinuca: Marlise ainda não tinha uma compreensão total de como as consequências do



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

que acontecera com seus sogros passariam a ser determinantes para as gerações futuras da família. Durante a época do namoro ela já enfrentara dificuldades em ser aceita por Renée, que almejava para o filho uma união com alguém cuja envergadura mental e espiritual fosse equivalente à dele. A notícia da gravidez dela e a consequente decisão de se casarem foi um golpe rude para Renée, que viu cair por terra todas as esperanças de uma sequência duradoura para a sua linhagem. Noel ainda se lembrava com muita tristeza do fim de semana inteiro que ambos passaram discutindo essa decisão. Por trás do semblante calmo ele sabia que ela na realidade estava muito agitada, temerosa de que todos os argumentos pudessem ser inúteis para dissuadir o filho da idéia de se casar com Marlise. Reavivadas, as lembranças daquela época voltaram-lhe à mente sem que ele se desse conta disso.

Naquele final de semana Noel foi para a praia esperando enfrentar uma Renée menos disposta a argumentar. Durante horas ela lembrou todos os sofrimentos, toda a luta dela e de seu pai para dar prosseguimento à sua missão de contribuir de maneira inequívoca para o estabelecimento de um novo homem no planeta. Repassou um a um todos os aspectos dessa enorme responsabilidade que ela e Donato



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

legaram a ele, Noel, para então ver tudo isso, todos esses anos de trabalho e dedicação serem relegados a segundo plano por um casamento impulsivo.

“Mas eu não pedi essa responsabilidade, e também não estou me descartando dela pelo simples fato de me casar!”

“Ninguém pede a responsabilidade de ser rico ou pobre, branco ou preto, saudável ou doente. E ainda assim cada um traz consigo aquilo que lhe foi designado, meu filho. A você cabe uma mulher que possa estar para você assim como eu estive para o seu pai. Marlise é uma ótima moça, e você sabe que nunca tive nada contra ela pessoalmente — mas acredite, ela não é para você. Case-se com ela e estará se condenando a arrastar um peso durante o resto de sua vida, um peso que vai lhe atrasar muito em seu caminho. Querido, seu futuro é outro, é maior, está — ou deveria estar — mais acima disso a que se propõe agora.”

“Mas ela está grávida, mãe! Que quer que eu faça? Não posso simplesmente dizer a ela que não a quero mais. Que gosto muito dela, mas que ‘ela não é para mim’. E tem mais: ela não admite abortar em hipótese alguma, e nisso estamos de pleno acordo.”

“Também acho que abortar não ajuda em nada, pelo contrário. Mas



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

isso não significa que vocês tenham de se casar, ora.”

“Mãe!! Não consigo acreditar no que estou ouvindo.”

Separaram-se sem chegar a um consenso. Durante o pouco tempo que viveu depois do casamento do filho, Renée nunca admitiu Marlise na casa da praia e mantinha dela uma distância delicada mas segura. Foi um dos períodos mais difíceis da vida de todos.

Agora Noel esperava que não apenas Manoelzinho, mas Marlise também pudesse tirar proveito da leitura do relato de seu pai, usando-o para dar um novo sentido a atitudes de Renée que na época nem sempre foram bem compreendidas e aceitas por ela. Apesar de manter-se ao lado de sua mulher e de também considerar a atitude da mãe injusta não apenas para com ele e Marlise, mas sobretudo para com o próprio neto, Noel sabia que haviam circunstâncias atenuantes que precisavam ser levadas em consideração, e lutava para que Marlise viesse a ter uma compreensão mais ampla da situação como um todo.

Talvez assim ela chegasse a perdoar a atitude tomada pela sogra no passado e a eliminar de uma vez esse ponto de atrição que ainda perdurava entre ambas.

Manoelzinho ia à escola pela manhã, durante a tarde ficava em casa estudando ou brincava com os colegas, enquanto Noel se ocupa-



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

va dos negócios e Marlise dava aulas. Geralmente era à noite que todos se reuniam para o que se chama de convívio familiar. Ele planejava fazer as sessões de leitura naquela hora, quando o conforto do estômago cheio colaboraria para manter Manoelzinho sentado e atencioso pelo menos durante uma hora, ou talvez até duas. Sua maior esperança era a de que o próprio assunto captasse o interesse do filho, o que não parecia ser tão impossível assim, pois ele desde cedo demonstrara um alto potencial de desenvolvimento mental. Era muito esperto, mas como todas as crianças de sua idade, dificilmente parava no mesmo lugar durante muito tempo.

Noel sempre cuidara de sua alimentação com atenção extremada, especialmente nos dois primeiros anos de vida, porque sabia que este período seria fundamental para o resto da existência do garoto. As ricas sopas de legumes com caldo de músculo cozido deram trabalho mas valeram a pena. Sua preocupação com o desenvolvimento do corpo mental do filho provinha do receio de que, pelo fato de ser filho de pai e mãe de diferentes potencialidades mentais, o garoto pudesse ter o seu próprio poder mental comprometido, talvez em até cinquenta por cento. Noel foi a primeira geração de ambos os pais dotados de poderes iguais, mas seu filho já tinha o legado hereditário reduzido



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

apenas ao lado paterno. Mas para sua alegria tudo indicava que esse receio era apenas isso — receio, devidamente refutado pela realidade dos fatos. O moleque era um ás, pegava tudo no ar, nada lhe escapava. Cada vez mais Noel sentia o peso da idade ao olhar para o filho, que demonstrava ser uma versão até mais aperfeiçoada, mais bem acabada dele próprio.

Alguém certa vez escreveu que ao olhar o retrato dos pais não conseguia evitar o pensamento de que ali iniciava-se o traçado de uma linha que retrocedia até os primatas. Seu filho era a prova viva desse progresso das gerações, partilhando inequivocamente da consciência e dos sentidos ampliados do pai.

Sim, pensava Noel com um orgulho que não excluía uma pontinha de vaidade, Manoelzinho seria um sucessor à altura do sucedido.



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

23

Apesar de seus receios, que Noel teve o cuidado de manter em segredo, a notícia da vinda de Linda foi recebida com alegria pela família. Manoelzinho tinha uma afeição especial pela tia e volta e meia perguntava se ainda demoraria muito para ela chegar. Depois de alguns telefonemas trocados entre Noel e o velho João, a data definitiva foi acertada e Marlise deu início aos preparativos. O quarto de hóspedes foi arrumado especialmente para ela e as expectativas antecipavam o clima de festa na casa.

E de fato a chegada de Linda foi uma festa: a casa foi tomada pela alegria de receber mais um membro da família. Noel foi buscá-la na rodoviária e apesar do grande número de pessoas não teve problemas para localizá-la. Ela parecia o gato de Lewis Carroll : era um sorriso só, com um brilho tão intenso que podia ser avistado a quilômetros. O abraço foi tão forte que Noel ficou a imaginar qual seria a menor distância possível entre duas pessoas. Emocionada com o reencontro, que significava para todos o início de uma nova vida, Linda não parou de falar durante um minuto sequer durante todo o trajeto até sua nova casa. Relatando as minúcias das recomendações dos pais, ela transmitiu as saudades deles a Noel, que ouvia em cada palavra, via em cada gesto da menina todo aquele transbordamento de felicidade



350

ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

com a alegria de saber que parte daquilo era obra sua.

Pouco depois estavam reunidos à mesa do café. Metade da bagagem dela eram presentes: os famosos doces de D. Ana, os peixes preferidos de Marlise que inevitavelmente eram enviados e recebidos com prazer, uma carta do velho João para Noel recomendando rigor no exercício da autoridade fraterna caso a menina se excedesse e um enorme caracol, entrega especial para Manoelzinho.

“Então o velho João conseguiu finalmente se livrar de você, hein?”

“Não fala assim com ela, Noel!” Sempre que ficava bravo com o pai, Manoelzinho o chamava pelo nome.

“Viu só? Venha cá, querido. Sente-se aqui no meu colo. Nossa! Como você está pesado! Da última vez que te vi você era um pitoquinho assim...”

“Não sou pitoquinho nada. Sou Manoelzinho, viu?”

“Sim senhor.”

“Olha o respeito com sua tia, moleque.”

“Ah, pai! Ela não tem cara de tia.”

“Por que não, filho?”

“Porque sim.”

“Vai insistir nessas respostas indigentes ou dizer logo a verdade?”



ALFALIRA
UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

“Não vou dizer nada.”

“Ahá... Se você não disser eu digo.”

“Não, pai, não fale!”

“Então fale você mesmo, ora. Você não é homem, não tem sua opinião?” O garoto, meio sem jeito, fez que sim com a cabeça. “Então diga, ué.” Mas ele olhava para Linda e persistia no mutismo.

“Olha que eu vou contar...”

Então ele pendurou-se ao pescoço dela e falou no seu ouvido, bem baixinho. “Ah, meu amor, você também é. A tia gosta muito de você, viu?”

Noel, abraçado à mulher, revelou o segredo do filho: “Ele disse que ela é bonita demais para ser tia.”

“Marlise caiu na risada. “Tão pequeno e já desse jeito... de quem ele herdou isso?”

“Não olhe para mim. Deve ter sido do avô.”

“Só se foi do seu pai, querido, porque do meu lado da família tenho certeza que não foi.”

“A mamãe dizia mesmo que papai era terrível — pelo menos até ela o conhecer.”

“Meu vô não era nada disso não!”



ALFALIRA
UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

“Ah, não? Como você sabe? Você nem era nascido.”

“Eu sei, mãe. Mas ele me contou.”

“Quem?”

“Ele mesmo, ora.”

“Seu avô?”

“É.”

“Não ligue não, viu, Linda. Esse menino é assim mesmo, conversa com todo mundo, até com os mortos.”

“Que ótimo! E quando é que você conversa com ele, querido?”

“Ah, tia, às vezes, quando ele aparece.”

“É mesmo?”

“É. Agora mesmo ele está aqui.”

“Pois eu não vejo ninguém, além de nós que estamos sentados nesta mesa.”

“Você não vê, tia, mas eu vejo.”

“Eu sei, querido, eu sei.”

“Menino...”

<Vamos mudar de assunto, filho. Você sabe que sua tia não entende bem estas coisas.>

<Mas ele está aqui, pai. Você não acredita?>



ALFALIRA
UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

<Acredito, sim, filho.>

<Você não está vendo?>

<Não, desta vez só você pode vê-lo. Mas é melhor não discutir com a sua mãe. Por isso estou falando sem boca (termo com o qual Manoelzinho batizara a telepatia) com você, justamente para evitar discussão. Você pode entender isso, não?>

<Posso. Mas que o meu vô está aqui, ele está. E tem mais gente com ele.>

<É mesmo? Quem?>

<Uma moça linda, com um vestido comprido bem brilhante e também um cavaleiro muito forte, com um capacete, uma espada e uma capa.>

<Na certa vieram nos visitar, para ver como vamos indo. Mande minhas saudades para eles e peça a todos que nos protejam.>

<Tá bom. Pai...>

<O que é, filho?>

<O vô é parecido com você.>

<Eu é que sou parecido com ele, filho.>

Enquanto isso as duas conversavam.

“Estou tão contente por você ter vindo... agora terei com quem



ALFALIRA
UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

conversar quando estes dois resolverem se ausentar desse mundo.”

“Não deve ser fácil ser casada com alguém tão... especial.”

“Não é mesmo, e muito menos ser mãe de um. Ainda mais agora que Manoelzinho está tomando conhecimento do porque das coisas.”

“Eu soube que ele foi lá na praia buscar o diário de seu Donato só para Manoelzinho ler.”

“É. Acho que estava mesmo na hora dele aprender certas coisas. Afinal, ele já está com seis anos.”

“E como vai a leitura?”

“Logo em seguida ao aniversário dele chegamos a fazer algumas sessões depois do jantar, Noel e eu nos revezando para ler em voz alta. Mas isso não durou muito.”

“Por que?”

“Ele não parecia estar muito interessado no processo, mas sim nas consequências. Conheceu a história superficialmente conversando com o pai e disso não quis passar.”

“Que pena. Sabe, eu também gostaria de ler esse diário.”

“É mesmo? Que bom. Ele gosta muito de você... quem sabe assim ele possa se interessar mais pelo assunto.”

“Não custa nada tentar.”



ALFALIRA
UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

Trato feito, resolveram chacoalhar os dois de seu mutismo telepático reclamando sua companhia.

“Mas que falta de educação! Não vêem que a Linda está aqui?”

“Claro. Como é que alguém poderia deixar de ver a Linda?”

“Eles dois tem essa péssima mania de deixar a gente falando sozinha. Às vezes eu me sinto excluída, como se fosse uma estranha.”

“Não ligue não, Marlise”, disse Linda num tom consolador.

“Não ligue não, Marlise”, repetiu o garoto imitando a tia. Todos riram, menos a mãe.

Depois de instalada em seu quarto, Linda começou a se integrar na rotina da casa ajudando Marlise com o jantar. Os namoros de Linda foram o prato principal da refeição daquela noite, acompanhado de muitas risadas com as histórias de seu João correndo atrás dos pretendentes dela com a peixeira na mão e outras peripécias. Manoelzinho logo se candidatou a guardião da beleza de Linda, proibindo-a de namorar qualquer um que não ele próprio. Querida por todos, Linda sentia-se à vontade e depois da sobremesa perguntou ao menino se ele permitiria que ela lesse o diário de seu avô.

“Por que você quer ler?”

“Porque sei que lá tem uma história muito bonita e interessante.”



ALFALIRA
UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

“Quem te contou isso?”

“Meu pai.”

“O vovô seu João te contou isso?”

“Contou.”

Depois de uma pausa pensativa ele concordou: “Tá bom, tia. Pode ler se quiser.”

Marlise trouxe o volume do diário junto com a bandeja do café. Solene, Linda abriu na primeira página e começou a ler em voz alta.

Dedicatória: Este livro é dedicado a todos os meticulosamente levianos, a todos os invejosos sistemáticos, aos eternamente medrosos de perder sua tênue e frágil posição social, aos poseurs, aos farsantes, hipócritas e pretensiosos que por um motivo ou por outro, de tal ou qual maneira colaboraram, ainda que inconsciente e/ou inadvertidamente, para que este trabalho pudesse ser completado.

“Nossa, seu Donato deve ter tido uma experiência amarga.”

“De fato as coisas não foram fáceis para meu pai. Acho que se ele não tivesse sido um homem preocupado com o futuro, talvez hoje nossa vida fosse muito mais difícil.”



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

“Por que, pai?”

“Porque ao escrever isso, filho, ele estava nos preparando para as dificuldades que sabia que teríamos de enfrentar um dia, e que ele conhecia muito bem, pois já passara por elas sem ter ninguém além de minha mãe para ajudá-lo a entender tudo.”

Manoelzinho olhou para o pai e em seguida, com uma expressão séria no rosto, pediu a Linda que continuasse a leitura.

O interesse de Linda e os comentários dos pais reavivaram a curiosidade do menino pela história de seus antepassados. Pouco a pouco Manoelzinho tomava consciência da importância desse conhecimento, e não demorou muito tempo para que ele passasse a ser o primeiro a requisitar, a cada noite, a continuação da leitura.

E foi assim que Linda e Marlise conseguiram renovar o interesse dele pela narrativa do avô. Passagens memoráveis como a da viagem espacial, a do presente de aniversário e a do nascimento de Noel em plena água do mar causaram uma profunda mudança na atitude de Manoelzinho, que à medida em que tomava conhecimento da genealogia de seus atributos mentais passava a ter a curiosidade cada vez mais desperta.

Certa noite, quando Linda e Marlise fingiram ter perdido a



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

disposição para ler apenas para testar o interesse do menino, levaram bronca: “Aaah, tia... você prometeu...”

“Filho, sua tia tem direito a um descanso.”

“Mas ela prometeu, mãe!”

E por fim as duas, fingindo resignação mas no íntimo felizes, empunhavam o livro para avançar mais um capítulo da história :

“Donato seguiu a trilha marcada no carpete até o salão de jogos. Ao chegar à porta diminuiu o passo, sentindo o ambiente antes de entrar. O cassino dividia-se em três grandes salões interligados por amplos portais que faziam uma figura em forma de L. Donato estava no primeiro deles, que continha o bar, a mesa da roleta e a de dados. Logo à direita da entrada ficava o balcão, diante da tradicional parede espelhada que refletia as mesas de jogo instaladas paralelamente ao bar. Ao aproximar-se de um dos bancos vazios notou no ar, por entre as nuvens lançadas pelos charutos e cigarros, o aroma característico do sexo recém-praticado.

Seus sentidos hiperdesenvolvidos percebiam as menores nuances do que se passava no ambiente. O perfume enganador daqueles sorrisos frios, acidulados pelo gosto do dinheiro, revelava a Donato a



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

essência de seus portadores. O barman e os croupiers, o general e sua acompanhante, o olhar aparentemente superficial dos seguranças em seus uniformizados ternos cinzas, tudo isso falava, dizia algo a Donato. Ele percebia o conjunto de informações sobre o ambiente que seus sentidos lhe traziam sem que no entanto sua mente deixasse de considerar o mais importante em primeiro plano de evidência. O restante era armazenado depois de rápida inspeção.

Um pianista concertista necessita de pelo menos dez anos de estudo para controlar com razoável precisão não apenas a técnica do dedilhado, postura e respiração, mas sobretudo a concentração mental requerida pela execução simultânea de duas linhas melódicas diferentes. Dez anos de estudo para conseguir que ritmo, melodia e harmonia — com suas infindáveis variações de timbre, dinâmica e fraseado que constituem a interpretação, pudessem chegar a ser complementares em vez de adversários. A amplitude do poder de Donato elevava a capacidade de concentração de um pianista à potência: além de ter seus sentidos desenvolvidos em acuidade e alcance, a reflexão sobre o imenso material colhido por eles fora em Donato aperfeiçoada de forma equivalente.

No entanto esse seu trabalho de percepção consciente e sub-



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

consciente tanto do exterior quanto dos seus próprios processos mentais de avaliação, que tornavam o fluxo de pensamento em sua consciência muito mais rápido e preciso, ainda não havia sido totalmente dominado por Donato. Vez por outra um destes itens rapidamente inspecionados retornava para uma avaliação mais demorada, provocada pelo seu alarme subconsciente, acionado pela passagem de algo errônea ou insuficientemente interpretado. Mas de forma geral funcionava bem, fazendo com que ele às vezes se perguntasse como havia podido viver tantos anos naquela escuridão mental de antes.

Encostando no balcão sua carcaça ainda meio bamba pelo esforço despendido, um general uniformizado bebia com uma das prostitutas que costumavam circular por ali, mas que no entanto não era aquela com a qual havia acabado de estar, e com uma outra figura — de aparência igualmente detestável mas que não usava uniforme — que também cambaleava, porém devido ao efeito da bebida apenas. Donato logo percebeu, pelos ganchos aduncos de suas formas de pensamento, que aquele era o chefe da polícia secreta. Discutia política do país vizinho com o general, que lhe garantia um golpe militar para breve. Ele assegurava que tinha informações em primeira mão,



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

provenientes de fontes militares de sua absoluta confiança na terra de Donato, segundo as quais o presidente não permaneceria no poder por muito mais tempo. Mas logo a conversa mudava de rumo e Donato, apesar de interessado no assunto, resolveu seguir sua linha de ação, armazenando a informação para uso posterior.

O segundo e o terceiro salões eram dedicados aos jogos de cartas e foi ali que Donato encontrou o que procurava: as mesas de black-jack. Havia apenas quatro pessoas jogando contra a banca e ele sentou-se no quinto lugar. O croupier tinha sua atenção voltada para a única mulher da mesa, uma milionária de meia idade considerada como presa altamente rentável para o cassino, que a tratava a pão-de-ló na expectativa de que suas perdas fossem sempre maiores do que as da vez anterior. Seu acompanhante, um jovem de porte atlético que certamente não era seu marido, jogava à sua esquerda. Os outros dois, um japonês já meio bêbado e um velho de cabelos brancos, apostavam modestamente comparados com a milionária e seu bibelô a tiracolo. Donato cumprimentou-os e sentou-se, aguardando o final da rodada para ser incluído no jogo.

Observou com atenção o final daquela mão. O japonês estava fora, com duas figuras abertas e sua aposta já devidamente recolhida pela



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

banca; o tarzã também se retirara; o velho de cabelos brancos, que estranhamente pensava em poesia satírica enquanto jogava não pediu carta, pois tinha dezessete e medo de arriscar outra carta; e a ricaça estava batida desde o início, pois sua carta fechada somada ao que tinha aberto na mesa excedia o limite de vinte e um. Mas ela queria ganhar no blefe. Virou todo o conteúdo do copo que tinha diante de si e carregou dez mil dólares contra a banca, depois de receber um dois que a deixou com dezenove pontos abertos sobre a mesa. O croupier pagou sem pestanejar, obrigando-a a levantar a carta virada e a assistir, com um leve tremor nas narinas, seu monte de fichas ser recolhido.

Depois dessa derrota ela ordenou secamente ao amante que providenciasse mais fichas, ordem que ele se apressou em cumprir enquanto ela fumava nervosamente sem sair do lugar, projetando emanções ocres de avareza e raiva que conferiam uma tonalidade ainda mais lúgubre à nuvem pardacenta que revelava a Donato o adiantado estado de depressão de seu corpo emocional. A partir de então Donato começou a receber cartas também. Sabendo tudo o que os outros recebiam, acompanhava o jogo do croupier monitorando atentamente as cartas da banca. Ajudado pelo peso das apostas da



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

milionária, que elevava consideravelmente o volume de dinheiro na mesa e distraía assim a atenção do croupier, em pouco tempo ele conseguiu acumular perto de cem mil dólares, depois de apanhar a banca blefando numa mão altíssima.

Cada vez mais preocupado com Donato, que retirava da casa todo o lucro ganho com a milionária, os administradores resolveram fazer mudanças e logo a banca foi assumida por outro croupier. Este era mais velho e bem mais experiente: conseguia, sob a aparência de jogo limpo, dar as cartas que queria para cada um dos jogadores. Depois da sua primeira mão Donato deixou a mesa, foi ao caixa onde trocou as fichas por dinheiro vivo e resolveu tomar algo no bar, já que não bebera uma gota durante todo o trabalho.

Sem dúvida o seu plano funcionava. O mais difícil foi convencer Renée a concordar com a idéia. Donato havia treinado durante um mês inteiro, praticando a estratégia mais conveniente segundo os casos típicos que conhecia bem, com sua longa experiência de pano verde jogando contra raposas velhas como o juiz, o maestro e o Gino, e durante todo esse tempo ela tentou de todos os modos dissuadi-lo da idéia. Achava tudo aquilo uma sujeira e não queria de maneira nenhuma se sujar também, muito menos agora que estava grávida.



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

Donato contra-argumentava afirmando que era preferível um pouquinho de sujeira com o devido conforto material do que a absoluta falta de dinheiro. Foi a primeira grande briga do casal. Finalmente a necessidade material prevaleceu sobre a intelectual, e Donato partiu para os cassinos do país vizinho.

Nem bem teve tempo de encostar-se no balcão e dois seguranças da casa apareceram ao seu lado. Imediatamente percebeu que pairava sobre ele a tradicional suspeita que os donos de cassino tem dos contadores de cartas e trapaceiros em geral. Ele não era conhecido, mas em pouco mais de duas horas tinha levado quase cem mil daqueles mafiosos, e seria ingênuo se esperasse sair dali com a mesma tranqüilidade com a qual entrara.

“Acompanhe-nos, por favor.”

“Quem são vocês?”

“Seguridad.”

“Da casa ou dos clientes?”

“Chistoso, hein?”

“Onde estão me levando?”

“El jefe quer vederlo.”

“Ele é um bom jogador?”



ALFALIRA
UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

“Costumbra ser.”

“Se é de fato um bom jogador, sabe perder.” Levaram-no a uma sala no segundo andar onde ficou aguardando em companhia de um dos cães de guarda. Pouco depois entrava na sala um baixinho, magro e com cara de árabe, metido num smoking caro. Com seu enorme nariz, que trazia permanentemente levantado, aparentava um ar de superioridade, mas era evidente para Donato que na realidade sua baixa estatura é que o obrigava a olhar a todos como se fosse de cima para baixo.

“Tiene una suerte bastante incomum, Señor...”

“Anselmo.”

“Mucho gusto. Fontana.”

“Não é tão grande quanto a sua, Sr. Fontana. Afinal de contas, ainda não tenho um cassino.”

O baixinho sorriu.

“Se puede decir que la suerte es mi especialidad. Pero hay que tener los ojos abiertos para los que desean hacer su propia suerte. Espero que usted no sea uno de estos...”

“Que posso dizer? Não sou jogador profissional, mas me divirto de vez em quando. Em meu país, como sabe, o jogo é proibido. É a primeira vez que venho aqui.”



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

“Ah, si?”

“É verdade. Espero que a sorte que tive hoje aqui em sua casa possa se repetir sempre. Tenho muitos amigos, alguns verdadeiramente aficionados pelo jogo, que gostarão de saber que o senhor tem tanto respeito pelos ganhadores quanto tem pelos perdedores...”

“Que más juga além del black-jack?”

“Pôquer.”

“Nesse caso estas invitado a participar de nuestra mesa especial. Esse es mi jogo preferido.”

“Será uma honra.”

Enquanto seguia o baixinho Donato percebeu sua evidente intenção de recuperar o dinheiro perdido com um jogo arranjado. A nuvem azul-pardacenta que revelava sua devoção egoísta ao dinheiro era matizada pela cólera e pela avareza, que projetava as características garras aduncas ao seu redor. Passaram a uma sala adjacente onde outros dois esperavam já sentados à mesa. Um deles era o general que vira no bar com a prostituta. Estava meio bêbado e não seria problema, mas o outro era um industrial local que jogava a sério. Fontana indicou-lhe o lugar e o garçom prontamente veio tomar-lhe o pedido. Donato vigiou atentamente a mente do garçom até se certificar de



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

que não havia nada no uísque além de gelo, enquanto ouvia as apresentações e a preleção de Fontana sobre as convenções da mesa. O jogo era pesado: apostas sem limite, pingo de cem dólares, o último a pingar era o último a falar.

Donato não levou muito tempo para descobrir o truque. A cada rodada, que começava sempre pelo dono da casa, o baralho era trocado. Com isso, sempre que dava cartas o narigudo recebia um baralho fechado, mas que havia sido devidamente preparado. As outras mãos eram normais, o que dava ao jogo honesto três quartos das oportunidades. Donato resolveu jogar esportivamente, evitando controlar as decisões de seus oponentes. Limitava-se a ficar sabendo o que cada um tinha na mão e assim procedia com prudência, apostando pouco e pagando os blefes certos. Nas atuais circunstâncias era o melhor que podia fazer: não ganhar muito para não irritar ainda mais o baixinho, mas também não perder.

Em pouco tempo o general e o industrial revelaram-se os perdedores e Donato e o anão ganhavam razoavelmente. Aparentemente o general tinha crédito ilimitado, pois quanto mais perdia mais bebia e mais cacifes pedia e assim sucessivamente. Prerrogativas das forças armadas, provavelmente. O industrial jogava a frio mas ousava



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

bastante e no final das contas empatou, sem ganhar ou perder. Portanto o prejuízo do general representava os ganhos de Donato e do dono da casa, que não estava nada contente. Seu alvo era Donato. Como era público e notório que naquele país, assim como em muitos outros da região, generais nunca pagam dívidas, muito menos as de jogo, na realidade quem estava pagando a conta da festa toda era o baixinho dono da casa. Estava furioso.

Numa das pausas o general adormeceu no sofá e o elegante aproveitou para retirar-se. Então Fontana propôs a Donato uma mão especial, apenas entre eles. A modalidade seria o *open stick*, com baralho acima do sete apenas e pingo elevado para mil dólares, Fontana dando as cartas. Donato se fez de pato e aceitou a mão de jogo, que deixava apenas uma carta fechada na mesa junto às outras quatro abertas e era, na realidade, sua maneira preferida de jogar. Não dava muito trabalho para conhecer o jogo do oponente. Antevendo o plano, ele concordou. “Mas com uma condição.”

“Si? Y qual es?”

“A de que seja uma única mão.”

“Muy bien. E si usted impone una condición, puedo tambein imponer una.”

“Como não? Diga.”



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

“Que todas las apuestas sean em dinero vivo.”

Donato sacou do bolso o maço de dinheiro que acabara de ganhar e colocou-o sobre a mesa. O anão estalou os dedos e um dos guarda costas trouxe uma caixa de metal. Abriu-a diante de Donato e retirou um lindo pacote de notas de cem, grande como o futuro do jogo viciado. Fontana saiu da sala a pretexto de ir ao banheiro, mas na realidade aproveitando para encomendar especialmente as cartas que queria. Pouco depois um outro dos simpáticos assassinos chegou com o baralho e puseram-se a jogar sem mais delongas.

A primeira carta que Donato recebeu foi um oito de ouros que decidiu manter fechada, seguida de um Ás de paus para o baixinho que apostou dez mil dólares nela, elevando o nariz pretendendo demonstrar a segurança do vencedor nato. Donato pagou sem repicar, o que deixou na mesa a bagatela de vinte mil dólares apenas na primeira carta. Em seguida recebeu um valete também de ouros, enquanto o narigudo recebia uma dama de paus que deixou fechada, passando assim o mando das apostas para seu oponente, que carregou vinte mil. Donato seguia sua linha de ação com frieza, fingindo-se de morto: acompanhava a cada passo a elevação das apostas proposta pelo baixinho e fingia aceitar inteiramente o seu jogo. Assim, pediu a



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

terceira carta e recebeu mais um naipe, desta vez um rei, enquanto assistia seu oponente abrir o valete de paus. Foi então a vez de Donato aumentar o bolo na mesa em mais trinta mil, o que provocou um sorriso no adversário.

Sua estratégia era tão previsível quanto seu nariz: ao final da quarta carta Donato teria posto na mesa tudo o que ganhara no blackjack e na aposta final perderia o que não tinha. E assim aconteceu. Donato abriu um Ás de ouros e em vista disso o nariz abriu sua carta, um dez também de paus, com um enigmático sorriso. Resolvido a lançar toda a responsabilidade pelas consequências sobre o dono do cassino, Donato pediu mesa — que já significava a soma de cento e vinte mil dólares. E de fato o narigudo não se fez de rogado e aproveitou a deixa, apostando mais cinqüenta mil com um peremptório “Jamás”.

O problema é que o dinheiro de Donato acabara. Ou deixava a mesa numa situação humilhante ou pedia crédito, que certamente seria negado. Fingindo consultar as cartas antes de se decidir, Donato criou um branco na memória dos presentes e retirou do cofrinho de Fontana um maço de notas, que guardou no bolso da calça. Em seguida trouxe-os de volta à consciência e deu prosseguimento à comédia. Lentamente levantou-se da cadeira, saboreando a sensação e a ansiedade que seu



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

gesto criava nas mentes do mafioso e seu bando. Quando todos pensavam que ele desistiria da parada, Donato pôs a mão no bolso de trás e retirou o pacote de verdinhas, pagou a aposta e tornou a guardar o dinheiro. Os guarda-costas se entreolharam enquanto Fontana, impassível, apanhou o baralho.

E foram para a quinta carta, uma dama de ouros para Donato e um rei de paus para o mafioso. Fontana estava plantado com um *street-flush*: Ás, a dama fechada, valete, o dez e agora o rei de paus, enquanto Donato recebia o naipe que lhe faltava e ficava com o oito fechado, valete, dama, rei e Ás de ouros abertos. Um jogo bem montado, planejado para fazer Donato crer que tinha tudo para vencer a parada contra o blefe do adversário. Partiram para as apostas pesadas e por ocasião de mostrar o jogo havia perto de quatrocentos e cinqüenta mil dólares na mesa. Os guarda-costas cercavam o patrão com um leve sorriso nos lábios e a expectativa de apreciar mais um pato depenado.

Donato estava pagando para ver o jogo de Fontana, que finalmente mostrou seu *street* de paus, de dez a Ás. Mas quando Donato abriu sua carta, seu adversário e asseclas viram não os seus cinco naipes de ouros, jogo insuficiente para bater o street, mas sim um *Royal*



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

CAPÍTULO 23

Street Flush: Donato não teve outro recurso a não ser iludir-lhes a percepção, fazendo-os enxergar não o oito que realmente tinha mas sim um dez, a carta exata para completar a seqüência máxima de ouros, por definição uma combinação imbatível no jogo. Fontana ficou branco, emudecido enquanto Donato raspava a mesa sob o olhar atônito dos capangas, que se entreolhavam e esperavam do patrão a ordem para acabar com a festa.

Donato resolveu não esperar pelo final e assumiu o controle sobre todas as mentes da sala, mantendo-os inativos enquanto telefonava ao aeroporto para pedir a seu piloto que o esperasse com os motores ligados. A precaução de retirar a munição de suas armas revelou-se providencial. Fazendo com que Fontana o acompanhasse até a porta, Donato evitou os guarda costas e a vigilância na saída. Na porta abraçaram-se como velhos amigos, rindo e contando piadas. Funcionou. Donato deixou o cassino em segurança mas não evitou que o general, que apagara no sofá durante o jogo inteiro, acordasse num sobressalto e percebesse o truque, pois as cartas que ficaram sobre a mesa lhe diziam a verdade: dormindo, ele não fora afetado pelo controle mental de Donato — que cometera o erro de não fazê-lo continuar a dormir. Logo todos os seguranças saíram em seu encalço, mas ao chegarem ao



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

CAPÍTULO 23

aeroporto o avião de Donato rolava na pista em plena decolagem, levando ele, o piloto e uma mala cheia de notas verdes de volta para casa. Em pouco tempo sobrevoavam a fronteira, deixando o espaço aéreo do país vizinho em total segurança.

Em casa, a visão de todo aquele dinheiro não foi suficiente para evitar novas discussões com Renée. “Ladrão que rouba ladrão...” “

“Não é isso o que me incomoda, Minouche.”

“Não vamos começar a discutir isso de novo. Você está cansado de saber que achei essa idéia simplesmente ridícula e desde o início me recusei a sujar minha mente com isso. Mas você quis, achou que tinha de ir e foi. Agora não me venha com reclamações.”

“Tem alguma coisa que não sei exatamente o que é, mas está lá, martelando, e não consigo me lembrar. Alguma coisa errada, entende?”

“Ora, querido, não correu tudo bem? Você não conseguiu o que foi buscar, afinal?”

“Sim, eu sei, mas...”

“Você machucou alguém?”

“Não, claro que não.”

“Então não há com que se preocupar — do seu ponto de vista, claro. Para mim isso tudo é errado.”



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

“Você está certa, amor. É mesmo errado, e eu preferiria ter outra alternativa. Mas infelizmente teve de ser assim.”

Ela permaneceu em silêncio, amuada. E como depois de um tempo Donato ainda permanecesse pensativo, tentando de todas as formas descobrir o que faltava nesse quebra-cabeças, Renée deu-se por vencida:

“Está bem, então façamos o seguinte: vamos recapitular passo a passo tudo o que aconteceu, desde o momento em que você pôs os pés fora de casa até a hora em que voltou.”

“É o que estou tentando fazer.”

“Eu sei, seu bobo. Venha cá, deite-se no meu colo.”

Com a cabeça sobre as pernas de sua mulher e embalado pelo afago que ela lhe fazia nos cabelos, Donato pensava na viagem — ou pelo menos tentava. Era muito difícil manter a concentração a uma distância tão curta do objeto de seu maior desejo. Uma das qualidades de Renée que mais o atraíam era o perfume natural que ela tinha em lugares específicos do corpo, e particularmente entre as pernas. Donato tornara-se obcecado pelo cheiro de sua mulher, e assim como os animais, passara a associar a imagem de sua fêmea ao perfume que ela produzia. Sem a costumeira alacridade que a maioria das mulheres



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

CAPÍTULO 23

possuem nesta região, Renée capturara definitivamente a libido do marido, que mantinha aprisionada com seu perfume todo especial e o dom (qualificado por Donato de sobrenatural) de estar sempre cheirosa. E foi justamente o seu ‘bouquet’ que desencadeou na memória de Donato a correta associação de lembranças.

“O general! É isso, Minouche, o general! Quando cheguei lá, a primeira pessoa que vi foi um general que já estava meio bêbado e conversava no balcão do bar com um outro sacana, provavelmente da polícia secreta, sobre a nossa situação política. Ele dizia que tinha recebido garantias de seus companheiros de farda daqui de que o nosso presidente não duraria muito mais tempo no poder — que um golpe, uma conspiração militar estava sendo armada para derrubá-lo e assumir o poder político no país. Disse que em pouco tempo essa baderna toda estaria acabada e o que eles chamam de ordem seria restaurada.”

“Um golpe militar? Aqui neste país? Ridículo.”

“Pode ser ridículo, mas não é impossível.”

“Ora, Donato! Então você acha que estes pilantras todos emperiquitados naquelas fardinhas tem peito para fazer alguma coisa séria? Eles não ajudam ninguém — e você sabe que de necessitados



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

não temos escassez... Essa turma gasta milhões para brincar de soldadinho às nossas custas sem nunca mexer um dedo sequer para ajudar a evitar a fome e a miséria. Aliás, muito pelo contrário. Todas aquelas medalhas, aquelas condecorações e penduricalhos que usam com toda a pompa e circunstância pregados no peito eles ganham em almoços e jantares, ora! Sempre foi assim que agiram esses pilantras, que se autodenominam defensores da pátria. Defendem o deles, isso sim: a boa vida, as comissões, os adicionais por tempo daquilo que chamam de ‘serviço’, etc, etc. Mas fazer realmente alguma coisa para ajudar o país, a isso eles se recusam terminantemente: não é nossa tarefa, dizem os descarados. E ficam por aí, jiboiando nos quartéis, fazendo politicagem e brincando com seu porta-aviões e outros brinquedinhos caros, pagos com o nosso dinheiro.”

“Cuidado que você está falando com um ex-militar de carreira quase promissora.”

“Bolas para você e sua carreira. Ainda bem que você não desperdiçou sua vida lá.”

“Almoços e jantares... essa é boa.”

“Isso é público e notório. Mas nunca soube que estivessem ameaçando voltar a por as asinhas para fora de novo. Sinceramente,



ALFALIRA
UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

pensava que a época das quarteladas havia acabado.”

“Doce ilusão”

“E era isso o que você tanto queria lembrar?”

“Exatamente.”

“E para que?”

“Ora essa, Renée! Nem parece minha mulher falando! Logo você, que é tão estudada, que foi à universidade na França e tudo o mais, deveria se dar conta da importância de uma ameaça como essa.”

“Estou cansada disso, Donato. Para mim chega de política. Já tive o suficiente na escola, agüentado todos aqueles chatos que só sabiam falar em política o tempo todo. Tudo era política. Se você não concordasse, era reacionária e isso e aquilo. Me enchi. Hoje quero saber de nós, de você e de meu filho. Danem-se os políticos, os militares e toda essa raça de ladrões da coisa pública. Quanto mais distância mantivermos disso tudo, melhor para nós.”

“Não estou bem certo se devemos pensar assim. Claro, sei que há muita podridão, mas não acho que a omissão seja a postura mais indicada. Não numa situação crítica como essa.”

“Pois eu também não acho — tenho certeza absoluta de que é. Não quero saber disso e ponto final.”



ALFALIRA
UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

Donato levantou-se num pulo, ficando em posição de sentido e batendo continência: “Sim senhor, general!”

“Seu palhaço...”

A corrida, para variar, acabou na cama, mas Donato estava longe de haver abandonado o assunto. Na primeira oportunidade que teve de ir à cidade, aproveitou para telefonar ao juiz e pedir-lhe um favor.

“Gostaria que você tentasse localizar para mim um antigo companheiro de caserna, o tenente Albuquerque.”

“Tenente Albuquerque?”

“Mais conhecido como Bubi.”

“Tenente, é? Com esse nome...”

“Bom, na época ele tinha essa patente. Mas era um pilantra consumado, só queria saber de uísque, mulher e dinheiro. Considerando o tempo que passou e toda a malandragem dele, hoje já deve ser pelo menos coronel.”

“Como é o nome todo desse pimpão?”

“Amorim Mascarenhas de Albuquerque. Servia na cavalaria mecanizada, naquele regimento que ficava perto do meu batalhão, não me lembro o número agora.”

“Eu acho que sei qual é. Deixe comigo, tenho um amigo militar que



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

me deve uns favores. Provavelmente pelo nome ele consiga localizar essa figurinha carimbada.”

Não demorou muito para a iniciativa de Donato ter retorno. Logo recebia recado por meio de Agostinho para ligar para o Gino. A princípio Donato estranhou, pois esperava recado do juiz, mas não do Gino Papalargo. Ligou e deu sorte de encontrá-lo no escritório, pois como dono de uma rede inteira de bancas de jogo, achá-lo em seu próprio local de trabalho não era tarefa fácil.

“O Giustino me contou que você está procurando o Bubi.”

“Estou sim, mas não sabia que você o conhecia.”

“E qual é o picareta que eu não conheço, Donado?”

Rindo, Donato imaginava Gino do outro lado da linha juntando os dedos ao falar. “*Da vero...* E o que ele anda fazendo atualmente? Da última vez que o vi ele estava paquerando a filha de um general.”

“Pois foi com uma delas mesmo que o zem-vergonha casou. Chama-se Joseneide Ferro Nabuco, um tremendo golpe do baú. É isso mesmo, o pai dela era generale, e ela uma dessas vagabundas da alta.”

“Pelo jeito ela arrumou o cara certo, então.”

“E como! Com o dinheiro dela o Bubi virou criador de cavalos.”

“Logo ele, que nunca teve um tostão... “



ALFALIRA
UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

“Você conheceu ele?”

“O sacana foi meu colega de farda.”

“Ah é? Pois hoje ele tem um haras aí no interior e vive apostando pesado lá no Jóquei. Entre a turminha bem informada da alta roda todo mundo sabe que o Bubi é o rei dos cavalos dopados.”

“E por acaso você sabe se ele abandonou a farda?”

“Não tenho certeza, mas parece que ele foi reformado. Sabe como é, genro de generale...”

“Provavelmente com soldo integral e tudo o mais. Gino, preciso falar com ele.”

“Anote aí o telefone.”

A conversa com Bubi não foi efusiva, nem recheada com algumas das muitas lembranças dos difíceis e bons velhos tempos. Percebendo o incômodo que causava no ex-companheiro o seu repentino ressurgimento, que trazia de volta um passado que pretendia ser esquecido, Donato nem sequer chegou a tocar no assunto que era o verdadeiro motivo do reencontro. Decidiu esperar por uma ocasião mais apropriada. Despediram-se com a promessa de que Donato o visitaria assim que fosse à cidade.

<Talvez pessoalmente>, pensou Donato. <Talvez.>



ALFALIRA
UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

“Tia Linda, podemos parar um pouco? Eu queria ir ao banheiro.”

“Claro, meu amor.”

“Então, pausa para tudo: xixi, café, biscoitos...”

Manoelzinho estava tão interessado na história que foi e voltou num segundo — só para se decepcionar com a necessidade de esperar por Linda, que se ausentara pelo mesmo motivo.

“Pai, por que é que as mulheres ficam tanto tempo no banheiro?”

“Ah, meu filho, isso é um mistério que até hoje eu tento desvendar.”

“Elas não podem ser rápidas assim como nós?”

“Podem, mas acho que seu maior prazer é nos fazer esperar.”

“Eu não gosto de esperar.”

“Pois é. Mas você sabia que tem gente que diz ter escrito um livro enquanto esperava a mulher ficar pronta para sair?”

“Ah, pai...”

“Um dia você vai entender, filho.”



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

24

Manoelzinho não era o único a ser afetado por todo aquele conhecimento. A verdade é que Linda mudava a cada dia ao inteirar-se do conteúdo daquela narrativa, que no início tomara por um exagero de imaginação do velho Donato. Cada capítulo lido, cada episódio que passava a conhecer contribuía para que crescesse nela a convicção de que aquilo tudo havia realmente acontecido, o que a deixava fascinada e cada vez mais influenciada pelo conhecimento dos fatos que marcaram a história daquela família. Família que de certa forma já era sua, e com a qual ela secretamente sonhava estreitar ainda mais os laços.

Sim, pois embora ainda não estivesse plenamente ciente do fato, Linda estava amando : cada vez mais interessada no irmão, ela no entanto sentia alguma coisa estranha, algo que não conseguia definir de maneira precisa, mas que estava lá e a incomodava. Antes de sair da casa dos pais chegara a pensar que sua atração por Noel se esvairia com o passar do tempo e com uma participação mais íntima em sua vida quotidiana, que possivelmente revelaria a ela novas e desconhecidas facetas daquele a quem ela tanto admirava. Talvez ela viesse a descobrir que ele na verdade era diferente da imagem que ela idealizara — afinal de contas, Noel também era um ser humano e



383

ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

CAPÍTULO 24

tinha o direito de ser chato. Mas a realidade provou ser outra, e cada vez mais atraída pelo irmão de criação, talvez por estar conhecendo mais profundamente sua capacidade e seu caráter, Linda estava confusa.

No entanto, essa atração ainda mal compreendida tinha como efeito colateral uma sensação estranha com relação a Marlise, motivada talvez pelo ciúme, pela inveja que tomava conta dela cada vez que se lembrava de que era ela quem de fato tinha as prerrogativas de esposa e mãe. Seu mal-estar aumentava ainda mais na medida em que era justamente ela, Marlise, quem mais a ajudava a enfrentar suas próprias contradições, mesmo sem conhecer exatamente a causa da confusão sentimental que assolava a menina. O problema de Linda é que ela amava sem saber que estava amando, assim como sua rejeição dirigia-se não à cunhada, mas sim à posição que ela ocupava na vida de Noel.

Além disso, a cada dia crescia nela a convicção de que Noel tinha de fato condições de saber absolutamente tudo o que ela pensava e sentia, o que a incomodava cada vez mais. Linda nunca fora acostumada a ocultar seus sentimentos, mas a transformação em certeza da suspeita de que não tinha segredos justamente para aquele de quem



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

ela gostaria de tudo poder ocultar a mortificava. E para piorar ainda mais as coisas, a única pessoa a quem ela manifestava abertamente sua afeição vinha involuntariamente contribuir para que toda aquela situação se tornasse cada vez menos simples para ela: o próprio Manoelzinho, que por ser ainda criança demonstrava de maneira mais clara a real dimensão de seu poderio mental.

Apesar de ser extremamente consciente da necessidade de ocultar de estranhos sua capacidade, que ia muito além do considerado como normal e de todo o treinamento que recebia para isso, o menino gostava realmente de Linda e talvez por esse motivo em algumas situações do cotidiano ele chegasse mesmo a surpreendê-la, adivinhando seus pensamentos. Às vezes, por exemplo, ela sem dizer nada a ninguém procurava um objeto perdido e eis que o menino aparecia com ele nas mãos, depositava-o gentilmente sobre seu colo e, sem dizer uma palavra, beijava-lhe o rosto e saía. Outras vezes, quando ela sentia sede mas se esquecia disso, ele trazia-lhe água. Em seus momentos de tristeza e desapontamento, quase sempre era ele quem vinha consolá-la. Essas pequenas situações do cotidiano agiam com enorme poder sobre a imaginação de Linda.

Enquanto isso a leitura do diário seguia adiante, alimentando nela



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

CAPÍTULO 24

a convicção de que nada daquilo era invenção nem fantasia do pai de Noel, como chegara a pensar. A seriedade com que Manoelzinho e a própria Marlise escutavam a narrativa do velho Donato era mais um indício para ela de que tudo, absolutamente tudo, tinha um significado muito maior do que ela suspeitara. Isso ficou definitivamente claro depois da leitura do seguinte capítulo daquelas memórias, feita durante uma fria noite de inverno, aquecida pelo chá e por todo o carinho que ela recebia daqueles três:

“Apesar da recusa de minha mulher em admitir a importância dessa conversa com o presidente, que necessariamente tinha de ser pessoal, eu estava decidido a tentar. Claro, ela tinha razões, e boas: o risco era alto, as possibilidades de sucesso remotas e a fonte de onde provinham nossas informações sobre o complô era absolutamente duvidosa. Mas eu também tinha meus motivos, e estava disposto a não deixar o assunto até que todas as possibilidades de ação ao meu alcance estivessem esgotadas. Discutimos muito.

“Não posso, não quero e não vou concordar com isso, Donato.”

“Mas Minouche, você não entende...?”

“Quem não está entendendo é você. Isso é consequência daquela



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

sua viagem horrorosa contra a qual me posicionei desde o princípio. Mas você insistiu com seus argumentos monetaristas e acabou vencendo. Pois aí está. Uma coisa ruim atrai outra, e lá vai você de novo se meter onde não deve. Se você estivesse só, o caso seria diferente — mas agora é preciso pensar também em sua família, em mim e em seu filho. Nós três temos uma missão muito mais importante do que essa.”

Sem dúvida alguma ela estava mais do que certa ao colocar a segurança dela e de nosso filho acima das sujeiras da política deste nosso malfadado país, que segundo ela não merecia um neurônio sequer de nossos pensamentos. Mas ainda assim eu tinha que ir. Quanto mais ela falava, mais aquilo se tornava uma espécie de obsessão, algo inelutável para mim.

“É preciso compreendermos que a partir de agora qualquer solução humana para a extinção da iniquidade, da fome, da ignorância, da miséria com a qual somos obrigados a conviver é absolutamente impossível. A caridade ocasional que nos surge como uma oportunidade individual de contribuição é a única saída que temos, mas sempre como indivíduos e nunca como um povo — para não mencionar a humanidade como espécie. A justiça, fica então bem claro, só poderá ser feita sob orientação de instâncias superiores, onde e quando for



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

considerada necessária por eles — por eles, veja bem, e não por nós.”

Se eu fosse um pouco menos obtuso teria compreendido imediatamente a clareza e a irrefutabilidade daqueles argumentos, e teria portanto nos poupado uma série de incômodos. Mas não pensava assim naquela ocasião.

“Querida, peço-lhe desculpas. É provável que você esteja certa, mas tem de compreender uma coisa: eu não conseguirei mais me olhar no espelho sabendo que tive a oportunidade de dar minha colaboração, ainda que individual como você diz, e não a aproveitei. Prefiro me arrepender daquilo que fiz do que ficar remoendo as possibilidades de sucesso perdidas por omissão.”

“O que significa que você vai de qualquer maneira.”

“Vou.”

Aquilo me custou um bom período de tempo fechado para pousos e decolagens no aeroporto dela. Por fim ela se convenceu de que eu nunca mais poderia me respeitar se não tentasse e resolveu discutir seriamente um plano para levar a cabo aquela ‘idéia romântica’, como dizia ela. Levamos dias escolhendo o melhor curso de ação e as possíveis saídas em caso de emergência. Apesar de toda nossa confiança nos recursos mentais de que dispúnhamos, Renée ainda temia



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

que algo inesperado pudesse acontecer.

“Por mais que planejemos, sempre existe o imponderável. Alguma coisa, uma besteirinha às vezes, pode por tudo a perder.”

“Eu sei, Minouche. É justamente por isso que estamos planejando a ação passo a passo: para minimizar os riscos.”

“Ainda acho que não vale a pena corrê-los.”

“Não vamos começar tudo de novo...”

“Está bem, está bem, eu sei. Mas quando penso que essa pode ser a última vez que o vejo vivo, fico meio maluca...”

“Deixe disso, Renée. Onde já se viu uma mulher inteligente como você ficar pensando tamanha besteira? Estarei de volta antes mesmo de voôê começar a sentir saudades.”

“Tomara.”

Naquela noite ela me segurou de uma maneira diferente, talvez pelo medo da perda, que fazia com que agisse de maneira estranha. Me senti um boneco em suas mãos. Não gostei. Por fim, depois de passar boa parte da noite repassando cuidadosamente todas as etapas de nosso plano, parti pela manhã bem cedo.

Para não deixar registros de espécie alguma subi a bordo do avião apenas com um cartão de embarque tomado do despachante de vôo,



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

depois de obliterar de sua mente qualquer lembrança de minha passagem pelo portão de embarque. Seria comprometedor comprar um bilhete em meu nome. Assim que entrei no avião sentei-me num lugar próximo à comissária-chefe, de onde podia acompanhar com clareza todo o procedimento da tripulação de cabine e verificar através de sua mente que tudo corria normalmente. Desta maneira pude fazer com que a aeromoça encarregada da contagem dos passageiros me pulasse, para que o total de passageiros a bordo coincidissem com o de bilhetes contabilizados pelo pessoal de terra.

Quando o avião rolou na pista ganhando velocidade para a decolagem pude respirar mais aliviado. Examinei cuidadosamente as mentes de todos os membros da tripulação e nada indicava qualquer anormalidade. Só então relaxei: conseguira passar ileso pelo primeiro teste. O segundo, bem mais simples, foi o motorista de táxi da capital federal que me levou do aeroporto até o Palácio do Governo. Paguei a corrida mas certifiquei-me de que ele se esqueceria completamente não apenas de minha existência como também de ter feito aquela corrida. Começava então a parte mais difícil: a ação dentro do palácio.

Como todo palácio, este também tinha sua trupe de palacianos. A recepção era assistida diretamente por militares, e o acesso às de-



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

CAPÍTULO 24

pendências da presidência era controlado por um bando de periquitos verdes cobertos de crachás, insígnias, cordões, emblemas, bandeiras, estrelinhas, fitinhas e não sei mais o que. Nem em meus tempos de caserna havia visto tanto enfeite assim. Felizmente para mim, quanto mais penduricalhos ostentavam menos envergadura mental demonstravam: contentavam-se em realizar aquilo que deles era esperado, e nada mais. O sargento que supervisionava a entrada de visitantes foi o que deu mais trabalho. Era um homem modesto mas que dentro de suas limitações revelava uma acentuada integridade de caráter e uma boa vontade fora do comum para com os outros, coisa rara em qualquer repartição pública. Talvez tenha sido por isso que tive muita dificuldade em controlar-lhe a mente enquanto falava com ele. Não sei. O fato é que se o homem tinha as convicções de uma noz-moscada, demonstrava possuir uma firmeza de propósito do tamanho de uma melancia. Felizmente o telefone veio em meu socorro, e enquanto ele se abstraía de mim tive tempo para elevar minha concentração e conseguir dar conta dele.

Ao desligar o aparelho já o tinha sob controle e obtive o passe para subir ao andar da presidência sem maiores incômodos. Informou-me quem estava de serviço lá, como ele era e quais etapas ainda deveria



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

CAPÍTULO 24

percorrer até chegar a meu objetivo. Não permiti que qualquer anotação sobre minha entrada fosse feita, assegurei-me de que ele se esqueceria completamente de mim e subi ostentando meu crachá de visitante sem ser incomodado. No elevador flertei com a ascensorista, que ao me ver desejou que o poderoso político que trocava dinheiro por seus favores sexuais tivesse a minha aparência física. A nuvem negro-avermelhada projetada por seus pensamentos concupiscentes empestou o elevador inteiro. Evidentemente também cuidei para que essa lembrança fosse totalmente apagada de sua memória.

O tenente que supervisionava a recepção do andar presidencial, um sujeito magro e de aparência altiva, foi mais fácil de dominar do que o sargento. Ao olhar para a agenda que tinha diante de si, fiz com que associasse minha imagem a um nome escrito na lista de audiências e fui então encaminhado à sala de espera, que felizmente estava vazia a não ser pela presença de uma velha senhora que limpava os cinzeiros. Aparentemente a faxineira tinha muito trabalho, pois aguardar uma audiência com o chefe da nação dava nos nervos daquela turma. A cada meia hora ela passava por lá para esvaziar dos cinzeiros o conteúdo daquele acúmulo de esperanças vãs, de sensações obscuras, de favorecimentos ilícitos, de chantagens mal disfarçadas, de todas



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

as espécies de torpezas que infestam o poder. Curiosamente ela foi a única pessoa que não me olhou. Acho que até fez questão de não me notar, num desprezo solene que achei admirável. Tive o impulso de chamar a velhinha e arrancar dela alguma coisa útil, mas depois resolvi deixar sua dignidade imaculada. Em silêncio ela se retirou e fiquei sozinho na ante-sala mais visada pelos oportunistas do país.

Não aguentei esperar muito tempo. Uma sensação esquisita me incomodava, e queria sair dali o quanto antes. Havia duas pessoas no gabinete presidencial, uma que logo pude identificar como o presidente. A outra parecia ser sua secretária. Concentrei-me nela e trouxe-a para fora. Era uma mulher experiente, eficiente naquilo que fazia e acostumada a não cometer enganos. Por ela soube que o presidente aguardava, com uma certa ansiedade mesmo, pelo chefe do gabinete civil e fiz com que ela me anunciasse como se fosse ele. Deu certo.

“Mande-o entrar.”

Antes de penetrar na jaula do leão tive novamente o cuidado de fazer com que ela me esquecesse. Acho que nunca na minha vida fui tão esquecido como naquele dia. Também instruí-a para bloquear qualquer telefonema ou pessoa, fosse quem fosse, como se a ordem



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

tivesse partido do presidente em pessoa.

Ao ver-me ele se levantou, espantado.

“Quem é o senhor?” Imediatamente enviei-lhe um comando anestésico para evitar qualquer reação mais intempestiva, como por exemplo chamar alguém, mas no entanto sem retirar-lhe a menor fração de sua lucidez. Eu o queria em plena posse de sua consciência, pois era imperativo que ele se recordasse de toda a nossa conversa e ao mesmo tempo que se esquecesse completamente de minha identidade e de como havia conseguido chegar até ele.

“Sente-se, presidente.”

Sem tirar os olhos de mim, ele se sentou. Fiz o mesmo.

“Vim até aqui porque o senhor corre grande perigo.”

“Quem é o senhor?”

“Isto não tem a menor importância. Digamos que eu seja apenas um cidadão imbuído da intenção de preservar o pouco de liberdade que ainda nos resta nesse país.”

Ele esticou o braço para chamar a secretária, mas o impulso foi bloqueado a tempo. Olhou-me espantado, ainda se perguntando quem era esse sujeito que invadia seu gabinete e demonstrava tanto poder.

“Acalme-se, presidente. Como vê, o poder político não é



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

necessariamente a forma mais eficiente de assegurar a obediência de alguém. Vim apenas para conversar, e o que tenho a dizer não demorará muito.”

Ele recostou-se na poltrona sem tirar os olhos de mim, espantado com a súbita falta de controle motor. De fato eu o mantinha aprisionado em sua própria poltrona, paralisado fisicamente embora estivesse totalmente desperto para a realidade. Apesar da enorme surpresa que experimentava ao se ver controlado à distância por uma pessoa aparentemente comum como eu, ele demonstrou ser um homem de tutano: o inusitado da situação não lhe retirou a capacidade de raciocínio, nem a frieza emocional.

“Parece que não tenho alternativa a não ser ouvi-lo. O senhor deve mesmo ser muito poderoso para conseguir realizar... isto.”

“Não vim aqui para falar sobre mim, presidente, mas sim sobre o senhor. Mais especificamente, sobre seu futuro político e por conseguinte, sobre o futuro de nosso país. Como dizia, o senhor corre um risco enorme.”

“Presumo que isso faça parte de minha função.”

“De certa forma sim, mas creio ser meu dever como cidadão adverti-lo, e por isso estou aqui.”



ALFALIRA
UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

CAPÍTULO 24

“Advertir-me? A respeito de que, meu jovem?”

“Uma tentativa de golpe. Os militares conspiram contra o seu governo, têm planos para derrubá-lo e assumir o controle do país pelas armas, se for preciso. O senhor sabia disso?”

“De certa forma sim, tive conhecimento disso, mas tudo indica que são apenas boatos. Nada mais do que isso.”

“O senhor está enganado, presidente. Devo informá-lo de que o assunto é tema de conversa até mesmo entre oficiais generais de países vizinhos, por exemplo.”

“Não creio nisso.”

“Eu estive lá e presenciei o fato. Ninguém me contou. Eu ouvi da boca de um deles.” Ele respirou fundo e recostou-se na cadeira, esticando as pernas e apoiando os pés sobre a mesa.

“Supondo que isso seja verdade. Se o senhor estivesse no meu lugar, o que faria?”

“Identificaria os conspiradores e os destituiria imediatamente do comando, substituindo-os por oficiais de inteira confiança.”

Ele riu. “Meu caro, isso é utopia, não apenas aqui mas em qualquer governo de qualquer país do mundo.”

“Posso saber por que?”



ALFALIRA
UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

“Simplesmente porque não existem militares de confiança.”

Eis aí um ponto que fui obrigado a conceder. “*Touché*. Mas ainda assim existem medidas que podem ser tomadas para garantir um mínimo de segurança e evitar o desencadeamento do golpe.”

“Acha mesmo que me sinto à vontade quanto a isso? Pensa que não tenho conhecimento do risco que corro?”

“De fato isso me passou pela mente.”

“O senhor me subestima.”

“Talvez. Mas não subestimo os generais. Conheço sua maneira de pensar e sei que não deixarão passar a oportunidade de fazer mais uma de suas quarteladas.”

O sorriso dele foi revelador, mas nem assim ele se deu por vencido.

“Se está mesmo convencido disso, então veio ao lugar errado. Com todo esse poder que demonstra possuir, você deveria estar falando não comigo, mas sim com eles, os supostos conspiradores. Não acha que seria mais útil ao país se conseguisse demovê-los de sua intenção?”

“Não pense que a hipótese não foi considerada. Mas eles são muitos e a coisa se tornaria impraticável.”

“Sabe ao menos me dizer quem são os conspiradores?”

“Talvez seja mais fácil dizer quem não é conspirador.”



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

“São tantos assim?”

“Parece que sim. O movimento está bastante difundido e prestes a eclodir. Como o senhor sabe, suas afinidades com a esquerda os deixa muito preocupados.”

“Esquerda, direita. Já conheci generais de ambos os lados e nunca me saiu da cabeça o fato de que todos eles no fundo são uma e a mesma coisa: militares. Comunista ou fascista, um general é um general.”

“Ordinário, marche. Sabe, presidente, meu avô — que era um homem conhecido pela sua sensatez — toda vez que encontrava uma mulher manhosa, chata, muito dada a reclamações, logo dizia que aquilo tinha cura: basta dar a ela um tanque cheio de roupa e um pedaço de sabão.” Pela segunda vez o presidente sorriu. Aproveitei a deixa.

“Acho que com eles a coisa também é assim, ou pelo menos deveria ser. Afinal, essa turma não faz nada, não trabalha, não ajuda ninguém a não ser eles mesmos. Existe tanta miséria, tanta pobreza, tanto por fazer neste país e eles ficam passeando por aí em seus brinquedinhos caros, enquanto poderiam estar fazendo muito mais pela nação. Falo de benefícios concretos : os batalhões de engenharia poderiam estar construindo pontes e abrigos para o povo...”



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

“Acontece”, interrompeu ele, “que existe algo chamado Constituição, que determina suas atribuições. Concordo que mantê-los nos quartéis engraxando armas é um desperdício, especialmente se considerarmos o que o governo gasta com a manutenção das forças armadas. Mas não há nada que se possa fazer, a não ser que a Carta seja alterada. E o senhor, que pretende estar tão bem informado, deve saber das chances de se concretizar tal mudança.”

“Nulas.”

“Certamente. Pelo menos por enquanto.”

“Quer dizer então que o próprio Presidente da República, que é o comandante em chefe das Forças Armadas, se confessa impotente para mandar seus próprios subordinados trabalhar de fato em prol do país? Não posso crer nisso, com ou sem o argumento constitucional.”

“Muitos tem essa mesma ilusão que o senhor também alimenta — a de que o Presidente, pelo simples fato de ser o presidente, detém o poder absoluto. Mas acontece que o presidente não é um monarca.”

“Se isso fosse verdade eu não estaria aqui. Mas é preciso que o senhor reconheça que uma determinação presidencial vale alguma coisa. Ou pelo menos deveria valer.”

“No presente momento não vale nada. Nem mesmo serve para me fazer saber quem é o senhor.”



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

CAPÍTULO 24

“Presidente, essa sua inércia com certeza lhe custará o cargo, e o que é muito pior, o sangue de muitos de nossos concidadãos. Peço-lhe que reflita muito sobre isso. Toda essa onda de anticomunismo, toda essa caça às bruxas é uma cortina de fumaça, uma pantomima. Sob a aparência de um legítimo interesse pelo país se escondem grupos de interesses poderosos que farão desta nação uma gigantesca sinecura, retalhada em lotes distribuídos aos apaniguados e comparsas de sempre, que todos sabemos quem são e a que vêm. Mas nem tudo está perdido. Ainda há tempo para alterar o rumo dos acontecimentos, se o senhor tomar a decisão de agir pronta e energicamente.”

“Destituindo generais.”

“Sim.”

“Suponhamos que tudo isso seja verdade. Se um oficial de alta patente que fosse conspirador e estivesse exercendo uma posição de comando fosse exonerado de uma hora para outra, que imagina que seus seguidores na tropa fariam? Decerto o senhor não é ingênuo a ponto de acreditar que eles não tem uma base de apoio nos escalões inferiores.”

“Isso não posso afirmar com certeza, mas duvido que sejam muitos. O bom senso tende a prevalecer em situações como essa.”



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

CAPÍTULO 24

Então, pela primeira vez, ele riu. “Ah, ah! Quanta ingenuidade! Por acaso já lhe ocorreu que se os militares tivessem uma fração infinitesimal disso que o senhor chama de bom senso, eles não seriam militares?” Também não pude segurar o riso. Jamais me passara pela mente que o próprio presidente da república pudesse se referir naqueles termos aos que o sustentavam no poder.

“Pelo que vejo o senhor não está entre os maiores admiradores de nossas gloriosas Forças Armadas.”

“Qualquer um que conheça um pouco de nossa história pensaria da mesma maneira. Durante séculos nossos militares foram usados para exterminar nosso próprio povo, salvo naquela nefasta ocasião em que foram se meter numa briga alheia e tiveram a oportunidade de varrer deste mundo cidadãos de um país nosso vizinho. Na proclamação da República não deixaram por menos: o ato estava marcado para a manhã, mas foi adiado para depois do almoço. Que se pode esperar de gente que deixa o destino político do país para depois do almoço? Pouco mais de quarenta anos depois voltaram a massacrar seus compatriotas, cujo levante era totalmente legítimo, em nome da ditadura. De resto, quarteladas e politicagem — e uma indiscutivelmente nítida tendência para o autoritarismo. Como pode o senhor falar em bom



ALFALIRA
UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

senso diante disso tudo?”

“Me surpreende o fato de que o senhor pense desta maneira a respeito deles e fique aí, sentado tranqüilamente enquanto eles conspiram para derrubá-lo.”

“Meu caro, é justamente porque eu os conheço tão bem que me sinto à vontade para não temer uma conspiração. Diga-me, se puder, o nome de um único presidente que não foi vítima de uma conspiração.”

“Mas nesse caso a coisa é diferente.”

“Engano seu. E agora, se me permite, preciso dispor de meu tempo. Como sabe, nós presidentes somos escravos. Com certas regalias, admito, mas ainda assim, escravos.”

“Então não vai se prevenir contra a conspiração?”

“Agradeço seu interesse, mas isso é impossível. Bom dia.”

“Nesse caso, senhor presidente, temo que seu período de escravidão esteja bem perto de chegar ao fim.”

Saí do Palácio me sentindo ridículo, patético e absolutamente frustrado. Durante toda a viagem de volta louvei o bom senso de Renée, me condenando por não tê-la escutado e ficado em casa com minha família. Arrependei-vos, pecadores!



ALFALIRA
UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

CAPÍTULO 24

“Pai, o que é um golpe?”

“Golpe é quando alguém ou um grupo de pessoas tenta tomar o poder pela força, derrubando o presidente e assumindo o controle do país. Era isso o que seu avô queria evitar ao ir para a capital, entende?”

“E por que a vó não queria deixar ele ir?”

“Por diversas razões, filho. Sua avó era cética em relação ao progresso das instituições políticas — aliás, postura que provou ser a mais adequada.”

“E por que ele foi mesmo com ela proibindo, pai?”

“Existem certas coisas que um homem tem que fazer, filho.”

“Mesmo quando a mãe da gente não deixa?”

“Mesmo quando elas não deixam.”

“Viu, mãe?”

“Depois nós conversamos, mocinho. Agora despeça-se de todos e já para a cama.”

“Ahh, mãe...”

Foi depois dessa leitura que Linda percebeu que os fatos narrados no diário de Donato eram mesmo reais e que suas dúvidas sobre a veracidade do poder mental deles eram mesmo infundadas. Seu conhecimento sobre aquele período negro da história política do país,



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

CAPÍTULO 24

apesar de não ser muito extenso, era suficiente para que ela percebesse a clareza de visão que Donato possuía já naquela época, muito antes da imensa maioria da população se dar conta da armadilha na qual caía.

Ansiosa para chegar ao final, passou o resto da madrugada lendo a narrativa de Donato sobre como conquistara a amizade e a dedicação do velho João. Foi depois dessa noite em claro que ela se deu conta da real dimensão do amor que unia ambas as famílias.

Ciente dos fatos que levaram seus pais a aproximar-se, Linda passou a se questionar mais profundamente sobre os sentimentos que tinha por Noel. Ironicamente era Marlise quem mais lhe ajudava nesse processo. Detalhes da vida familiar do casal aos poucos revelavam o profundo amor que unia Marlise e Noel, e a cada momento Linda procurava saber o que faria se ela estivesse no lugar de Marlise, o que sentiria em tal ou qual situação caso fosse ela a esposa de Noel.

A leitura do diário revelara a ela não apenas os feitos da geração anterior mas também a ajudava a compreender a si própria. E à medida em que crescia nela essa compreensão, aumentava também seu sofrimento e o sentimento de que havia alguma coisa fora do lugar, de que algo ali estava errado.



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

Haviam se passado alguns meses desde sua chegada e até então ela não tinha voltado à praia para visitar os pais. Seu crescente mal-estar, o aniversário de um de seus sobrinhos e a proximidade de um feriado prolongado a ajudaram a tomar a decisão de rever sua própria família. O velho João costumava reunir todos os filhos, genros e netos para uma peixada nas datas dos respectivos aniversários. Apesar de convidados habituais, dessa vez Noel e Marlise preferiram ficar e Linda partiu só.

Ao chegar na casa dos pais Linda tentou aparentar a mais absoluta normalidade. No entanto D. Ana, embora sem dizer nada, logo percebeu que algo havia mudado em sua filha. Limitou-se a observar seus gestos, notando as diferenças entre a Linda de hoje e a que deixara sua casa três meses atrás. Ciosa como toda mãe, pôs-se a ouvir o que ela dizia com aquela atenção especial que fazia com que conseguisse distinguir sua voz entre a algazarra que a reunião de uma família tão grande sempre produzia.

Mesmo entre as irmãs Linda estava diferente, embora apenas a especial sensibilidade materna de D. Ana percebesse aquelas mínimas alterações. De maneira geral ela ainda era a mesma menina, e como tal aparecia para todos. Mas mãe não se engana, especialmente a



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

respeito do coração da filha preferida. No último dia de sua estada ela aproveitou um momento de calma e a pretexto de um descanso, chamou-a para uma volta na praia. Abraçadas, as duas caminhavam ora em silêncio, ora conversando sobre uma coisa ou outra.

“Como as crianças da Vera estão grandes, não é? Até hoje me lembro como elas eram pequenininhas... Parece que nasceram outro dia mesmo...”

“Ora mamãe, criança tem mesmo que crescer.”

“É, a gente vai ficando velha... os netos crescendo...” Subitamente ela encarou a filha: “E você, filha? Pelo jeito você também vai me fazer uma surpresa logo logo, né?”

“Que é isso, mãe! De onde a senhora tirou uma idéia dessas?”

“Olhando para você, ora.” A seriedade e o jeito tranqüilo do seu tom de voz impressionaram Linda.

“Imagine só! Pode ficar sossegada porque isso ainda vai demorar um pouco, viu?” D. Ana limitou-se a sorrir, olhando para a areia.

“Você está mudada, filha. A gente que é mãe percebe essas coisas. Eu às vezes vejo essa sua tristeza no olhar, e sei que isso só acontece quando nosso coração está distante, quando nosso pensamento está com outra pessoa. Só espero que você saiba escolher, e que esse homem seja mesmo bom para você.”



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

CAPÍTULO 24

“A senhora está imaginando coisas, mamãe”, respondeu, afetando ironia pelo absurdo da idéia.

Durante o caminho de volta, sentada no ônibus, Linda percebeu que não havia sido convincente nem para ela mesma, muito menos para sua mãe. Sim, ela de fato sentia algo especial com relação a Noel, mas será que era isso o tal de amor, esse sentimento tão cantado em público mas por vezes tão pouco compreendido no íntimo das pessoas? Claro, ela gostava dele, e de uma maneira especial mesmo. Mas amor de irmão e de amigo era diferente do amor de marido e mulher, daquele que existia entre ele e Marlise.

De repente lhe ocorreu que tinha ciúmes de Noel por já ser casado com outra, inveja de Marlise por ser ela essa outra, e que portanto se seu desejo era mesmo o de tê-lo para si como Marlise o tinha, havia apenas duas alternativas possíveis. No momento em que conseguiu compreender a complexidade da situação, ficou exasperada.

Finalmente estava claro para ela o que havia de errado em toda aquela história. Aceder a esse desejo, mesmo que fosse possível, seria deslealdade não apenas para com Marlise e Manoelzinho, mas também para com Noel e ela própria. Além disso, não se deseja um irmão como se deseja um homem com quem se pretende casar.



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

<E agora, Linda? Como você vai sair dessa sinuca?>

Atordoada com a própria descoberta, nem percebeu a passagem do tempo e do espaço. Quando deu por si já estava de volta em casa, onde não encontrou ninguém. A família tinha saído.

<Melhor assim. Não quero mesmo conversar com ninguém agora.> Tomou um banho e foi para a cama, não para dormir, mas para pensar. Passado o choque inicial, aos poucos a coisa toda ia ficando mais clara para ela. Sua mãe tinha razão.

<Como será que ela conseguiu perceber? Ninguém notou, nem mesmo a Vera, que é matreira nessas coisas... Graças a Deus meu pai não desconfiou de nada, e se a mãe me chamou para falar na praia é porque ela não vai dizer nada para ele.>

Algum tempo depois de se deitar ouviu os três chegando, mas não se levantou nem deu sinal de vida. Preferiu manter a luz apagada e fingir que dormia. Ainda não tinha coragem de encará-los. Ouviu Manoelzinho tentar bater à sua porta e ser chamado pelo pai, que impôs o silêncio na casa sob pretexto de não acordá-la.

<Noel, Noel... Que fazer?>

Parecia que ele adivinhava o que ela sentia, que preferia estar só naquele momento. Foi então que se deu conta de tudo.



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

CAPÍTULO 24

<Mas é claro! Como sou burra...>

Era lógico que ele sabia tudo o que ela sentia, que conhecia seus segredos mais íntimos e portanto tinha plena ciência do amor dela por ele. O tempo todo ele sempre soube, e nunca disse nada. Provavelmente até mesmo naquele dia em que prometera ajudá-la a convencer o pai de que ela realmente precisava mudar-se para a cidade — para sua casa! — ele já soubesse de tudo. Disso ela já desconfiava há muito tempo. O que lhe perturbava era o fato de que, ainda assim, Noel permitisse que ela passasse por toda aquela angústia sem nem ao menos tentar compreendê-la.

<Será que ele não vê o quanto eu sofro?> perguntava-se ela na madrugada insone, deitada na cama a pensar e pensar. <Ele sabe que tenho inveja de Marlise, que não consigo evitar... Deixar tudo isso acontecer é crueldade! Ah, como queria ser eu a estar lá deitada junto a ele agora...>

Linda chorou, apertando o rosto no travesseiro para não deixar que a ouvissem. Ainda não tinha a menor noção da enorme influência que seu sofrimento por amor exercia sobre as mentes de todos os três. Até mesmo Marlise, que não tinha a capacidade de ver as emanções do corpo emocional das pessoas, podia sentir a forte projeção amorosa



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

CAPÍTULO 24

que Linda irradiava, numa vibração extremamente elevada e de pureza considerável, apesar de mesclada à dor. Alheia a tudo isso, perto do amanhecer Linda havia chegado a uma decisão. Iria embora, deixaria aquele lugar. Não podia suportar a idéia de que Noel e seu filho a conhecessem tão completamente, sem que ela pudesse fazer absolutamente nada para se defender, para manter sua privacidade. Sim, ela estava apaixonada — se é que era mesmo paixão o que sentia naquele momento — mas ninguém tinha nada com isso.

Por outro lado, Noel também não teve sossego. Naquela noite deitou-se como de hábito, mas preocupado com a situação, solicitou ajuda de Phaeton e Lampos. Pouco depois dormia, e em desdobramento foi levado por eles, junto com Marlise e Linda, até a casa da praia. Lá reuniu-se a eles a grande Calíope da coroa de ouro, que depois de solicitar a proteção da Consciência Universal para todos os presentes, dirigiu-se a eles com as seguintes palavras:

<O motivo de minha presença aqui releva da necessidade imperiosa de se continuar com o trabalho de evolução do novo homem no plano terrestre. Todos sabemos que essa era a grande preocupação de sua mãe, Noel, que almejava para o filho uma união dedicada sobretudo a esse nobre propósito; sabemos também das dificuldades e do



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

CAPÍTULO 24

sofrimento pelo qual você e Marlise passaram, já que nossa irmã Renée não os considerava um par perfeito para a consecução de tal fim. Porém a perfeição, se é desejável, muitas vezes é inatingível pelas vias que o parco entendimento humano é capaz de conceber, e ao deixar de compreender isto nossa irmã Renée incorreu em falta. No entanto, isto significa que todas as oportunidades de nos elevarmos cada vez mais nos são dadas a partir do momento em que nos comprometemos *a priori* com uma missão que está acima de nossa capacidade. Tal é o caso presente. Você, Marlise, e você, Linda, estão recebendo a oportunidade de ultrapassar os limites conhecidos e lançar-se num novo plano de existência, mas para tanto será preciso um esforço muito grande de abnegação, de renúncia ao ego, de total entrega amorosa. No plano de suas existências materiais, isso significará a necessidade de colocar a união da família acima de todo e qualquer interesse particular, o que será tanto mais difícil quanto é inusitada a forma pela qual sua união familiar se dá. Nos planos mais elevados, demandará uma abertura significativamente maior à Consciência Universal, que os proverá adequadamente desde que suas mentes e corações estejam em permanente sintonia com as vibrações mais elevadas. Essa decisão, que sabemos já ter sido tomada pelo irmão



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

Noel, precisará também da aquiescência e, mais do que isso, da participação e colaboração ativa de todos os membros da família. Pelo pequeno que ficou dormindo eu posso responder. Portanto cabe a vocês duas optar. Mas lembrem-se : essa opção, para ter real valor, deverá ser feita exclusivamente no plano material de suas existências, com os recursos e o conhecimento de que dispõem nele suas consciências. De nenhuma utilidade seria uma resposta dada agora. Vocês serão levadas de volta a seus corpos materiais sem a lembrança desta nossa conversa, para que sua decisão seja genuinamente meritória perante o Conselho. Seja ela qual for, tenham a certeza de que estaremos sempre convosco.>

Dito isto, a grande Calíope retirou-se abençoando a todos, e Lampos e Phaeton os acompanharam até seus corpos materiais.

Pela manhã Linda chegou à mesa do café com o rosto inchado, exausta pela noite passada em claro. Mal conseguia olhar nos olhos deles. Mas não chegou a ter oportunidade de comunicar sua recente decisão de partir.

“Queremos conversar com você, Lili”, disse Noel.

“Temos um pedido a lhe fazer, e gostaríamos que você pensasse bem antes de tomar qualquer decisão”, continuou Marlise.



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

Lentamente ela levantou o olhar e viu, um por um, os olhares calmos daqueles que chegara a considerar como sua família e cuja convivência já não suportava mais.

“É verdade sim, tia. Nós queremos que você fique aqui conosco. E é para sempre.”

“Obrigada, querido, mas eu não posso.”

“Ele está falando sério, Linda. Diga a ela, filho.”

Manoelzinho levantou-se e foi até ela, abraçando-a com carinho mas mantendo aquela sua expressão de calma e gravidade que ela tanto aprendera a amar durante sua permanência naquela casa.

“Sabe, tia... é que se você for embora, como é que eu vou conseguir ganhar um irmão?”

“Ora...” Ela fora apanhada de surpresa. Ficou a olhar para o menino, sem saber o que pensar.

“O que ele quer dizer, Linda, é que nós todos queremos que você fique e faça parte de nossa família, e... bem, que você me ajude a aumentá-la. Você sabe que depois que Manoelzinho nasceu fui seriamente advertida pelos médicos sobre os riscos que uma nova gravidez poderia representar, tanto para mim quanto para a criança.”

Linda não acreditava no que estava ouvindo. Seus olhos molhados



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

CAPÍTULO 24

passavam de um para outro, sem entender bem o que acontecia. Noel levantou-se e quando chegou a seu lado ajoelhou-se, levou um lenço aos olhos dela e disse baixinho, enxugando-lhe as lágrimas:

“Você quer se casar conosco? Todos nós te amamos muito e queremos você aqui, não apenas como irmã, mas também como amiga, como mulher, mãe e filha.”

“Fala que quer, tia, fala!”

“Deixe que ela responda quando ela achar que deve, filho.”

“Ah, mãe!”

Linda não conseguia falar. O nó que tinha na garganta mal permitia que as lágrimas corressem. Eles estavam todos ali, propondo casamento a ela com a maior naturalidade, como se se tratasse de mais um assunto em família. E na verdade era um assunto de família. Marlise tomou novamente a palavra:

“Nós todos discutimos muito isso tudo e nossa decisão é unânime. Queremos que você fique, claro – mas só se você também quiser. Nós te adoramos e vamos fazer de tudo para que você se sinta feliz conosco. Sei que você quer um filho de Noel, e ele, eu e Manoelzinho também queremos o mesmo. Poderemos não ser uma família muito convencional, é verdade, e precisaremos de muito cuidado para não aumentar



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

ainda mais nossos problemas, mas quero que você tenha certeza de que todos nós a amaremos muito.”

“Quer dizer... quer dizer que você... “

“Não, ela não tem ciúmes. Marlise tem orgulho de estar casada comigo e sabe que tudo o que eu sinto por ela não vai ser diminuído em nada pelo fato de eu gostar de você a ponto de termos um filho juntos. Por isso é que nós dois, aliás nós três, queremos que você fique. Você sabe que somos diferentes, que temos certas capacidades que ninguém mais possui, e nossa responsabilidade por isto mesmo é muito maior. Nós somos o início de uma nova etapa no desenvolvimento da raça humana, Linda, e temos o dever de zelar pela concretização desta promessa. Você sabe como tudo começou e portanto conhece nossa missão. Estamos te oferecendo um lugar junto a nós, te convidando a assumir conosco essa responsabilidade, que é a de trazer a este mundo um novo ser humano, melhor, mais aperfeiçoado, mais consciente. E se você quiser ficar e criar seu filho — nosso filho — aqui, junto conosco, tenho certeza de que isso nos faria muito felizes.”

Houve uma pausa. Linda enxugou as lágrimas, assoou o nariz, olhou para um, para outro, sem saber o que dizer. Estava tão supresa que por um instante ficou paralisada. Aquilo era mais do que poderia



ALFALIRA
UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

desejar, algo que nunca tinha imaginado. Por fim tomou fôlego e sorrindo, se pronunciou:

“Bom, se vocês me querem aqui é porque não devo ser tão ruim assim, não é?”

“Ruim?”

A cerimônia foi celebrada naquela mesma noite. Noel a presenteou com um anel de brilhantes e um vestido novo. Marlise encomendou uma ceia especial e Manoelzinho pulava pela casa toda, deixando todos ainda mais atordoados do que já estavam. A surpresa foi a transformação do quarto do casal em suite nupcial.

“Quem teve essa idéia?” perguntou Noel ao chegar em casa com os presentes embaixo do braço.

“Eu”, disse Marlise. “Já que estamos todos no mesmo barco não vejo motivo para não estarmos também no mesmo lençol. Hoje vou dormir no quarto de Linda e ela passa para cá.”

“Quer dizer que enquanto estive fora vocês andaram aprontando mais uma das suas.”

“Quem tem duas esposas precisa se acostumar não apenas com essas, mas também com muitas outras coisas...”

“Duas! Como se uma não bastasse... Deus do céu, em que encrenca fui me meter?”



ALFALIRA
UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

CAPÍTULO 24

“Você não quis? Agora agüente, meu caro.”

“Peço demissão.”

“Uuuuuuuu!”

A vaia dos três não chegou a ferir-lhe o orgulho.



ALFALIRA
UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

<Até que enfim! Finalmente vejo um prova concreta de que eles eram mesmo o prenúncio do futuro.>

<Que quer dizer, Leon?>

<Que já estava mesmo na hora dessa monogamia retrógrada ser quebrada, ora. Afinal de contas, a vida de um homem casado com menos do que três mulheres deixa muito a desejar...>

<Eis nosso velho Leon de volta. Só porque em sua época a poligamia era institucionalizada isso não quer dizer que ela seja a forma ideal de organização familiar, especialmente se levarmos em consideração outros períodos históricos, outras sociedades e outros mundos.>

<Ora, meu caro Apolodoro, sejamos razoáveis. Concedo que devamos nos restringir a nosso planeta, mas mesmo assim como poderia ser de outro modo? Tenho certeza de que você não ignora o fato dela ter assumido a primazia em nosso mundo somente depois de séculos de evolução. Aliás, um pouco mais de precisão, por favor: poliginia. Poligamia é um termo genérico que não exclui esse verdadeiro horror que foi a poliandria, a vida de uma mulher casada com diversos homens — felizmente restrita a poucas sociedades primitivas, nos bárbaros primórdios da humanidade.>



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

<Sim, tenho ciência disso, e não ignoro mesmo que essa forma de associação tenha sido inclusive utilizada no alvorecer da organização social terrestre. Contudo, penso que na realidade trata-se, sim senhor, de uma questão de ponto de vista. Você pode achar bom, mas outros não necessariamente concordarão.>

<Ponto de vista coisa nenhuma, lei natural! Sim senhor digo eu, meu caro: lei de nossa Mãe Natureza. Aliás, acho até estranho que a humanidade tenha levado tanto tempo para se dar conta disso. Algo tão evidente, tão simples... bem, suponho que a simplicidade não fosse mesmo uma virtude muito cultivada entre nossos antepassados do século XX.>

<Eis aí uma afirmação da qual não podemos discordar.>

<E como se pode discordar da verdade biológica, meu caro? A própria matemática o prova: veja, uma mulher durante toda a sua vida fértil, que então tinha a duração média de vinte, vinte e cinco anos, produz doze óvulos por ano, resultando em cerca de trezentos óvulos — dos quais ela aproveitava realmente dois ou três, em média. Em contrapartida o homem numa só ejaculação, numa só delas, note bem — pode fertilizar milhares, milhões de óvulos. Imagine então as possibilidades de fecundação desperdiçadas pelo homem em toda sua vida



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

ativa. As cifras seriam astronômicas, se calculadas. Portanto é mais do que justo, é lógico, é natural que o homem tenha mais de uma esposa.>

<Pelo que pude apurar, muitos acham que uma já é bastante.>

<Pura ignorância. Veja o meu caso: meu primeiro casamento aconteceu quando estávamos no início de nossas vidas. Althea e eu éramos jovens e apaixonados, e fomos realmente muito felizes. Mas depois de nosso quarto filho ela já era outra mulher. Tinha, por assim dizer, cumprido seu ciclo, e dedicava-se muito mais às crianças do que propriamente a mim. Foi então que conheci minha segunda esposa, Selene. Apesar de haver uma certa diferença de idade entre nós, nem por isso deixamos de ser felizes e viver uma vida tranqüila.>

<Tranqüila?>

<Digamos que sim, Mnemosyne. Claro, Selene... Ah, Selene... ela era fogosa, e me deu trabalho. Nunca me esquecerei do dia em que tive de me esconder debaixo da cama para... mas isso não importa agora. O fato é que com ela jamais conheci a monotonia. Mas nunca me arrependi — na verdade, adorei cada minuto que vivi a seu lado.>

<Leon, se eu tivesse lhe conhecido durante minha vida material, não teria dúvida nenhuma em classificar você entre os mulherengos incorrigíveis e irrecuperáveis.>



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

CAPÍTULO 25

<Minha querida, beijo-lhe as mãos. Tenho certeza de que faríamos um par invejável.>

<Cuidado, Leon. Ela pode pedir para voltar junto com você apenas para testar sua credibilidade...>

<Madame, eu me consideraria honrado. Estarei sempre à sua disposição, em qualquer planeta, a qualquer hora do dia ou da noite, passado ou futuro.>

<Não tema, Leon. Já passei dessa fase. De fato é mesmo possível que nos déssemos bem juntos, mas minhas responsabilidades atuais no Conselho me impedem de considerar seriamente o retorno a meus antigos... caprichos femininos.>

<*Dommage.*>

<Desconfio que na realidade trata-se do contrário, Leon. Se Mnemosyne pudesse mesmo retornar, aposto que ela se esforçaria para fazer de você um monógamo.>

<Ah, isso nunca! Um momento... estão rindo de que? Bem, talvez ela conseguisse, pelo menos durante um certo tempo. Mas permanentemente, nunca! Mas do que estão rindo?>

<*Ecce homo.*>

<*In naturalibus.*>



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

CAPÍTULO 25

<*Mens agitat molem.* Como vêem, também sei meu latim. Vejam por exemplo minha quinta e última mulher, Yasmin. Quando nos casamos eu já tinha cerca de cem anos, estava em plena maturidade, e ela.... Ah, que flor! Seu perfume me incensava, fazia com que me sentisse cinqüenta anos mais jovem. Que importa que sua idade fosse a metade da minha? Que importa que eu já tivesse me casado quatro vezes anteriormente? Chegaram até mesmo a dizer que ela era mulher para um de meus filhos, e não para um velho como eu. Bah! Provamos a todos aqueles carpideiros da felicidade alheia o que é o amor: com ela tive meus últimos cinco filhos, e quem você acha que estava junto a mim nos derradeiros momentos que passei na Terra? Claro, nunca deixei de amar minhas outras quatro esposas, e sei que nenhuma delas jamais duvidou disso. No entanto, sempre tive a sensação de que Yasmin é que realmente foi minha companheira verdadeira, minha outra metade, como se dizia.>

<Isso significa que as outras quatro tiveram de se contentar com os cinqüenta por cento restantes? Deixe ver: cinqüenta dividido por dois, vinte e cinco — doze e meio por cento para cada uma! Você acha isso justo, Leon?>

<Deixe de palhaçadas, Apolodoro. Afinal de contas, quantas mulheres você teve?>



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

CAPÍTULO 25

<No planeta onde passei minha última vida material a monogamia era o costume. Casei-me uma vez.>

<Bem, não se pode ganhar sempre, suponho. O importante é que fui feliz. Com cada uma delas vivi bem e nunca me arrependi de minha escolha. Todas elas, cada uma a seu modo, sempre estiveram à altura de sua posição e em nenhum momento deixaram de ser grandes mulheres e mães. Elas foram a prova viva de que nossa evolução em direção à poliginia foi um passo acertado, sem o qual a progressão da Humanidade até o advento do Conselho teria sido, no mínimo, bastante retardada.>

<Se eu fosse você não teria tanta certeza assim, Leon.>

<Posso saber por que, Apolodoro?>

<Porque são situações atípicas. No caso que acabamos de ver, o de Noel, Marlise e Linda, isto é bastante compreensível. Tratava-se de uma situação de exceção, digamos... uma emergência. Evidentemente nestes casos a alternativa é perfeitamente plausível e admissível. Mas creio que à medida em que você for conhecendo mais a respeito, como dizia um de seus ilustres romancistas, das afinidades eletivas — não apenas em diversos planetas bastante evoluídos, mas também entre os próprios membros do Conselho, verá que na realidade a união ideal acontece a dois e é permanente.>



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

CAPÍTULO 25

<Muito bonito, todo esse romantismo. Talvez eu até esteja errado em lembrar que isso é coisa do século XIX, mas por enquanto fico com minha convicção. E espero que o marido de Madame Mnemosyne não seja ciumento...>

<Penso que já era tempo de você ter percebido que nossas emoções são um pouco mais elevadas do que isso.>

<Ele está brincando, Apolodoro. Mas posso lhe dizer uma coisa, Leon: esta nossa existência incorpórea, como você diz, nos liberta desta verdadeira armadilha que é a pulsão da perpetuação da espécie, à qual todos os seres em corpo material estão submetidos. O fato da força exercida por esta pulsão ter tido um resultado muito além do esperado, surpreendendo até mesmo os espíritos criadores e modeladores da matéria, não vem ao caso. Mas deve servir de exemplo para que você fique ciente de que logo que tiver uma compreensão melhor de sua posição atual, deixará de considerar estas questões de modo tão, digamos, pessoal. Ainda assim, estou certa de que todos os meus colegas de Conselho, e especialmente aqueles com os quais eu mais me identifico, vão se agradar imensamente em sua companhia. Talvez até mesmo mais do que eu.>

<Se eu ainda tivesse meu chapéu, esta seria a hora de tirá-lo para Madame.>



ALFALIRA
UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

<Pelo visto parece que o verdadeiro adepto dos ideais românticos é você, meu caro.>

<Apolodoro, quando se ouve uma dama como esta fazer um cumprimento tão acima de nosso mérito, a única coisa que se pode fazer é agradecer e esperar que um dia possamos ser dignos da consideração que ela demonstra ter por nós.>

<Já estou vendo tudo. Manchete nos jornais intergalácticos: importante membro do Conselho Universal foge com novato...>

<Hah! Agora quem está sendo romântico é você, meu caro Apolodoro.>

<Mas o que é o romance senão pensar o absurdo de maneira coerente?>

<Touché. Aliás, sabe que essa idéia até que não é má?>

<Claro que não. Muitos romancistas...>

<Estou me referindo à fuga, Apolodoro. Se fossemos fugir, para onde seria, Mnemosyne? Passado ou futuro?>

<Passado, acho. Que tal o Tahiti em sua Terra, no mesmo século XIX dos românticos?>

<A Polinésia francesa? Esplêndido. Poderíamos encomendar um retrato nupcial a Paul Gauguin, posando à sombra dos coqueiros



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

naquelas praias de areia finíssima, bebendo água de coco e vestindo aqueles esplendorosos saíotes coloridos.>

<Muito bonito. O casamento ia durar até que uma daquelas morenas com um sorriso faiscante, de flores nos cabelos e corpo escultural, piscasse um olho para você.>

<Deixe disso. Você está é com ciúmes, Apolodoro. E não me venha com essa conversa mole de que você está acima disso.>

<Sugiro um planeta monógamo, de preferência no futuro. É bem mais garantido.>

<Aliás, foi bom você ter mencionado o assunto. Até agora visitamos apenas o passado. Existe alguma razão pela qual não devamos ir ao futuro também?>

<Não exatamente. No seu caso, o que não existe é uma razão pela qual você deva ir ao futuro. Claro, podemos visitar o futuro terrestre também, pois o conceito de tempo-idéia não é unidirecional. Mas acontece que o caminho a ser percorrido é um pouco diferente daquele que temos utilizado até agora, e no seu caso requereria uma preparação mais cuidadosa.>

<Não sei se entendo bem, Mnemosyne.>

<Você deve ter observado que até agora nosso deslocamento no



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

espaço-tempo tem obedecido a um padrão mais ou menos estável. Para facilitar nosso propósito estamos próximos ao orbe do seu Sistema Solar, e portanto basta-nos cruzar a barreira ígnea, cuja existência você com certeza já notou em nossas diversas passagens, para retornarmos ao seu planeta.>

<Sim, se está se referindo àquela espécie de círculo de fogo. Não pude deixar de percebê-lo. Para que serve?>

<Sua existência está relacionada à criação das condições ideais para a manutenção da vida de organismos biológicos em seu planeta, apesar de abranger uma região do espaço muitas vezes maior do que o seu sistema solar. Foi a forma encontrada para varrer para longe a incomensurável quantidade daquilo que consideramos como material indesejável, ou seja, gás interestelar e todos os tipos de partículas existentes normalmente no espaço intergaláctico, criando assim uma espécie de bolha protetora dentro da qual a vida em sua Terra pôde se desenvolver em condições mínimas de risco.>

<E como exatamente isso se deu?>

<A criação de uma bolha de rarefação, como a chamamos, é um processo bastante conhecido e que pode ser observado em vários pontos do universo. Começa quando uma estrela atinge o ponto, na



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

sequência de seu desenvolvimento, conhecido como supernova e então ejeta no espaço uma massa equivalente — neste caso em particular ao qual nos referimos — a pelo menos uma dúzia de estrelas iguais ao seu Sol. Esta explosão formidável lança a coroa, composta pelos gases leves das camadas externas da estrela, a velocidades de até sessenta mil quilômetros por segundo, formando uma onda de choque e calor que se expande, no início, com uma força incontível que aquece a temperaturas de milhões de graus e empurra para fora todo o material que se encontra nas imediações; as camadas estelares mais internas são lançadas um pouco mais tarde e por serem mais densas movimentam-se a velocidades menores, formando uma segunda onda. Imagine duas esferas se expandindo, uma dentro da outra: à medida em que aumenta a distância percorrida e de acordo com a resistência que encontrar por parte de toda a matéria que tem de empurrar — justamente a que consideramos indesejável — a primeira onda vai perdendo progressivamente velocidade e calor até o momento em que é alcançada pela segunda onda. A colisão é violenta, já que esta nada tem diante de si que retarde o seu ímpeto expansivo, e resulta portanto numa única esfera de gases e partículas sólidas composta precisamente pelos elementos leves que compunham as camadas externas da estrela



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

originária, misturados numa espécie de sopa incandescente ao material sólido das camadas internas, a outros elementos químicos formados durante a explosão e ao gás interestelar e outros materiais encontrados pelo caminho. Tudo isto é empurrado violentamente para fora. O resultado pode ser comparado a um balão que se expande indefinidamente, em cuja superfície permanece quase todo o material, e que deixa em seu interior uma cavidade rarefeita, um verdadeiro buraco no espaço, livre de praticamente todas as partículas, gases, poeira interestelar, etc. — criando assim o ambiente ideal, limpo e protegido, para que a vida em seu planeta pudesse florescer.>

<Se esta onda de choque e calor é tão formidável assim, como é que o nosso sistema solar sobreviveu à sua passagem, permanecendo incólume no interior dessa bolha?>

<Como disse, à medida em que o tempo e o espaço são percorridos pela onda de choque, e também devido à resistência contra seu movimento de progressão, exercida não apenas pelos materiais que empurra mas também pelas forças gravitacionais que encontra pelo caminho e ao fenômeno conhecido como vento solar — que também protege de forma similar os planetas do sistema, mantendo afastadas boa parte das partículas que vagam pelo espaço — a camada externa



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

da bolha perde velocidade de expansão, intensidade e temperatura. A distância entre a Terra e a supernova no momento da explosão era de aproximadamente duzentos anos-luz, o que significa uma considerável atenuação de sua força no momento em que a onda atingiu o sistema solar. Mesmo assim, os planetas mais externos foram duramente castigados. No entanto, a Terra pôde ser poupada deste desgaste graças à sua proximidade do Sol.>

<Então vocês planejaram tudo direitinho...>

<Evidentemente, em se tratando de algo cuja importância é equivalente à vida em seu planeta como um todo, a precisão de cálculo foi imprescindível.>

<Tudo isso para fazer uma faxina no espaço e nos manter num lugar limpo. Muito bem.>

<Esse foi um dos propósitos, mas não o único. Além de realizar essa limpeza, por assim dizer, a barreira cumpre uma outra função: impede a entrada daqueles que não tem autorização para tanto e são obrigados, em virtude de seu próprio estágio evolutivo, a permanecer fora do setor do planeta. Até o final do século XX, quando da passagem da Terra à categoria mais elevada na qual permaneceu até o advento da Consciência Universal de forma mais completa, ela foi de impor-



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

tância primordial. Até aquela época a supervisão de diversos guardiães fazia-se necessária. Felizmente, graças ao trabalho de muitos de nós, desde então houve um significativo progresso.>

<Quer dizer que eventualmente essa barreira perderá sua função?>

<É uma possibilidade a ser examinada mais atentamente, embora em minha opinião seja lícito afirmar que sim. Pode ocorrer no entanto que apesar de sua existência tornar-se desnecessária depois do franqueamento da passagem a todos devido à ascensão do planeta, a barreira ainda seja útil para evitar o retorno de toda a matéria que havia sido previamente varrida da região. Esta deverá ser, penso eu, uma de suas atribuições depois que assumir seu lugar definitivo no Conselho, Leon: ver que este processo seja concluído devidamente e atestar a passagem do planeta a um grau ainda mais elevado.>

<!?!>

<Mais adiante voltaremos a este assunto em maior profundidade. Mas retornando à sua pergunta anterior: uma vez passada a barreira, nos deslocamos no tempo-idéia até a época escolhida.>

<Fale-me mais a respeito desse tal tempo-idéia.>

<Vejam se com este exemplo posso me tornar clara: de acordo com algumas das descobertas terrestres no campo da física, nada po-



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

deria viajar no espaço mais rapidamente do que a luz. Mas a verdade é que existe, sim, uma única coisa que pode viajar a uma velocidade maior do que a da luz: esta exceção à regra é propriamente o pensamento. Nossa viagem no tempo portanto nada mais é do que a focalização precisa de nossa consciência em um ponto determinado na seqüência temporal.>

<Sim, claro! Simples... Como foi que não pensei nisso antes?>

<Pois é. Logo você, que descobriu tantas coisas complicadas. Mas isso é comum na história do conhecimento, e não devemos culpar o velho professor Leon Stein. Na época em que ele atuava à frente do Conselho Terrestre, o conceito de meta-densidade como um dos estados da matéria ainda não havia sido descoberto. Com esta informação, uma mente brilhante como a dele certamente teria deduzido o que hoje é óbvio para nós.>

<Meta-densidade?>

<Também chamada de matéria escura, mas pode ser mais comumente exemplificada pelo fenômeno conhecido como Buraco Negro. Suas primeiras evidências foram descobertas no final do século XX. As zonas de meta-densidade, que é um dos sete estados da matéria assim como o etérico, o etérico-plasmático, o plasmático, o gasoso, o



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

líquido e o sólido, são caracterizadas por uma concentração tão grande de matéria num espaço tão diminuto que a velocidade requerida para se escapar à sua enorme atração gravitacional teria que ser maior do que a da luz.>

<Ah, sim... Deixe ver se me lembro dessa história: se o planeta Terra inteiro, que tem mais de quarenta mil quilômetros de diâmetro, se tornasse um buraco negro, ou como você diz, passasse para o estado de meta-densidade, toda a sua massa caberia numa esfera de menos de um centímetro de diâmetro. Portanto nada, nem mesmo a luz, conseguiria escapar.>

<Correto. Nada — a não ser o pensamento.>

<Então é mesmo verdade que basta pensar para ser mais rápido que a luz?>

<Exatamente.>

<Ela não estava brincando ao lhe afirmar isso pela primeira vez.>

<Inacreditável.>

<Mas é a pura verdade. Aquilo que somos, o que eu sou e o que você é, é o produto de um longo e meticuloso pensar. Somos a concretização deste pensamento.>

<Isso para mim é coisa de romancista.>



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

<Não acredita? A prova é que ao mudar minha maneira de pensar a seu respeito, estarei mudando você. A isso chamamos complementaridade. Sempre existem dois modos complementares de construir o real: ao tomarmos um deles, o outro torna-se indefinido. Tanto a matéria quanto a energia, mesmo em suas mais diminutas parcelas, manifestam essa paradoxal forma de existência. Esse pensar expressa-se por meio de ondas, que por serem muito mais rápidas do que a luz têm a propriedade de se mover no tempo, tanto para frente quanto para trás.>

<Como?>

<Essa onda flui entre dois eventos como se fosse um rio, que corre da nascente para a foz. Ao chegar lá, ele faz uma espécie de meia-volta no espaço-tempo e começa a percorrer o caminho no sentido inverso. A resultante dessa onda é sua imagem espaço-temporal invertida, que produz a experiência que denominamos de realidade.>

<Não sei bem se a entendo...>

<Imagine-se olhando sua imagem no espelho. Para mergulhar em sua imagem é preciso que você se abstraia de si mesmo. Paradoxalmente, para se abstrair de si mesmo é preciso se perceber... Portanto, é pela auto-reflexão que somos capazes de mudar, de nos transformar.



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

Observando nosso reflexo nos outros seremos então capazes de mudar os outros. Quanto mais aguda, quanto mais intensa for a percepção, a consciência do observador, tanto maior será a probabilidade de que a alteração desejada ocorra. Entendeu agora?>

<Claro — que não.>

<Diga-me: quando você estava no passado, vendo o que ocorria com Donato e Renée, por exemplo, em algum momento você teve alguma dúvida sobre quem eram eles, qual sua época no tempo e por que estávamos lá?>

<Não, eu sabia sim, não tive dúvidas... Agora que você toca no assunto, isso é mesmo curioso. Como é que eu sabia que Donato foi uma de minhas existências na Terra? O que me deu essa certeza?>

<Agora você está começando a entender. Sempre que acontece um salto no tempo, acontece também um salto na consciência, Leon. Passe-se a conhecer imediatamente, o que significa: sem mediação. A relação entre o sujeito do processo de conhecimento e o seu objeto é praticamente a mesma que existe entre você e sua imagem refletida no espelho. Ela é a coisa observada e você é o observador. Ao mudar a percepção que tem de sua imagem, você estará imediatamente mudando a própria imagem.>



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

<Suponho que isso dê um novo significado ao legendário *Cogito, ergo sum.*>

<Digamos que ele seja elevado à potência.>

<E que potência! Para unificar o ser, o estar e o pensar...>

<E isso é apenas o começo, meu caro. Uma simples amostra do que você ainda terá pela frente em termos de conhecimentos novos.>

<Quer dizer que existem outras formas de se viajar no tempo?>

<Sim e não. Se levarmos em consideração apenas esta dimensão, não. Mas viagens inter-dimensionais, obviamente, também incluem saltos temporais.>

<Lá vamos nós outra vez... Como é isso, Mnemosyne?>

<Tomemos por exemplo o agrupamento de galáxias no coração da constelação de Virgem, um dos mais famosos e mais freqüentemente observados, até mesmo pelos astrônomos terrestres. Da Terra estas galáxias são vistas tal como eram há milhões de anos-luz, pois é o tempo que sua luz levou para chegar até o seu querido planeta. Aquilo que aparece como um pontinho de luz nos mais poderosos telescópios terráqueos na realidade tem centenas de milhares de anos-luz de extensão, como por exemplo a famosa galáxia M87, também conhecida por seus astrônomos como NGC 4486 ou ainda 3C274, uma gigantesca



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

nebulosa elíptica cuja massa é oitocentos bilhões de vezes maior do que o seu Sol. Em seu núcleo existe uma poderosa fonte de ondas de rádio, e não sem motivo. A galáxia número 87 do catálogo de Messier é na verdade uma das portas dimensionais utilizadas pelo Conselho.>

<Portas dimensionais?>

<Todo buraco negro na realidade é uma porta dimensional. É através dele que passamos desta para outras dimensões. De uma certa forma seus astrônomos já haviam levantado suspeitas sobre isso ao deduzir, durante a observação de certos agrupamentos de galáxias, que parte da matéria do Universo é escura, não emite nem reflete luz. Isto porque as galáxias destes agrupamentos movem-se a velocidades tais que seria impossível para o agrupamento manter-se unido por um período de tempo muito longo a não ser que sua massa total fosse diversas vezes maior do que aparenta, o que garantiria uma atração gravitacional suficiente para impedir que as galáxias saíssem rodopiando a esmo pelo espaço, desmembrando assim o agrupamento. A solução deste enigma foi o primeiro passo concreto na direção da descoberta do conceito de meta-densidade.>

<Por que?>

<Em primeiro lugar porque um único buraco negro pode conter mais



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

massa do que toda uma galáxia. Se, como você mesmo lembrou ainda há pouco, a massa de um planeta como a Terra no estado de meta-densidade cabe numa esfera de menos de um centímetro de diâmetro, quantos centímetros seriam necessários para abrigar o Sistema Solar?>

<Não sei dizer exatamente. Um metro, talvez.>

<Seja. A partir daí pode-se ter uma idéia de quantas galáxias caberiam dentro de um único buraco negro cujo diâmetro fosse equivalente ao seu Sol — e posso afirmar que não faltam no Universo buracos negros com diâmetro maior do que todo o seu Sistema Solar. Em segundo lugar, porque a grande maioria das galáxias tem em seu núcleo um buraco negro. O fenômeno é tão comum que chegou a ser interpretado como etapa integrante do processo de formação das galáxias.>

<E o que tem isso a ver com a tal porta dimensional?>

<Um Buraco Negro atrai matéria, que converge em sua direção formando uma espiral, assim como a água escoando pelo ralo de uma pia, para usar uma comparação prosaica. Mas se você se dirigir a ele perpendicularmente ao plano da espiral de matéria convergente, o chamado disco de atrição, e penetrar seu núcleo a uma velocidade



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

maior do que a da luz — que você já conhece e sabe ser perfeitamente possível — o resultado é que você chegará a uma outra dimensão.>

<Como se o buraco negro fosse na realidade um túnel, com duas aberturas que ligam entre si duas dimensões diferentes?>

<Não exatamente. A idéia é correta em princípio, mas errada em número. O buraco negro, ou porta dimensional se preferir, conecta nossa dimensão com cada uma das outras. Como existem três dimensões no espaço-tempo, esta na qual estamos e mais duas, é preciso saber dosar a velocidade de entrada para se atingir a dimensão escolhida. Não me pergunte como se mede a velocidade do pensamento. Trata-se de um processo complexo que apenas os membros do Conselho Dimensional realizam com perfeição e mesmo nós do Conselho Universal muito raramente temos a oportunidade de experimentar. Ainda assim, sempre que o fazemos é na companhia de um deles.>

<Por que?>

<Infelizmente não tenho autorização para discorrer sobre esse assunto, mas posso lhe dizer o seguinte: aquele que realiza a passagem dimensional precisa estar preparado para conhecer toda a história espaço-temporal não apenas dos Universos de nossa Dimensão, mas também dos outros Universos que pertencem às Dimensões que estão conectadas à nossa.>



ALFALIRA
UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

<E isso é tão terrível assim?>

<Não se trata de uma coisa simples. A porta dimensional, ou buraco negro, tem massa positiva em nossa dimensão. Mas no portal da outra dimensão à qual está ligado ela é negativa: em vez de atrair massa, em vez de obrigar a luz a dobrar-se sobre si mesma, ele a expulsa. Imagine um tubo: por uma das pontas ele suga tudo o que se aproxima, e pela outra faz com que o que foi sugado jorre. Então a diferença é que esta outra dimensão é justamente o inverso da nossa: entramos num buraco negro e saímos por um buraco branco; nos movemos do passado para o futuro e ao atravessarmos o portal dimensional passamos a nos dirigir do futuro para o passado; as cargas positivas se transformam em negativas; aqui a força de gravidade atrai, lá ela repele; aqui a escuridão do espaço cerca a luz e é o meio no qual a luminosidade estelar viaja, enquanto que lá a luz é que cerca a escuridão — e assim por diante, numa sucessão de correspondências inversas.>

<De fato, como você disse, não deve ser uma coisa simples mover-se numa dimensão como essa, totalmente inversa da nossa. Mas você mencionou três dimensões. E esta terceira, como é?>

<Sobre ela nada posso lhe dizer, a não ser que pertence quase que



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

exclusivamente ao Criador. Todas as três, e especialmente esta terceira, requerem do viajante conhecimentos supremos, aos quais muito poucos de nós tem acesso.>

<*Magister dixit.* Quer dizer então que cada galáxia tem a sua porta dimensional própria?>

<Exatamente. Por onde passa todo o tráfego entre os Conselhos Galáctico, Universal e Dimensional. Cada portal tem seu guardião, e de forma geral apenas os mensageiros tem passagem livre. No entanto permissões especiais são concedidas. No meu caso, por exemplo, como membro do Conselho Universal não necessito de autorização para me deslocar neste nosso Universo. No entanto meus colegas Conselheiros, é claro, tem plena ciência de meu deslocamento e de sua finalidade.>

<Quem são eles?>

<Nestor, Eustato, Aristófanes e Aristarco, que junto com Metis, Charis e esta que vos fala, formam um dos septetos deliberativos do Conselho Universal.>

<Fale-me mais a respeito destes Conselhos. Como funcionam? Quantos são? Isso tudo ainda é meio nebuloso para mim.>

<A estrutura é piramidal: existem três Conselhos Dimensionais, um para cada uma das três Dimensões. Cada um deles é composto



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

por sete membros, totalizando assim vinte e um conselheiros nos três planos dimensionais. Cada um destes conselheiros, atuando evidentemente em seu próprio campo dimensional, responde por sete Conselhos Universais. Cada Conselho Universal é composto por sete membros; são portanto quarenta e nove Conselheiros Universais em cada dimensão. Cada um destes tem sob sua responsabilidade sete Conselhos Galácticos, que por sua vez... >

<Só? Parece pouco.>

<De fato, em relação à infinitude do Universo parece pouco — mas não é, já que só são levados em consideração os planetas habitados. Estimamos que existam cerca de duzentos e dez bilhões de galáxias habitadas neste nosso Universo, e portanto cada um dos trezentos e quarenta e três Conselhos Galácticos existentes tem por sua vez cerca de seiscentas e doze mil galáxias a seu encargo.>

<Retiro o que disse.>

<Cada Conselho Galáctico é composto de dois mil, quatrocentos e um Conselheiros, cada um por sua vez encarregado de uma parcela variável das Galáxias sob a responsabilidade do Conselho ao qual pertence. Levando-se em consideração que cada galáxia possui bilhões de estrelas e sistemas solares, pode-se compreender a necessidade



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

CAPÍTULO 25

dos dezesseis mil, oitocentos e sete Conselheiros-assistentes no nível Galáctico.>

<Ufa! Chega, estou cansado. Mas diga-me uma coisa: parcos dezesseis mil conselheiros para bilhões e bilhões de mundos... não parece desproporcional?>

<Aparentemente sim, mas é preciso se levar em consideração o dom da ubiqüidade. Cada um deles pode estar — e ser — em diversos mundos ao mesmo tempo.>

<Quer dizer que, assim como está aqui e agora falando comigo...>

<Sim, estou também em outros lugares e épocas, cumprindo diversas missões. O mesmo vale para Apolodoro, respeitando-se seu grau e posição na hierarquia, claro.>

<O que me faz lembrar dos canivetes suíços... E onde exatamente ficam sediados estes Conselhos? Se é que de fato eles tem sede em algum lugar desta imensidão.>

<Sim, existem locais que podem ser chamados de pontos de convergência dos Adelphos Aedas. Em sua galáxia de origem, a Via Láctea, a sede do Conselho fica na estrela dupla conhecida como Vega, a alfa da constelação da Lira. Apolodoro vem de lá e será o membro encarregado de conduzi-lo perante a Assembléia Galáctica ao final de



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

seu período de preparação. Em escala Universal a Assembléia do Conselho fica em Markarian 421, a cerca de quatrocentos milhões de anos-luz da sua Terra, na direção da constelação da Ursa Maior. É de lá que eu venho.>

<Markarian 421... não é nessa galáxia que fica uma das maiores fontes de emissão de energia, sob todas as formas concebíveis, de todo o Universo?>

<De fato. Uma região do tamanho de seu sistema solar produz mais raios gama, raios X, ondas de rádio e luz ótica, entre outras coisas, do que toda a Via Láctea junta. Não é à toa que a sede do Conselho Universal fica lá.>

<Mas se os Aedas tem o dom da ubiqüidade e podem estar em diversos lugares diferentes ao mesmo tempo, qual a necessidade de uma sede? Pelo que entendi, qualquer lugar pode ser a sede a qualquer tempo.>

<De fato assim é. No entanto, apesar disso existe a necessidade de um centro, um ponto de convergência convencionado. Em certos casos isso facilita muito as coisas.>

<E onde ficam os outros seis?>

<Em cada um dos outros seis Universos.>



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

<Eu estaria sendo muito curioso se perguntasse onde ficam eles?>

<Não exatamente, embora talvez ainda seja um pouco cedo para você aprender; no entanto creio que se pode afirmar o seguinte: imagine o corpo humano, em sua dimensão física — pense em Leon Stein ainda vivo na Terra. Suponhamos que este corpo seja uma das Dimensões. Ele possui sete pontos fundamentais, ou plexos: o coronal, no topo da cabeça; o frontal, na testa; o cervical, no pescoço; o cardíaco, no peito; o solear, no abdome; o esplênico, no baixo ventre e o sacro nas gônadas. Por analogia pode-se considerar que cada um destes sete plexos seja um Universo. Entendeu?>

<Sim e não.>

<Na realidade, o sistema sensorial humano é uma réplica em miniatura do padrão estrutural dos campos gravitacionais encontrados nos níveis planetário, solar, galáctico, universal e dimensional. Mas não se preocupe, Leon. Chegará o momento apropriado para você compreender isso de maneira mais abrangente. Por enquanto posso afirmar que o que separa um Universo do outro, a Eternidade do vir-a-ser, o temporal do atemporal, é a espada de luz na mão do Aeda.>

<Está se referindo àquele fecho de luz que vejo na mão de Apolodoro sempre que realizamos uma passagem temporal?>



ALFALIRA
UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

<Exatamente. Você será instruído a respeito dela e de seu uso depois da cerimônia.>

<Muito bem. Diga-me, há quanto tempo você é membro do Conselho, Apolodoro?>

<Eis aí uma questão de difícil resposta.>

<Ah, sim. Perdão. Acabo de me lembrar que estamos fora da dimensão do tempo.>

<É verdade. No começo é difícil nos acostumarmos a essa idéia. Mas eu poderia responder que pertencço ao Conselho há tanto tempo quanto brilham as estrelas, e há um tempo não maior do que aquele que uma flor requer para desabrochar.>

<Ah, bom. Agora sim eu entendi.>

<É bom saber que você mantém seu humor. Isso o ajudará muito no seu trabalho.>

<Pelo visto existe muito trabalho a fazer por aqui, neste Universo de perfeição.>

<Ah, ah! Sim, Leon. Muito mesmo.>

<Nesse caso, espero com sinceridade que o *chef* esteja à altura. O que se come por aqui?>

<Nosso alimento é psíquico, por assim dizer: os membros dos



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

Conselhos alimentam-se do conhecimento cada vez maior que obtêm pelo exercício de sua habilidade em deslocar-se para diferentes estados ou formas de consciência em diversas passagens da vida humana, buscando na memória a compreensão do passado e do futuro através desta necessidade imperiosa: a evolução, o aperfeiçoamento constante. Além disso, claro, existe a alegria e o prazer de se estar na companhia daqueles a quem amamos.>

<Então a vida aqui deve ser muito boa, Mnemosyne. Afinal de contas, podemos estar ao mesmo tempo com diversas pessoas queridas em vários locais diferentes.>

<É verdade. Vejo que você aprende rápido.>

<Mas não fique triste, minha querida. Para mim você será sempre a única, apesar de não ter sido a primeira. Lembre-se, temos um encontro marcado no Tahiti.>

<Como eu poderia me esquecer?>

<Mas tem um detalhe: dedicação exclusiva *is a must*. Nada de ubiqüidades enquanto nosso idílio durar. Certo?>

<Veremos o que pode ser feito a esse respeito. E agora voltemos à sua Terra. Tenho certeza de que você gostará de ver pessoalmente como a segunda geração da Consciência Unificada atravessou o conturbado período da virada do milênio.>



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

26

O casamento fez um bem enorme a todos, principalmente a Linda. No auge de sua beleza e irradiando sua alegria de maneira contagiante, em pouco tempo ela se transformou numa mulher completa, amadurecida e cada vez mais experiente, sem no entanto perder aquele seu jeitinho de criança. Cada vez que iam passar alguns dias na praia, Linda surpreendia a todos com a luminosidade de sua presença. Seus pais custavam a acreditar que a simples mudança para a cidade pudesse ter tido um efeito tão benéfico sobre ela e se perguntavam o que, na vida que ela levava agora, a tornara tão diferente.

Claro, o arranjo matrimonial-familiar entre Donato, Marlise e ela nunca foi revelado a eles. Donato sentia que o velho João poderia até chegar a compreender — o que ainda estava longe de significar aceitação — mas por outro lado tinha certeza de que D. Ana jamais compreenderia nem muito menos aceitaria aquele casamento tão distante dos costumes da época. Portanto, aos olhos dos pais Linda vivia como hóspede na casa do irmão, e durante suas estadias na praia tudo era cuidadosamente arranjado para manter essa convicção. Por incrível que pareça, a coisa funcionava. Apesar do olho clínico do velho suspeitar que a filha já estivesse fazendo progressos significativos no conhecimento das chamadas ‘coisas da vida’, ele nunca se atreveu



448

ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

a dizer, nem a ela nem a qualquer outra pessoa, uma única palavra sobre o assunto; mas a flexibilidade de suas formas, o arredondado de seus gestos e a tranqüilidade íntima que Linda passara a demonstrar eram o efeito de um polimento, de um refinamento do ser que não passava despercebido a seus olhos. Sim, ela definitivamente havia deixado sua casa ainda uma menina, e agora assumia não apenas a aparência mas também a essência da mulher feita.

D. Ana também alimentava suspeitas, e encarregou as filhas mais velhas de descobrir se Linda estava namorando. As tentativas resultaram em nada. Prevenida contra o golpe, ela conseguia perfeitamente passar para sua família a impressão de que aquele assunto não estava entre suas preocupações. Marlise ajudou um pouco, confidenciando certa vez a D. Ana que às vezes perguntava a Linda porque ela nunca saía à noite com os amigos para se divertir, preferindo ficar em casa com Manoelzinho. Aquilo fez com que o assunto fosse aos poucos sendo esquecido, embora ainda não estivesse resolvido de uma vez por todas. Levou algum tempo para ela conseguir consolidar definitivamente aquela falsa impressão junto à mãe e principalmente junto às irmãs. Noel estava a par do desenlace dessa curiosidade acerca da vida sentimental de Linda, e acompanhava tudo com interesse mas a uma



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

distância segura — em suas estadias na praia, nem tudo eram *affari del cuore*.

Apesar das investidas familiares, não levou muito tempo para se convencerem de que o arranjo funcionava. As dificuldades iniciais foram sendo superadas à medida em que surgiam, graças ao sentimento geral de ganho afetivo que a nova situação trouxe: Manoelzinho ganhara uma mãe adotiva; Noel uma segunda esposa; Linda conseguira o marido com o qual sempre sonhara e Marlise agora tinha uma irmã e confidente. Todos estavam felizes, não havia mais inveja nem ciúmes, tudo era conversado entre os quatro e Linda sorria o tempo todo. Aliás, as duas sorriam. Cada vez mais unidas e íntimas, revezavam-se nas tarefas domésticas e transformavam a vida conjugal numa festa. Marlise sentia-se profundamente grata a Linda por estar ajudando-a a compreender melhor, através da leitura do diário, a postura difícil de sua sogra durante toda a época de seu namoro e casamento. As duas conversavam muito sobre o passado da família de Noel, e dividiam a difícil tarefa de compreender o abismo que existia entre a capacidade de suas mentes e a deles. O trabalho de eliminação de todos os baixos sentimentos de rivalidade e ciúme, praticamente inevitáveis num casamento a três, foi de enorme importância e



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

CAPÍTULO 26

determinou uma considerável elevação para ambas, que conscientemente uniam seus melhores esforços para manter a vibração da família num padrão elevado.

É verdade que Noel andava meio cansado, mas procurava se alimentar bem e estava contente. A ajuda que recebia de seus protetores nos planos mais elevados de consciência influenciava de maneira positiva o corpo emocional e mental de Marlise e Linda, e a atmosfera familiar não poderia ser melhor. Até a leitura do diário, interrompida durante a lua de mel apesar dos protestos de Manoelzinho, foi retomada por Linda em vista da grande expectativa do garoto. Assim, pouco tempo depois do casório em família o ritmo quotidiano já retomava seu andamento regular, e depois do jantar Linda empunhava o diário de Donato para ler mais um capítulo.

“Aquela fatídica conversa com o presidente foi tão frustrante que resolvi sossegar e não sair de casa durante um bom tempo. Renée achou essa decisão ótima e logo voltamos ao nosso ritmo normal de vida, esquecendo os erros do passado e nos preocupando apenas com o futuro. Mas infelizmente o passado não deu mostras de ter esquecido de nós, ou pelo menos de mim.



ALFALIRA
UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

Pouco depois que voltei o amigo do juiz apareceu para me dar um recado. “Seu Donato, o Dr. Justino pediu para o senhor ligar para ele assim que puder.”

“E por acaso ele disse o motivo, Agostinho?”

“Não disse não senhor. Mas pediu para encontrar o senhor onde estivesse e trazê-lo até a delegacia para ligar para ele. Disse que era importante falar com o senhor o quanto antes.”

“Bem, nesse caso acho melhor irmos já.”

Voltamos juntos para a delegacia, de onde liguei para a casa do Justino. Minervina atendeu, e depois de perguntar do nenê me disse que o juiz estava no tribunal, mas deixara recado para chamá-lo lá.

“Alô, Justino. É o Donato. Aconteceu alguma coisa?”

“Parece que sim, meu caro. Soube que tem gente graúda perguntando por você aqui.”

“Quem?”

“Polícia secreta. Já ouviu falar, decerto.”

“Sim.”

“Existe alguma coisa que eu possa fazer?”

“Descanse, não é nada que não possa ser resolvido. Mas se lhe perguntarem qualquer coisa a meu respeito, penso que seria prudente da sua parte negar que me conhece.”



ALFALIRA
UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

“Aconteceu alguma coisa?”

“Não. Pode ficar tranqüilo. Em todo caso, peço-lhe que avise ao Gino e ao resto da turma para ficarem de sobreaviso e não se comprometerem. Você sabe onde esses gentis cavalheiros estão?”

“Tem um postado permanentemente diante do seu apartamento.”

“Ótimo, estou a caminho. Mais tarde telefono. Um abraço e mais uma vez, obrigado.”

“Ok, mas cuidado. Essa turma não costuma brincar em serviço.”

“Pode deixar. Eu também não.”

Fui para casa avisar Minouche, que não gostou nem um pouco da história. “Eu lhe disse. Eu bem que avisei que isso não ia dar certo. Agora temos uma matilha de sabujos em nosso encalço e tudo porque você, seu Donato, não quis me ouvir.”

“Fique calma. Fique calma.”

“Eu estou calma. Quem está nervoso é você.”

“Não há motivo para tanto. Basta ir lá e resolver a situação, ora.”

“Espero que agora você entenda de uma vez que isso tudo são as consequências ‘de uma simples viagem que fará muito bem a nossos bolsos’... Lembra-se? Vê o que acontece quando você insiste em me contrariar?”



ALFALIRA
UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

CAPÍTULO 26

“Você tem toda razão. Está cem por cento certa e eu humildemente peço seu perdão.”

“Promete que nunca mais vai me contrariar?”

“Sim, meu amor, minha vida, chuchu da minha marmita...”

Ela estava séria, de braços cruzados e fazendo aquela sua cara de brava para não rir. Aproximei-me devagarinho de seu rosto até que, a curta distância, sapequei-lhe um beijo e saí correndo.

“Passa daqui, seu! Vá tratar de consertar suas trapalhadas.”

Preferia brigar com dez serviços secretos do que com minha mulher. De bem com ela, que era tudo o que me interessava, segui para o meu apartamento. A informação do juiz estava correta: lá estava ele, encostado no muro lendo um jornal. Um sujeito alto, magro, aparentando a calma dos verdadeiros profissionais. Aproximei-me.

“É o senhor que está me procurando?”

Ele baixou o jornal, surpreso. Me reconheceu imediatamente mas mesmo assim teve a precaução de me perguntar o nome.

“Bruno Donato. Que tal conversarmos lá em cima?”

Ele desencostou-se do muro sem dizer palavra e juntos atravessamos a rua. Antes de chegarmos à calçada do lado oposto era ele quem respondia às minhas perguntas. Chamava-se João, era



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

terceiro sargento do exército e fazia parte do serviço de inteligência ligado ao palácio do governo. Havia sido destacado para me localizar e me levar preso para a capital. Ordens diretas do presidente.

“Como ele teve conhecimento de minha identidade?”

João tirou do bolso a foto de uma entrevista concedida à imprensa por algum deputado ou senador, na qual eu aparecia ao fundo, saindo do elevador. Algum fotógrafo da imprensa inadvertidamente me incluiu na sua pauta do dia, exatamente na hora em que eu deixava o palácio. Renée tinha razão: não se pode evitar o imprevisto, pensei.

“Como ele conseguiu isso?”

“Não sei como o Presidente a obteve, mas com certeza viu a foto e o reconheceu. Solicitou ao serviço todas as informações disponíveis sobre você e ordenou que o trouxessem para interrogatório.”

“Ele explicou o motivo?”

“Não que eu saiba. Aliás, isso foi o que chamou a nossa atenção: parece que nem mesmo o general comandante sabe porque o presidente deu essa ordem. Muito estranho.”

“Você está trabalhando sozinho neste caso?”

“Estou. Sou o único agente em campo.”

“Qual a sua idade, João?”

“Trinta.”



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

Casado, pai de uma filha e com a mulher grávida novamente, quanto mais João me falava a respeito de si e de sua vida, mais eu simpatizava com ele. Não sei porque havia algo de diferente, de absolutamente humano nele que me impedia de simplesmente mandá-lo desaparecer. Talvez fosse sua dedicação ao que considerava ser um nobre ideal, revelada pela forte coloração azulada de seu pensamento. Com certeza um ingênuo. Resolvi tentar um acordo. Antes de devolver-lhe o controle da própria consciência, tirei a arma que carregava e guardei-a numa gaveta. Ele voltou a si, espantado por encontrar-se já dentro de minha casa e não mais na rua. Instintivamente procurou a arma.

“Não está aí. Assim como você não está mais atravessando a rua.”

“Como? Que tipo de truque é esse?”

“Não é truque nenhum, meu caro. Agora preste atenção: faz mais de uma hora que você está aqui me contando a história de sua vida. E por ter achado que você é um sujeito digno de respeito, permiti que voltasse a si. Se fosse apenas mais um filho da mãe, provavelmente nunca mais me veria. Mas eu sei que você é um ser humano normal, e não um carrasco.”

Ele baixou os olhos. Então subitamente tentou se levantar. Impedido usando apenas a força mental.



ALFALIRA
UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

“Quem é você, afinal?”

“Se você de fato leu minha ficha antes de deixar o quartel, então já sabe a resposta.”

“Como faz esse tipo de coisa?”

Dei de ombros, virando-me para a janela. Aproveitando o que pensou ser uma distração minha, tentou novamente levantar-se. Não precisei me virar para impedi-lo. Diante da confirmação de sua total impotência, prostrou-se. Começou a chorar.

“Vou perder o emprego e provavelmente a patente por sua causa.”

“E isso é tudo para você? Seu emprego, sua patente?”

“Tenho família para cuidar.”

“Eu sei. E é por isso mesmo que estou lhe perguntando: tem certeza de que é mesmo isto que você quer para sua família? Uma vida de caserna, convivendo com assassinos?”

“A esta altura de minha vida não tenho muita alternativa.”

“Engano seu, João. Você pode muito bem largar tudo isso e trabalhar em alguma coisa decente, sem precisar sujar as mãos com o sangue de outras pessoas.”

“Ninguém pede transferência ou baixa desse tipo de serviço. Uma vez lá dentro, não se sai nunca mais.”



ALFALIRA
UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

“E por que você entrou?”

“Caí no velho truque: eu não sabia exatamente o que significava ser agente deles. Pensava que era uma coisa digna, certa, importante. Acreditei neles. Quando compreendi a sujeira toda já era tarde demais, não tinha mais jeito.”

“E se eu lhe dissesse que tem jeito?”

“O senhor é poderoso, isso posso ver. Mas mesmo que eu desertasse, sumisse, e a minha mulher? E as crianças, o que seria delas? Eles me achariam num segundo. Têm minha folha de serviço lá com eles.”

“Nisso eu dou um jeito. Posso fazer com que sua folha corrida desapareça dos arquivos. Posso trazer sua família para onde você quiser sem que ninguém de lá fique sabendo. Posso arrumar todos os documentos que você precisar para se estabelecer como gente decente e criar seus filhos longe daquela podridão toda.”

“Como?”

“Isso é problema meu.”

“Ele olhava para o chão, reticente.”

“Não acredita?”

“Não sei...”

“Quer saber por que o presidente me quer lá? Vou lhe dizer. Os



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

militares estão planejando um golpe para derrubá-lo e assumir o poder. Vão dissolver o Congresso e governar por decreto. Quem ousar reclamar vai levar pau. Vai haver morte, tortura, um sofrimento indizível para muita gente. Quando eu soube disso resolvi avisar o presidente. Fui até ele, entrei na sua sala sem que ninguém me percebesse e contei isso tudo a ele, cara a cara, assim como eu e você estamos falando agora.”

“E o que ele respondeu?”

“Disse que não acreditava.”

“Pois deveria. Mesmo lá no serviço muito poucos são os que tem acesso a esse tipo de coisa.”

“Ele talvez não saiba, mas espero que você tenha consciência do que significará um governo como esse. Seu serviço por exemplo, mais do que nunca, terá de sujar as mãos para dar cobertura a esse bando de pilantras, ladrões, torturadores e assassinos.”

Ele não respondeu. Ainda hesitava. Então decidi dar-lhe uma prova mais concreta. Fui até a gaveta e peguei a Colt 45 dele. Ele me olhava fixamente enquanto armei e engatilhei a pistola. Em seguida avancei até ele e lhe entreguei a arma na mão.

“Eu faço uma aposta com você. Se você conseguir atirar em mim,



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

pode me levar preso. Ela está prontinha, é só apertar o gatilho.”

Ele hesitou, mas mesmo assim levantou a arma em minha direção. Hesitava. Sabia que o momento era crítico, mas não tinha uma noção precisa sobre qual linha de ação deveria escolher: por um lado tudo o que eu lhe dissera soava verdadeiro e sua própria experiência como objeto de minhas capacidades mentais o comprovava, mas por outro João pensava no que lhe aconteceria caso estivesse sendo enganado. Quando decidi não se arriscar bloqueei sua mente, retirei a arma de sua mão e devolvi-lhe a consciência. Ele olhava como uma criança assustada para a própria mão, que só agora percebia vazia, e para mim. Soltei o carregador e retirei a bala da câmara.

“E agora, acredita em mim?”

“Como o senhor faz isso?”

Apesar de estar encarregado de me prender, alguma coisa me fazia supor que aquele não era um mau sujeito, e que valia apenas tentar conquistá-lo para o nosso lado. Fui até o bar, servi duas doses de uísque e enquanto bebíamos resumi em poucas palavras minha história, desde os tempos no exército até minha visita ao presidente, passando pelo encontro com Renée, a viagem por conta de nossos amigos Aedas, nosso casamento e o nascimento de nosso filho. Coloquei uma ênfase



ALFALIRA
UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

especial na importância do advento de uma nova geração de seres humanos, mais aptos e preparados para errar menos, muito menos do que seus ancestrais.

“Como você vê, meu caro, também tenho uma missão a cumprir. E você pode me ajudar nisso, pode participar do futuro. Ou não. Estou deixando-o livre para escolher.”

“E se eu não quiser?”

“Coloco você de volta lá embaixo no muro, sem que você se lembre de jamais ter me visto antes na vida. Vai voltar para o quartel do mesmo jeito que saiu. Para você, nada vai mudar.”

“Como se nunca houvéssemos nos encontrado?”

“Exatamente.”

“Suponha que eu aceite. O que acontece então?”

“Você gosta de pescar?” perguntei, enchendo novamente os copos.

“O capítulo acaba aqui.”

“E agora cama, mocinho. Amanhã temos de acordar cedo.”

“Ah, mãe, não! Deixe a tia ler só mais um pouquinho...”

“Nada disso. Amanhã vamos para a praia e todos precisamos estar bem descansados.”



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

CAPÍTULO 26

“Mas eu queria saber o que aconteceu com o vovô seu João e o vó Donato, ora.”

“Agora já está tarde. Além do mais, se a sua tia continuasse lendo você não prestaria atenção por causa do sono.”

“Ah, mãe... eu tenho que dormir sempre na melhor hora?”

“Amanhã quando chegarmos à praia você poderá pedir a seu avô que termine de contar essa história. Com certeza ele vai saber contar tudo com muito mais detalhes. Que tal?”

Resignado, cabisbaixo, ele seguiu para seu quarto murmurando consigo: “Está bem... boa noite, mãe. Boa noite, pai. Boa noite, tia. Boa noite, vovô Donato. Boa noite, vovô seu João...”

Na noite seguinte, depois de passar metade do dia na estrada e a outra metade dentro do mar, Manoelzinho não demonstrou muita disposição para ouvir o avô. Exausto, logo depois do jantar pegou no sono, mal tendo tempo de fechar os olhos. Mas o velho, informado por Linda do interesse do menino em sua própria história, tratou de passar o espanador em suas memórias e na noite seguinte, embalado pelo balanço da rede e pela fumaça do charuto, apresentou-as para a platéia completa.

“O que aconteceu foi que retornamos à capital clandestinamente.



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

Donato conseguia fazer com que parecessemos invisíveis, e tomamos o avião como qualquer outro passageiro, mas sem pagar passagem para que nossa movimentação não pudesse ser traçada numa eventual investigação. Oficialmente não existíamos. Chegando lá fomos rápidos: alugamos um caminhão de mudanças e seguimos para minha casa. Enquanto eu ajudava os carregadores ele foi para o quartel e pouco depois estava de volta com as nossas fichas debaixo do braço. Sua sem-cerimônia era tal que parecia que ele tinha ido buscar aqueles papéis no boteco da esquina, e não nos arquivos mais bem guardados do país. Antes de sair queimamos tudo.”

“Eu me lembro disso. Me pregaram um susto danado, quase botaram fogo na casa”, emendou D. Ana.

“Então despachamos o motorista com a mudança e voltamos ao aeroporto, onde embarcamos no primeiro avião de volta. Donato fez tudo tão bem feito que até hoje a segurança deve estar procurando nossas fichas por lá.”

“E depois, vô?”

“Depois viemos para cá. No início ficamos alojados aqui no andar de baixo da casa grande, até que pudemos construir a nossa casa. Seu pai era pouco mais do que um recém-nascido.”



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

“É verdade. Eu estava grávida da Vera e a Marlene tinha quase dois anos. Sua avó Renée e eu nos revezávamos: enquanto uma cuidava das crianças, a outra arrumava a casa.”

“Então quer dizer que o senhor foi prender meu vô Donato e acabou ficando amigo dele.”

“Pois é. Seu avô tinha o raro dom de transformar os desconhecidos, até mesmo de outro planeta, em amigos.”

Deitado no colo do avô, Manoelzinho olhava para o céu estrelado imaginando de qual daquelas estrelas teriam vindo aqueles amigos de seus avós. Não tardou a dormir ali mesmo no colo do velho, e a conversa aos poucos foi mudando de rumo. Marlise foi colocá-lo na cama e logo depois D. Ana e Linda desciam, deixando os dois a sós. Deitados nas redes da varanda, os dois ficaram conversando quase até o amanhecer.

Quando o velho desceu, Noel resolveu entrar no mar junto com o sol. Caminhou até a praia e depois de cumprir seu antigo ritual de orar pelos pais, entrou na água sob a primeira luz do dia. Algumas braçadas depois da rebentação percebeu que não estava só. Um golfinho solitário nadava em sua direção. Noel fora iniciado nos segredos do mar por aqueles seres avançados, e ao se dar conta de



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

sua presença saudou o visitante em sua própria língua, que aprendera a vibrar ali mesmo des-de a primeira infância.

<Que nossa grande Mãe o proteja e abençoe. Sou Noel.>

<O mesmo para ti, Noel. Jupi é meu nome.>

<Sei que solitário não andas, Jupi. Que fazes longe de sua família, nadando por aqui?>

<Grande é minha surpresa por encontrar alguém tão conhecedor de nosso pensamento. De fato, os meus mais ao largo nadam. Fui atraído para cá pela tua vibração de há pouco, que bastante me recorda um humano que no passado esteve muito próximo de meu coração.>

<Se foste atraído pelo meu pensamento, então no coração e na mente debes ter a memória de meus pais. Aqui nasci, Jupi, e aqui deles me despedi. Sei que hoje eles são muito felizes e habitam a morada de nossa grande Mãe.>

<Sabes bem, Noel. Agora reconheço quem és. Saiba que tempos atrás, aqui neste mesmo lugar, Jupi alguém para o reino de nossa Mãe levou. Muito muito ela me pediu, muito muito ela implorou para que a levasse. Grande tristeza em coração seu. Grande, grande solidão. Companheiro seu, ido já para o grande castelo no fundo do mar, muita falta lhe fazia.>



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

<Ah! Então foste tu quem a levou...>

<Sim, este privilégio Jupi teve.>

<Peço-te que aceite meus comovidos agradecimentos, nobre nadador. Que a bênção e a proteção de nossa grande Mãe sempre o acompanhe e ilumine.>

<Jupi agradece muito e deseja o mesmo para ti, Noel. Também em coração meu sinto grande tristeza pela saudade sua, e posso afirmar que hoje ela vive feliz ao lado de quem tanto ama.>

<Peço-te este favor, Jupi: leve a eles minhas saudades e um grande abraço meu.>

<Muito felizes os dois ficam por ti, Noel, e mandam a seguinte mensagem: pegue sua família e vá para bem longe, filho meu. Breve nossa grande Mãe tomará de volta o que lhe pertence, muita, muita terra. Lá para bem longe, onde pai seu um dia em missão esteve, deve você ir. Aqui nunca mais deverá voltar. Lá todos estarão seguros, e vidas novas prepararão. Depois do cataclisma seus pais voltarão para perto de ti. Se assim fizerem, a bênção de nossa grande Mãe estará sempre convosco.>

<Fico muito agradecido, Jupi.>

<Jupi velho, logo retornará para castelo de grande Mãe. Mas feliz fica em poder ajudar.>



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

<Carruagem de grande Mãe Jupi um dia puxará. Adeus, irmão.>

<Que ela sempre o proteja e abençoe. Adeus, irmão.>

Noel, Marlise e Linda levaram um bom tempo para compreender o completo significado da mensagem de Donato e Renée transmitida pelo golfinho. Precisavam sair, mudar-se dali. Isso estava claro. O local de destino também — o planalto central. Mas o que os intrigava era o motivo. Não conseguiam atinar com o significado daquela retomada da terra que pertenceria ao mar. Tudo levava a crer que haveria uma inundação, que o nível da água se elevaria bastante.

Mesmo assim decidiram dar andamento ao processo. Noel pôs a casa da praia à venda e não demorou muito a encontrar um comprador por um preço bastante satisfatório. Com o dinheiro foi para o planalto central, onde passou algum tempo escolhendo o que poderia comprar com aquela soma e mais algumas economias que possuía. Acabou optando por uma extensa gleba de terra a cerca de cem quilômetros a sudeste da capital, principalmente porque ela incluía um ribeirão de proporções modestas mas adequadas à sua intenção de criar camareões de água doce, trutas, rãs e outras espécies aquáticas igualmente apetitosas e comercialmente rentáveis. Ali providenciou a construção de uma grande casa, uma piscina e iniciou um grandioso projeto de



ALFALIRA
UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

arborização do cerrado. Os tanques para a criação foram feitos aproveitando-se a fonte permanente de água corrente.

Aos poucos Noel desfez-se de seus interesses no mercado de ações, principalmente dos papéis de empresas cujas unidades de produção estavam localizadas no litoral, e concentrou seus investimentos na própria produção. Ao cabo de um ano de trabalho havia transferido a família para a casa nova e vendido o remanescente de suas propriedades no sul. O velho João, teimoso demais para deixar o lugar onde passara a maior parte de sua vida, não quis acompanhá-los. Apesar de prevenido sobre a catástrofe iminente, preferiu ficar ali na beira-mar, prometendo um dia ir fazer visita.



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

27

Não demorou muito para que a criação de Noel começasse a render. Em pouco tempo toda sua produção estava praticamente vendida antes mesmo dos animais atingirem o ponto de abate e isso lhe garantia a segurança material de que necessitava para se preparar para o futuro, de cujas dificuldades tinha uma consciência cada vez maior. Prevenido por seus amigos e protetores durante suas excursões pelos planos superiores, Noel mantinha-se ao par de muito do que se reservava para breve no curso da evolução dos acontecimentos. Orientado a procurar associar-se às pessoas que assim como ele tinham uma ligação cada vez maior com o inefável, sua ação vinha sendo dirigida cada vez mais para fora do círculo familiar. No entanto, Noel buscava muito a elevação de suas companheiras a um estágio mais intenso de comunicação com os planos superiores. Esse trabalho de proteção, baseado num sentimento de prudência, de resguardo mesmo, tornou-se ainda mais forte durante a primeira gravidez de Linda.

Apreensivo quanto ao futuro da criança devido a todas as conturbações que o mundo atravessaria, mas não menos feliz por isso, Noel alegrava-se com a idéia de ser pai novamente e tanto Marlise quanto Manoelzinho já faziam planos para o bebê. Ele acreditava estar resguardado e razoavelmente bem preparado para enfrentar as



469

ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

dificuldades que porventura viessem a surgir, mas à medida em que a gravidez avançava, uma nota dissonante na sua sinfonia de felicidade tornava-se cada vez mais clara e distinta. Alguma coisa parecia estar fazendo falta, embora nenhum deles soubesse dizer exatamente o que. Por volta do quinto mês de gravidez Linda teve a revelação.

As noites quentes do planalto tornavam o sono algo particularmente difícil para ela, mas naquela noite conseguiu adormecer quase que de imediato. Logo foi despertada por um estranho ser: muito alto e magro, careca e com uma barba branca, comprida e pontuda, vestido apenas com uma túnica de cor clara. Tomando-a pelas mãos, ele pediu a Linda que se levantasse e o acompanhasse até a sala. A princípio meio em dúvida, logo ela se convenceu das boas intenções do velhote, que se comunicava através de uma onda de afeto muito intensa, e acedeu. Ao passar a porta do quarto deu-se conta de que já estava em outro lugar, completamente diferente. Num salão iluminado de forma difusa havia outros daqueles seres, como se fosse uma reunião em família: as mulheres vestidas de amarelo e os homens de azul claro. As crianças, também portando túnicas mas de cor rosada, chamavam a atenção pelos olhos, grandes, de formato mais circular e ao mesmo tempo amendoados, com as pontinhas viradas para cima e um brilho



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

solar que Linda jamais vira. Elas e o velhote eram os únicos seres a mostrar os olhos. Ele assumiu seu lugar no círculo e transmitiu-lhe a seguinte mensagem:

<Trouxemos você aqui para que compreenda melhor a natureza de sua missão. A criança que nascerá está destinada a cumprir uma tarefa de suma importância para o desenvolvimento do planeta como um todo, e é preciso que você esteja a par disso. Sua filha levará adiante o trabalho que você e sua família vêm realizando há tempos. Cuide para que ela tenha todo o amor que uma filha deve receber da mãe. Só assim ela terá condições de compreender o real significado de sua própria existência.>

À medida em que ele falava uma onda de amor, carinho e afeição emanava não apenas dele mas também dos outros, que emitiam sentimentos nunca experimentados antes por Linda.

<A região na qual vivem é o polo centralizador de muitos de seus semelhantes que já estão preparados para a comunhão com a Consciência Universal. A cada dia chegam novas pessoas que, assim como você e sua família, também tem a nobre missão de dar continuidade à vida em seu planeta depois que o período mais agudo da crise passar. Caberá a vocês a construção de um mundo novo, onde



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

a união e a paz imperarão. Por isso precisamos de você lá. Neste momento sua presença junto a seu marido e sua família é de importância primordial.>

Aos poucos ela compreendeu que estava diante de seres muito mais adiantados, muito mais elevados do que ela. Subitamente percebeu que seu desejo era ficar ali, não mais retornar.

<Mas eu não quero voltar. Ao aprender com vocês o real significado do amor-sabedoria, percebo que sempre vivi num mundo inferior, para o qual não sinto a menor vontade de retornar. Agora que tenho consciência de minha imperfeição, desejo muito essa evolução. Por favor, permita que eu fique aqui com vocês.>

<Comprendemos seu desejo de ficar, mas não foi para isso que você foi trazida. Se a você coube experimentar por alguns instantes a realidade de um sentimento mais elevado do que o existente em seu planeta no momento atual, é apenas para que tenha a consciência do futuro que os espera. Além disso, de nada adiantaria o nascimento de sua filha fora do espaço-tempo designado: se isso acontecesse ela não teria condições de cumprir a tarefa à qual se propôs, e cuja importância é nosso dever salientar. Leve nossa mensagem, e tenha a certeza de que isso que você sente agora deve ser transmitido a eles todos para



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

que possam se preparar, pois muito em breve todas essas mudanças e alterações terão lugar em seu mundo e cabe a vocês realizar a passagem da melhor forma possível. Muitos de seus contemporâneos já conhecem, assim como você compartilha neste momento, a realidade e a grandeza desse sentimento. Em seu planeta existem diversas pessoas já em processo adiantado de comunicação com os planos superiores da Consciência Universal. Vá, encontre-os, ajude-os e deixe que eles a ajudem nesse trabalho.>

E assim, com carinho mas com firmeza, Linda foi trazida de volta. Acordou em seu colchão como se tivesse sido jogada das alturas. Olhou o relógio: eram quatro e meia da manhã e todos dormiam. Chorando, tomou de papel e lápis e passou a anotar tudo o que recebera deles, com medo de esquecer alguma coisa.

Pela manhã, à mesa do café, Noel e Manoelzinho perceberam de imediato o teor e a importância do assunto, mas resolveram esperar até que ela se dispusesse a falar. À noite Marlise retomou a leitura do diário de Donato, interrompida durante um longo período devido à mudança e retomada com muita alegria há pouco. Aquele momento de união da família depois do jantar para ouvir a narrativa do velho Donato havia se transformado num ritual para eles: Linda e Marlise



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

CAPÍTULO 27

vinham estendendo a leitura, diminuindo a cada dia o tamanho do trecho lido enquanto tentavam encontrar uma forma de preencher o vazio que ficaria, sobretudo em Manoelzinho, depois que as peripécias de seus avós chegassem ao fim. Mas o fim era inevitável, e naquela noite o último capítulo daquela novela deveria ser revelado. Marlise leu:

“Renée, não sei porque, não gostou nada quando soube que eu havia sido convidado para sair com o barco pescueiro do Munheca, cunhado de meu amigo Omar, o famoso e conhecido Barbante. Dizia que não estava se sentindo bem e desde que soube desse convite pôs-se a tentar me dissuadir da idéia. Mas a verdade é que eu há muito tempo andava querendo sair com eles numa viagem de trabalho, e agora que havia surgido a oportunidade eu não pretendia perdê-la de modo algum. Seis dias no mar a bordo de uma traineira era algo inusitado para mim, acostumado demais à terra firme. Pela segunda vez desde que nos conhecemos, decidi contrariar minha mulher, minha outra metade. Foi uma decisão difícil.”

A narrativa interrompia-se neste ponto, e em outra página foi



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

retomada por outra mão, outra tinta, outra caligrafia, outro coração, certamente em outra data, com os seguintes dizeres:

“O barco fez-se ao largo numa manhã cinzenta como a minha tristeza. De alguma maneira inexplicável sabia que alguma coisa ruim estava por acontecer. O sorriso e o entusiasmo dele eram tão grandes que eu me senti uma idiota, acenando e chorando ali no cais. Ah, se eu soubesse teria impedido sua partida — ou ido junto com ele. Três dias depois a onda de mau tempo que chegou até a costa foi horrível. Segundo os entendidos, o que passamos em terra foi uma brincadeira perto do que sofreu quem estava em alto mar. O barco do Munheca voltou rebocado, fazendo água e com avarias no casco e no motor. Ele viu Donato e mais outro homem serem levados pela borrasca, varridos do convés por um vagalhão. Não houve a menor chance de se fazer qualquer coisa por eles. Os que por milagre sobreviveram à tempestade lutaram contra todo o peso do destino para evitar que a embarcação se perdesse, e eles com ela. Tiveram que lançar ao mar redes, ferramentas e o próprio pescado para evitar o naufrágio. Por sorte o sinal de socorro foi recebido e acabaram rebocados de volta.

Agora também eu estou meio morta, meio no fundo do mar. É para



ALFALIRA
UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

lá que o que resta de mim deve seguir. Um dia. Breve.”

Marlise fechou o caderno.

“Coitada da dona Renée. Depois de tanta felicidade, acabar assim, só... se não fosse pelo Noel ela teria ido logo em seguida.”

Fez-se o silêncio entre todos. Linda sentiu que aquele era o momento de relatar sua experiência e contou seu sonho daquela madrugada, afirmando-o como a prova cabal de que todo o sacrifício dos pais de Noel não tinha sido em vão. A descrição da aparência física dos seres do futuro, com o corpo mais alongado, o tórax maior, o aparelho digestivo e órgãos sexuais menores, os membros mais finos e compridos, sua cabeça maior e uma leveza do conjunto bastante acentuada em relação ao corpo humano terrestre impressionou a todos, e a Manoelzinho em especial. A previsão de que um dia todos atingiriam aquele estágio de desenvolvimento do corpo físico, através de uma mudança no código genético que já havia sido iniciada e estava em pleno andamento, não foi muito bem aceita por ele.

“Não quero ser magro, alto e branquelo.”

“Você não vai ser nada disso, querido. Essas mudanças todas levarão muitos e muitos anos para acontecer.”

“Então meu pinto não vai diminuir?”



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

As risadas de todos não o deixaram bravo — para Manoelzinho eram sinal de que seus atributos físicos não corriam perigo.

“Claro que não, filho. O que importa mesmo são os sentimentos, é o coração, e não o corpo físico. Talvez tenhamos nos preocupado demais com a educação de nossas mentes e deixado o coração meio de lado. Mas a realidade é que todos nós já temos um órgão que é o receptáculo do novo DNA, desprovido de sua atual componente animal: nossa glândula pituitária é segundo eles a ponte, a ligação entre o novo e o antigo. Nunca me esquecerei da sensação que experimentei quando ele me tocou na testa com o dedo, simbolizando essa transmutação genética. Além disso, todas as outras formas de vida também sofrerão alterações. Eles dizem que não se pode elevar a raça humana sem realizar o movimento correspondente nas formas animais, vegetais e até minerais do planeta.”

“O que têm as pedras a ver com isso?”

“Elas são centro de armazenamento de energia magnética. A inclinação do eixo terrestre e a polaridade magnética dependem diretamente da organização do elemento mineral. Pelo que entendi, toda uma tecnologia da vida interior dos cristais, muito superior ao nosso conhecimento sobre os metais, ainda está por ser descoberta e



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

utilizada por nós. Mas isso só acontecerá depois que o norte magnético for transformado em sul, o que fará com que os limites entre terra e água sejam totalmente redefinidos.”

“Faz sentido”, disse Noel. “Uma inversão da polaridade magnética no planeta provavelmente teria poder suficiente para provocar profundas alterações na distribuição das massas de água, o que não exclui de maneira alguma o derretimento das calotas polares e a elevação do nível dos oceanos. Sabemos que o aumento, ainda que mínimo, da temperatura da água do mar ocasiona furacões cada vez mais intensos e freqüentes. Além disso as falhas geológicas conhecidas como o Anel do Pacífico, que vão desde a Austrália até o Chile, passando pelo Japão e pela Califórnia, sem dúvida não permaneceriam incólumes. Não é à toa que se prevê a destruição total do arquipélago japonês, da costa oeste dos Estados Unidos e de diversas ilhas do Pacífico, além do norte da Europa e África. Quem diria, Londres, Paris, Copenhagen, e até mesmo o Saara inundados...”

“O sertão vai virar mar, pai?”

“Parece que vai mesmo. O mais impressionante é a coerência disso tudo: uma mudança tão grande no planeta não poderia acontecer desvinculada de uma mudança equivalente na fauna, na flora e no



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

próprio homem. Essa coisa do DNA estar sendo alterado, estar sofrendo aos poucos a subtração de seus componentes mais animais é surpreendente. Lampos e Phaeton afirmam que apenas dez por cento da população da Terra sobreviverá a esse processo. Provavelmente são esses os que já estão recebendo, através da glândula pituitária, uma nova configuração genética em doses homeopáticas, como preparação para a nova vida no novo planeta.”

“Mas por que tudo isso?”

“Porque nossa sociedade está condenada, Marlise. A organização social na qual vivemos é um cadáver, uma casca vazia, há muito desprovida de substância real. Não é à toa que na cidade vivíamos cansados: ela retira todas as nossas energias sem nos dar quase nada de bom em troca, não compreende? Nos suga a todos e o que recebemos?”

“Pancada.”

“Justamente. Foi por isso que viemos para cá. Naquele dia lá na praia o que o golfinho me disse foi a mesma coisa, embora com outras palavras. Não é para menos que nossos amigos de Vega devem estar preparando alguma coisa muito especial: não dá mesmo para continuar vivendo desse jeito, nessa miséria toda. Alguma coisa tinha que acon-



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

tecer e fico muito feliz em poder colaborar, seja lá como for.”

“Uma nova hierarquia, baseada na lei do amor. É isso o que vai acontecer. E para falar a verdade, acho que estava mesmo na hora. Estou cheia de tudo isso. Não quero que minha filha nasça num mundo assim. Também sou totalmente a favor das mudanças e já que seremos salvos pelo gongo, digo que estou aguardando ansiosamente a hora.”

“De uma certa forma todos estamos, Linda. Mas acredito que precisamos estar preparados para o que está por vir, e penso que é justamente esse o motivo desse aviso que recebemos. Chegou o momento de agirmos de maneira a justificar nossas existências. Temos que assumir uma postura neutra, evitando qualquer animosidade contra o que está prestes a desaparecer, se não quisermos ir embora junto com ele. É preciso que nos desvinculemos dessa casca, é preciso que rompamos os laços que nos prendem a este edifício social condenado a ruir. Precisamos nos elevar acima dessa mesquinha controvérsia de interesses se quisermos estar aptos a perceber as modificações necessárias pa-rra atravessar essa fase de mudanças.”

“Como, Noel?”

“Penso que devemos nos conscientizar de que é imperativo não tomar qualquer partido. As noções correntes de certo e errado, bem e



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

mal, cujo embate assistimos diariamente, não servem mais. Fazem parte dessa casca vazia e precisam ser abandonadas.

“Então devemos cuidar apenas de nós mesmos, permanecer indiferentes a tudo mais?”

“Não. Devemos, isso sim, tomar consciência de que o bem somos nós. Portanto não podemos nos restringir e tomar o partido daquilo que já somos. É preciso lembrar que ao tomar partido, cai-se no eixo das dualidades, dos pares opostos: pró e contra. Esta posição é fraca pois interessa apenas aos que pretendem retardar estas mudanças através do prolongamento das baixas vibrações geradas por um tal conflito. Sendo o bem, estaremos nos elevando e nos preparando para receber as modificações necessárias à passagem para um estado mais amplo da consciência. Essa posição é forte.”

“Lógico. Faz sentido.”

“Se meu pai soubesse disso é provável que ainda estivesse vivo. Minha mãe costumava dizer que a filosofia, a necessidade do pensamento, surgiu quando a unidade desapareceu da vida dos homens, quando as oposições perderam a tensão viva de sua relação de inter-dependência e se tornaram autônomas. O pensar então originou-se da desintegração da realidade e da resultante desunião



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

de homem e mundo, da qual nasceu a necessidade de um outro mundo, mais harmonioso e significativo. Penso que o que estamos prestes a viver é justamente esse retorno. Esse é o propósito de nossas existências. Foi por isso que fomos dotados de uma nova forma de consciência, mais ampla e aperfeiçoada.”

“Então o mundo vai acabar, pai?”

“O mundo não, filho. Mas muita coisa que hoje existe nele vai.”

“Por que, pai?”

“É a lei da Natureza, filho. É preciso que o velho morra para que o novo cresça e assuma seu lugar. Você compreende isso, não?”

“Acho que sim.”

“A narrativa do diário continua. Existe uma página que minha mãe acrescentou depois, relatando uma conversa que teve pouco antes de morrer com uma baleia. O suicídio das baleias, que durante tanto tempo intrigou os cientistas do mundo inteiro, na realidade acontecia como uma espécie de protesto desesperado contra sua futura morte pela radiação. Essa baleia suicida contou o segredo a ela. Como se sabe, baleias respiram ar assim como nós. Elas sabiam que nadar na superfície significaria contaminação radioativa e preferiam morrer de maneira mais digna. Esse suicídio coletivo começou mais ou menos



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

simultaneamente à caça da espécie para fins comerciais, iniciada no século XVIII. Os primeiros sinais de baleias morrendo na praia datam desta época. Sabedoras de que sua espécie tinha os dias contados, elas cada vez mais optaram pela morte com dignidade. A narrativa da baleia impressionou muito minha mãe, que nunca tinha conversado com nenhuma e portanto jamais suspeitara que todo esse conhecimento acerca do destino das baleias e dos homens estivesse tão desenvolvido entre elas.”

“Não sabia que minha avó também conversava com as baleias.”

“Pois foi ela quem me ensinou a falar com os golfinhos, filho.”

“E o que aconteceu depois?”

“Então minha mãe contou-lhe que não suportava mais a solidão desde a morte de seu companheiro — meu pai — e recebeu a seguinte explicação: segundo a baleia, meu pai foi removido para não comprometer nossa situação, uma vez que em seu curso de ação ele acabaria se envolvendo de forma inapelável com as forças involutivas intimamente vinculadas ao jogo e ao poder político e econômico. Portanto, para preservar nossa integridade como indivíduos, como família e como seres incumbidos de cumprir uma missão de extrema importância, as esferas superiores foram levadas a optar pela sua



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

retirada. Em contrapartida a essa referência a um episódio que ainda lhe causava tanta tristeza, minha mãe ouviu dela a profecia de que um dia, num tempo não muito distante, ela e meu pai estariam novamente reunidos, e desta vez para sempre.”

“E foi por isso que ela foi para o mar naquele dia?”

“Foi.”

“Ela devia estar muito triste.”

“E estava mesmo. Infelizmente ela não tinha ninguém para ajudá-la a viver mais e a esperar por tudo isso que só agora está começando a acontecer. Todas essas mudanças que transformarão nosso mundo devem ser encaradas por nós como uma coisa boa, filho. É para isso que estamos aqui. Linda nos trouxe uma mensagem muito importante: a de que não estamos sós. A partir de hoje vamos ficar atentos para todas as possibilidades de comunicação mental com os outros. Eles são nossos irmãos e estarão conosco nessa passagem. Precisamos deles. Sua ajuda é muito importante para todos nós.”

“Mesmo que seja um desconhecido?”

“Sim. Até agora temos vivido ocultando nossos poderes. Parece que chegou o momento de utilizá-los para encontrar aqueles que são nossos verdadeiros irmãos. Quantas vezes temos a impressão de estar muito perto de alguém assim como nós?”



ALFALIRA
UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

“Comigo isso acontece a todo momento.”

“Não acredito que seus pais tenham sido os únicos a receber um presente tão especial.”

“Também acho muito plausível essa suposição. Se nosso dever é preparar o advento de um novo homem, duvido que uma missão tão importante tenha sido confiada a apenas uma família. O fato de você estar grávida e ter sido levada a visitar nossos amigos de Vega é prova disso. Portanto, a partir de agora vamos mudar nosso comportamento: em vez de nos ocultarmos, ao sair à rua vamos tentar estabelecer comunicação mental sempre que acharmos necessário.”

“Noel, tenho medo. Lembre-se do que aconteceu a seu pai...”

“Meu pai viveu numa época completamente diferente da que vivemos hoje, Marlise. Naqueles tempos eles precisavam mesmo se resguardar para não serem descobertos em meio a uma sociedade totalmente hostil, o que poderia por tudo a perder. Era uma questão de segurança. Mas hoje nós sabemos que não mais estamos sozinhos como eles estiveram. Sabemos que estamos no lugar certo, em segurança e preparados para a transição, e mais ainda: que nossos irmãos estão se aproximando cada vez mais. Assim como nós, eles também receberam a devida orientação dos planos superiores e estão chegando



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

aqui, em busca de segurança e de um lugar no futuro. Por isso precisamos encontrá-los: unidos, seremos muito mais fortes e estaremos cada vez mais seguros. Certo?”

Manoelzinho foi enfático : “Certo!”

Depois de colocar Manoelzinho e Linda na cama, Marlise fez um chá e foi para a varanda, pensativa, olhar as estrelas. Noel percebeu o seu sentimento e foi abraçá-la.

“Sempre que penso na solidão que sua mãe enfrentou fico me achando uma idiota por não ter percebido tudo e por não ter pelo menos tentado ajudá-la.”

“Você sabe muito bem que não foi culpa sua nem de ninguém.”

“Sei disso. Mas ainda assim até hoje me entristece o fato de saber que, bem, se ela tivesse tido alguém... “

“Pois saiba que está gastando sua tristeza à toa. Ela foi para junto de meu pai, que era exatamente o que ela queria. Portanto, ela está muito melhor lá do que estaria se tivesse ficado por aqui.”

Ela aninhou-se em seu peito e puseram-se a procurar a constelação da Lira no céu estrelado.

“Se eu perdesse você não sei se teria essa mesma coragem.”

Naquela noite Vega não apareceu.



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

28

No verão de 2017, cerca de vinte e quatro anos depois do casamento de Noel e Linda, chegava a vez da filha do casal constituir sua própria família. Janaína revelou ser uma combinação das virtudes da mãe com a capacidade mental do pai e aos vinte e três anos de idade já havia sido alvo de tentativas, algumas meio desajeitadas, outras nem tanto, por parte dos pretendentes da época. Resistiu a todas. Ironicamente, acabou sucumbindo diante da mais absoluta falta de insistência de um jovem ucraniano de nascimento, Ylia. Filho de uma família que viera buscar no planalto central refúgio dos horrores da guerra que destruíra grande parte do hemisfério norte, o rapaz, cuja vida fora quase que inteiramente vivida sob o sol implacável da região, provou possuir uma maneira especial de lidar com Janaína.

Apesar de sua aparência simplória de caipira, com seu olhar franco e suas maneiras diretas e desassombradas, Ylia na verdade tinha uma confiança absoluta em sua capacidade de intuir e a cada dia, nas mais diversas situações do cotidiano, provou que sabia segui-la. Certamente foi ela que guiou seus passos em direção ao mundo interior da filha de Noel e Linda: aos poucos, com segurança e parcimônia, os dois foram se aproximando. Exigente mas delicada, bonita sem ser orgulhosa, segura de si e dona de uma eterna compaixão, Janaína



487

ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

desde pequena havia sido reconhecida por todos, e em especial pelo pai, como uma princesa cuja missão neste mundo era a de irradiar luz por onde quer que fosse. À sua maneira, Ylia também demonstrava possuir essa mesma estrela, e quando estavam juntos podia-se facilmente notar a identidade que existia entre eles: um era o espelho do outro.

Mas Ylia não era o único: Noel sentia uma ligação entre ambos que excedia toda a sua experiência passada, inclusive com o filho mais velho. Sua relação com a filha era algo de muito especial, e o mais velho não pensava diferente: apesar dos sete anos que o separavam da irmã, Manoelzinho tinha por ela um amor incomum, se é possível dizer que há amor comum. Ele e Noel foram seus tutores, pai, irmão, amigos e orientadores no uso e na compreensão de seus poderes mentais, mas não exerceram a primazia nestas funções por muito tempo. Logo na primeira infância a menina já demonstrava que nasceria com atributos que nem mesmo o pai e o irmão possuíam, nem se atreviam a tentar desvendar. Desde o nascimento Janaína soube, com sua alegria e luminosidade notáveis, infundir em todos, e em especial nos membros de sua própria família, um respeito singular.

Constantemente acompanhada por protetores elevadíssimos que a



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

orientavam em constantes peregrinações fora do corpo físico pelos planos mais elevados e facultavam-lhe uma precisão extraordinária no processo do conhecimento por meio da clarividência e clariaudiência em ambos os sentidos temporais, passado e futuro, logo Janaína aprendeu a ampliar a herança que recebera dos pais para além dos limites até então conhecidos pela família.

Quieta, introspectiva, Janaína sabia que seu mundo interior era muito mais vasto, tanto em beleza e qualidade de sentimentos quanto em amplitude de consciência, do que aquilo que a maioria das pessoas consideraria como normal. Herdeira incontestável das aptidões mentais da família, em permanente sintonia com os ritmos da Natureza, desde o nascimento ela sempre vivera na companhia dos animais, das plantas e dos elementos. Observando as nuvens e ouvindo o sopro dos ventos, ela aprendera a prever as menores variações no comportamento dos elementos, para não falar no dos homens, dos animais e vegetais. Tinha o dom de agradar a todos. Cuidava e conversava com as plantas e os bichos, que a seguiam por toda a parte e juntamente com seus pais e irmão, eram os poucos felizardos a compartilhar com ela as riquezas de seu universo interior — até que Ylia surgiu. Ao contrário dos antecessores, que a entediavam com sua



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

pretensão de conhecer seu coração quando na verdade nunca haviam chegado perto de despertar nela sentimentos maiores do que respeito e compaixão por suas sensibilidades primárias, Ylia conquistou aquele tão almejado tesouro justamente porque nunca teve essa intenção. Ele sentia, embora não soubesse explicar, a imensa complexidade e beleza da alma de Janaína, assim como adivinhamos a profundidade do mar pela cor de suas águas, e gostava dela tranqüilamente, sem ansiedade.

Amigos íntimos desde a adolescência, Ylia conhecera alguns de seus outros amigos mais próximos e em certas ocasiões aconselhara uns e outros sobre as maneiras de superar as dificuldades da vida sentimental que enfrentavam ao apaixonar-se por uma Janaína que os queria bem, mas estava longe de dedicar-lhes o sentimento que considerariam como a recíproca adequada e tão desejada. E talvez tenha sido justamente por isso, pelo fato de ambos terem passado pelas primeiras experiências amorosas sem grandes felicidades mas também sem tristezas, sempre tentando ajudar-se mutuamente a compreender melhor as complexidades do convívio com o sexo oposto, é que muito lentamente foi surgindo neles a consciência de que nenhuma outra pessoa poderia ocupar aquele lugar. Seus corações



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

despertaram para o amor maior, mais amplo, que excede a amizade e a camaradagem, que transcende a tensão eletrizante provocada pelo contato de duas peles, e que um dia veio a realizar-se como um encontro não apenas de corpos e de idéias, mas sobretudo de almas, consciências e de corações.

O pai da noiva entregou a mão da filha ao jovem felizardo não sem um certo pesar, imaginando o quanto Linda gostaria de ter vivido o suficiente para poder estar presente em corpo físico àquela cerimônia. Tanto ele quanto Manoelzinho — e Janaína mais do que todos — podiam sentir a intensidade da vibração que indicava que Linda de fato estava ali com eles naquele momento. Nascida e criada à beira do mar, Linda sempre fora uma excelente nadadora mas provou sua inexperiência como mateira quando, numa quente manhã de verão, acabou vítima de uma urutu ao sentar-se num velho tronco caído, seu alojamento predileto para escapar ao calor excessivo do cerrado. Não houve tempo para salvá-la. Estranhamente, naquele dia Janaína não saiu do quarto. Tinha por volta de dez anos quando perdeu a mãe, e na ocasião poucos entenderam seu silêncio.

Durante a noite ela havia recebido uma visita muito especial: um cacique, coroadado por um enorme cocar de penas coloridas, viera lhe



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

avisar que sua mãe seria levada para a terra dele, onde passaria a viver a partir de então — uma terra maior, mais bela, onde havia paz, todos viviam felizes e eram amigos de todos. Por isso ele lhe pediu para não ficar triste quando sua mãe partisse, pois ela continuaria a cuidar de todos, e em especial de sua única filha. Naquele dia fatídico Noel e Manoelzinho estavam fora, cuidando dos negócios da Associação dos Piscicultores, da qual eram membros. Talvez se tivessem estado presentes ela acabasse lhes revelando a premonição e, quem sabe, o destino de Linda teria sido outro. Mas alguma coisa que ela não sabia explicar, e nem procurava saber, lhe dizia para ficar ali escondida debaixo das cobertas e não falar com ninguém. Quando vieram lhe avisar da tragédia ela continuou deitada, sem dizer uma palavra. Já sabia de tudo e já havia inclusive se despedido da mãe. Só quando Noel e o irmão retornaram foi que ela decidiu sair do quarto e contar-lhes a triste realidade dos fatos imateriais.

A cerimônia de casamento foi simples. Participaram apenas as famílias e alguns amigos. De acordo com a vontade dos noivos, que por sinal também era a de seus pais, somente as pessoas que possuíam uma forte ligação com o inefável foram convidadas. O generalizado sentimento de alegria e felicidade não precisava de palavras para ser



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

expresso por aquela pequena mas promissora comunidade de pessoas destinadas a herdar a Terra, ou o que havia sobrado dela. Desde que se estabeleceu no planalto, Noel vinha encontrando mais e mais pessoas que assim como ele possuíam um forte compromisso com o futuro da humanidade. Com o advento da guerra na virada do século, a comunidade de seres dotados de qualificações tão especiais foi tomando conhecimento cada vez maior da presença de seus pares na região e não demorou muito tempo para que uma rede de comunicação, bem mais etérea do que as ondas do rádio, se estabelecesse entre eles.

Plenamente conscientes da missão que lhes cabia, cada vez mais tratavam de se unir, de conhecer-se uns aos outros e trabalhar em conjunto para a consecução de sua finalidade comum. Muitos traziam na memória o horror da guerra, que durante muito tempo marcou de maneira indelével não apenas os que a vivenciaram como experiência pessoal mas também aqueles que, aterrorizados, receberam diretamente em suas mentes as imagens transmitidas por seus amigos. O mundo tal como o conheceram desmoronava, e uma reflexão conjunta sobre o melhor curso de ação a ser adotado diante de tamanha barbárie se impunha como uma necessidade imperiosa. Sim, cabia-lhes a responsabilidade de formar um novo mundo, livre dos horrores



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

do passado — e para mudar o passado em futuro, era preciso compreendê-lo em sua totalidade.

Mas como compreender as aberrações nos padrões de manifestação dos fenômenos naturais — maremotos e terremotos, catástrofes naturais, enchentes, furacões, erupções vulcânicas — que vinham desde os anos oitenta fazendo com que a orla marítima, e em certos pontos o próprio relevo terrestre, mudasse completamente de contorno, ora com o mar ganhando significativas porções do que anteriormente havia sido o território continental, ora pelo surgimento de novas ilhas, como as que resultaram da atividade vulcânica na Terra do Fogo? O clima também vinha fugindo a qualquer previsão: áreas notoriamente conhecidas como tropicais ficaram cobertas de neve, desertos foram inundados em questão de meses, em suma, nenhuma região do globo ficou isenta de profundas alterações. Então, em meados de 1999, depois de anos de uma atividade feérica e cada vez mais intensa, aconteceu para a surpresa geral uma estranha calma: todos os elementos até então em furiosa atividade pareceram cessar por completo, como se obedecessem a uma ordem superior. Era o prenúncio do horror que atingiria a humanidade em escala jamais vista ou imaginada.



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

O ilhéu nascido com dois dentes na garganta e notório por ter a cabeça sempre coberta de azul, apelidado de “O Inominável” por seus seguidores, foi o unificador do ódio religioso encontrado em praticamente todos os países muçulmanos, concluindo assim a tarefa iniciada décadas antes de maneira mais ou menos isolada por todos os que o precederam na pregação da guerra santa, a temida Jihad, ao acrescentar à fúria dos elementos aquela do ódio total. O Inominável começou sua marcha sobre a Europa a partir da destruição de Israel como potência militar: uma ogiva nuclear roubada dos arsenais do Tadziquistão e detonada a 1800 metros de altitude na distância média entre Jerusalém e Tel-Aviv conseguiu não apenas apanhar os israelenses de surpresa — em parte graças a um bem montado estratagema de atrair sua atenção para uma possível invasão vinda do sul, a partir da península do Sinai — mas sobretudo extinguiu sua função estratégica de tampão retentor do deslocamento das forças muçulmanas em direção à costa do Mediterrâneo. A discórdia e a negligência dos países europeus, e especialmente a da França, acabaram facilitando a abertura da passagem para a invasão. A data do início do conflito propriamente dito coincidiu com a do eclipse da Lua em 1999, quando Chipre foi invadida a partir de sua metade turca.



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

Era o sinal esperado. Teve então início uma avalanche sobre todos os pontos estratégicos europeus na costa mediterrânea, originada a partir de diversas bases na África. Surpreso e horrorizado, o velho continente não resistiu. Contingentes mouros concentrados além do Bósforo avançaram sobre a Grécia, Bulgária e Macedônia com uma velocidade impressionante. A ajuda das milícias muçulmanas na península balcânica foi imprescindível para o sucesso do ataque no front oriental. Atônita, a Europa caiu de joelhos.

Simultaneamente, a partir do extremo oposto do Mediterrâneo a ofensiva fechou-se como uma pinça: de Mônaco à Sicília não restaria uma só cidade ou vilarejo que não tivesse sido pilhado e saqueado pelos seguidores do Inominável. A família real monegasca foi trucidada em praça pública. Barcelona foi conquistada pelo mar e Sevilha caiu no dia de São Firmin. A marcha sobre os Pirineus parecia inexorável. Nápoles, Palermo, a Sicília, Córsega e Sardenha foram tomadas por completo depois de uma batalha naval de sete dias de duração que clareou a noite no mar. Na manhã do oitavo dia o sol nasceu sobre os restos fumegantes que ainda flutuavam sobre as águas tintas pelo sangue de uma procissão flutuante de cadáveres, que serviam de banquete aos peixes mais vorazes.



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

Em Nápoles, Palermo e Siracusa os novos governantes impostos pelos conquistadores tiranizaram os sobreviventes, obrigando-os à total e completa submissão às leis do Corão tal como reinterpretadas pelo ilhéu. À maneira dos antigos generais romanos, ele não demoraria a realizar uma triunfal entrada em Roma sob a ovação de suas hostes e contemplado à força por seus novos súditos, cujo extremo desgosto diante da visão daquela cena devia-se não apenas ao seu barbarismo, mas também à horripilante aparência pessoal do Inominável.

Muito do horror que paralisou os europeus deveu-se não apenas à metódica barbárie com a qual aldeias inteiras foram arrasadas, mulheres confinadas em serralhos destinados exclusivamente aos soldados e velhos e crianças exterminados sem pestanejar, mas sobretudo pelo quase que imediato surgimento de gente disposta a colaborar com aquilo tudo. Pessoas nascidas nas próprias regiões conquistadas apressavam-se em tomar o partido dos novos senhores e até mesmo em colaborar na administração do terror generalizado. Recuperados do choque inicial, os países membros da enfraquecida Aliança Atlântica — cuja tentativa de impedir a invasão chegara a ser caracterizada de ridícula — juntamente com os Estados Unidos, reuniram seu poderio militar para fazer frente à ofensiva dos bárbaros.



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

Os russos, temerosos de um conflito aberto com as repúblicas muçulmanas lideradas pelo Casaquistão, que apoiavam incondicionalmente o Inominável, esforçaram-se por manter uma neutralidade segura, apesar de seu assento na Aliança os obrigar a uma condenação formal da agressão.

Foi então que o poder dos elementos voltou a se manifestar: forças inglesas, belgas e francesas que desciam a costa Atlântica em direção ao sul foram tragadas pelo mar revolto, que se tornara um inimigo a mais nas praias de Bordeaux. A chuva torrencial que subitamente impediu a conflagração dos dois exércitos no norte da Itália foi mais um sinal que precedeu a enxurrada definitiva. Embaixadores ocidentais enviados ao encontro do ilhéu foram repelidos antes de atingir seu destino e obrigados a retornar sem cumprir sua missão. Apesar das intempéries a batalha finalmente teve lugar e as hostes vencedoras da Jihad transpuseram as neves dos Apeninos em direção à França. O comandante derrotado foi capturado, supliciado e pendurado pelos polegares numa execrável exibição pública.

Apesar das comemorações e dos banquetes pelas vitórias, em diversos pontos do Império Oriental a divisão política, alimentada pelo serviço secreto ocidental e pelas divergências da fé nas palavras



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

do novo profeta, cresceu junto com a fome e deixou o Tigre e o Eufrates tintos de sangue e coalhados de corpos humanos, revelando que mesmo entre os filhos do Islã havia quem fosse contrário à matança e à barbárie. Um violento terremoto no Egito acrescentou mais mortes, fome e desgraças à lista das que atingiram as hostes do Inominável.

Mas a violência da ação dos elementos, assim como a guerra, não poupou ninguém. A Inglaterra e os países nórdicos eram o destino principal da ponte aérea norte-americana, encarregada de levar suprimentos para o velho mundo que ameaçava desabar. Apesar do enorme esforço inglês para sobreviver às catástrofes naturais, que freqüentemente impediam os vôos e interrompiam a produção de alimento para o povo e exércitos, além das armas para seus aliados na guerra ao Inominável, sua tradicional liderança militar foi debilitada, passando então a ser exercida pelos generais franceses. Sob seu comando as forças ocidentais retomaram a iniciativa e conseguiram empurrar os muçulmanos até à Itália, para lá serem novamente derrotadas. As perdas foram enormes, tanto em equipamentos quanto em vidas.

Teve lugar então o assalto à Suíça, Áustria e Hungria, esta última conquistada com a ajuda dos muçulmanos sérvios. Buda e Pest se



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

dividiram, pró e contra os muçulmanos. Genebra e Viena foram impiedosamente bombardeadas e tornaram-se ruínas inabitáveis. Os poucos sobreviventes se espalharam pelos campos e encostas das montanhas geladas. Uma tentativa de bombardear Londres com uma ogiva nuclear surrupiada do antigo arsenal soviético conseguiu ser evitada a altíssimo custo. A Espanha foi riscada do mapa e a quase totalidade de seus habitantes pereceu. Na França as tropas inglesas, francesas e flamengas conseguiram empurrar o inimigo até Rouen, mas Garonne foi saqueada depois de assistir seus líderes serem dependurados de cabeça para baixo no rio.

Enquanto isso as hostes mouras deram a volta pelo norte e adentraram a França pela Alemanha e Bélgica conquistadas. Na Alemanha a derrota para os novos conquistadores trouxe o ressurgimento clandestino do paganismo, dos sacrifícios de animais e da adoração a um panteão de divindades que não parava de crescer. Alguns chegaram a ser denunciados ou mesmo descobertos pelos muçulmanos, e sofreram em público uma morte atroz, torturados com requintes de sadismo para servir de exemplo. Tropas inglesas enviadas para a frente norte na tentativa de conter o avanço do Inominável recuaram sete vezes diante da pressão inimiga. Apesar da resistência em território francês



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

ser a mais forte, o comando militar em Paris tencionava executar, como último recurso diante de uma derrota inevitável, um plano de bombardeio nuclear de todo o território em poder do inimigo, logicamente matando também todos os ocidentais cativos.

O Papa, que havia escapado de Roma caminhando por cima dos cadáveres de seus prelados graças a um disfarce de serviçal, foi capturado perto da fronteira polonesa e executado em público pelo Inominável em pessoa. Em todo o território conquistado a perseguição à Igreja foi sistemática e particularmente violenta. A vida dos religiosos valia menos do que uma cusparada no chão; as dioceses foram extintas e suas propriedades saqueadas com brutalidade especial. A entrada do ilhéu no Vaticano foi transmitida via satélite para o resto do mundo como um espetáculo teatral. Um Tevere rubro de sangue cristão foi transformado no símbolo mundialmente reconhecido da barbárie moura. Parma, Florença e Siena foram completamente arrasadas, transformadas em um amontoado de ossos e ruínas. A Albânia, aproveitando-se da oportunidade, invadiu e apropriou-se de parte do território italiano com o beneplácito das forças do Inominável.

Debilitados pela fome e frio e inebriados pela violência



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

transformada em fato corriqueiro, bandos de mercenários atacavam um e outro lado do conflito, preocupados apenas com a própria sobrevivência. Vivendo de pequenos saques e botins, aterrorizavam os pobres sobreviventes da peste, da fome e dos massacres da guerra. Nas ilhas conquistadas do Mediterrâneo, cujas guarnições vinham sendo cada vez mais enfraquecidas pelo alto consumo de vidas demandado pela guerra travada no continente, muitos nativos seguiam o exemplo dos mercenários e conseguiram derrotar o inimigo, mas quase não sobreviveram à fome, ao frio, à sede e às doenças.

Paris foi finalmente sitiada e abandonada à própria sorte, e lá mais do que em outras capitais a crueza do botim revelou-se maior: os próprios traidores que facilitaram a entrada dos mouros foram por estes executados. O comando militar ocidental, transferido às pressas para Londres, ordenou a execução do plano mais drástico: explodir uma ogiva nuclear sobre a capital francesa no momento de sua tomada pelo grosso das forças do ilhéu, aniquilando assim tudo e todos. A deliberação do Alto Comando levou mais de vinte e quatro horas para ser concluída. Uma conspiração, descoberta a tempo de se evitar que Downing Street fosse pelos ares e que resultou na execução sumária de trinta traidores, contribuiu para a demora. Não foi uma decisão



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

fácil — contra, havia a vida de milhares de concidadãos; a favor, os números: cerca de metade das forças do Inominável agrupava-se nas cercanias da capital, para onde convergiam a partir de todas as direções. Certamente nunca haveria outra oportunidade de liquidar uma parcela tão significativa das forças invasoras de um só golpe.

O abalo foi tão grande que pôde ser sentido na Inglaterra, Espanha, Alemanha, Suíça e Itália. Durante mais de sete horas a capital e todos os seus arredores queimaram numa imensa e infernal fogueira. O clarão da explosão nuclear sobre Paris, que deixaria intacta apenas a basílica do Sacré-Coeur, foi tão intenso que a noite foi transformada em dia. Uma família camponesa foi encontrada morta dentro de um poço onde tentara se refugiar da hecatombe. Além de sepultar os vivos, a explosão arrasou os próprios cemitérios, descobrindo milhares de corpos que foram assim arrancados de suas tumbas, como se para assistir de corpo presente ao massacre de seus descendentes. Em certas regiões o número de cadáveres insepultos era tão grande que ninguém conseguia se aproximar sem pisar em ossos calcinados.

Dos poucos sobreviventes que restaram a grande fome se encarregou: com a pele escorchada pelo terrível calor e completamente sem cabelos, obrigados a respirar um ar extremamente seco, não



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

conseguiram encontrar nada para comer ou beber num raio de centenas de quilômetros. A seca implacável subsequente duraria seis meses e nove dias sem que uma só gota de chuva caísse na região assolada. Ao retorno dos sacrifícios humanos e do paganismo juntou-se o canibalismo provocado pela fome, que não escolheu partido: praticamente todas as fontes de água e alimento haviam sido contaminadas pela radiação. Os soldados muçulmanos que conseguiram sobreviver, com suas linhas de suprimentos debilitadas e em muitos pontos rompidas, pilhavam tudo o que encontravam pela frente para poderem continuar vivos.

E assim, reduzidos a cinzas tanto vencedores como vencidos, começou a derrocada das forças muçulmanas, que em sua retirada faziam questão de destruir o pouco que havia sobrado depois de tanta morte e barbarismo: a fome das hostes do Inominável era saciada com crianças mortas e assadas diante dos pais horrorizados, obrigados a servir a carne dos próprios filhos em banquetes durante os quais bebia-se sangue humano para sobreviver e continuar fugindo da chuva negra e dos ventos quentes originados pela explosão. Enquanto comiam e bebiam, as mãos do prato principal eram violentadas para a diversão da soldadesca.



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

Um grande exército ocidental composto por alemães, dinamarqueses e ingleses junto com o remanescente das forças francesas atravessou os Alpes em perseguição ao ilhéu, cuja rota de fuga para a África foi cortada pelo desenrolar do enfrentamento político entre alas muçulmanas moderadas, contrárias à sua orientação, e o remanescente de sua influência nos países do então chamado “grande Islã” — principalmente Egito, Líbia, Marrocos e Tunísia. A retirada muçulmana tomou o caminho inverso ao da invasão, e o ilhéu buscou refúgio nas ilhas do Egeu. Seu principal gueto era Chipre, onde teve início o massacre dos infiéis. E por uma ironia suprema, um grupo de amotinados conseguiu persegui-lo e executá-lo lá mesmo onde a guerra teve início. O sangue árabe foi derramado em toda a África, Oriente Médio e nas potências muçulmanas da extinta URSS, e a peste e a fome cresciam cada vez mais.

A guerra no continente durou ao todo três anos e sete meses, mas ao contrário do esperado a derrota do Inominável não significou o fim dos conflitos armados neste planeta já tão debilitado pelos horrores da conflagração armada. Dinamarca, Inglaterra e Polônia fizeram uma nova liga. Ao norte a Suécia combatia os russos e sua gula por terras devolutas. A Escócia radicalizou a antiga disposição de separar-se da



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

Inglaterra anunciando sua determinação de realizar a independência a qualquer custo. A Alemanha loteou os países baixos e partes da França ainda aproveitáveis. Os povos habitantes das regiões ao norte do Círculo Ártico recusaram-se a obedecer qualquer lei e a participar de qualquer Estado constituído, e foram perseguidos por isso. Com o fim da guerra veio também a necessidade primordial de sobreviver e conseqüentemente as letras e a instrução foram relegadas a segundo plano: comer e beber era mais importante. Apenas um forte sentimento religioso impedia os famintos sobreviventes de dar continuidade à barbárie instaurada pelo ilhéu.

Por fim a Natureza se encarregou de limpar definitivamente todo aquele horror: enchentes fluviais e marítimas começaram a inundar boa parte do planeta, cobrindo para sempre áreas assoladas pela monstruosidade inominável da guerra. Antes dela, dois terços da superfície da Terra eram cobertos por água; depois da guerra a proporção subiu para cinco sextos. Com a destruição quase que total do Hemisfério Norte pela conflagração que arrastou a Europa, a Ásia, o Oriente Médio, a África e parte da América do Norte para o abismo nuclear, poucas regiões do planeta permaneceram habitáveis. Uma delas foi a parte central da América do Sul. Outra foi a Austrália. A



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

América do Norte foi subitamente cortada ao meio pelo Mississipi, transformado pela elevação assombrosa do nível de suas águas num verdadeiro mar que estabeleceu definitivamente a ligação entre a região dos Grandes Lagos, na fronteira canadense, e o Golfo do México, dividindo os Estados Unidos em dois. A costa leste desapareceu quase que por completo sob o Pacífico e boa parte da costa oeste também teve seu contorno alterado: abaixo das Ilhas Aleutas diversas metrópoles desapareceram sob as águas. O território correspondente ao estado da Califórnia foi reduzido em dois terços de sua extensão original. O mesmo ocorreu com a península de Yucatán quase inteira, a planície de Nullarbor no sul da Austrália, a região do Golfo de Carpentária e o sudoeste da Nova Guiné. As bacias Amazônica e do Prata transformaram profundamente a América do Sul, que foi o continente que teve a menor extensão de terra submersa: quase metade da Argentina e praticamente todo o Paraguai sumiram, incluindo as partes mais baixas da Bolívia e do Mato Grosso. O mesmo aconteceu em diversas outras regiões do mundo cujo nível acima do mar não excedia os trinta metros: Paquistão, Bangladesh, Países Baixos, grande parte da costa russa banhada pelo Báltico, pelo Mar Negro e pelo Mar de Barents; todos os grandes deltas fluviais do mundo, como o Nilo,



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

Amazonas, Ganges, Dniepr, Yang-Tsé, Yukon, e muitos dos pequenos também, alagaram consideráveis extensões de terra outrora firme. Da Europa sobraram apenas as escarpas norueguesas, os Alpes, os Pirineus e os Urais.

Os sobreviventes foram poucos. Os que escaparam à hecatombe nuclear pereceram pelas enchentes, furacões, doenças, fome e frio. No entanto houve quem resistisse: não muitos, mas em número suficiente para evitar a extinção da espécie humana no planeta. A maioria dos sobreviventes, habitantes da América do Sul, Oceania e do sudoeste da África, além de terem em comum os sofrimentos causados pela tragédia, de estarem ilhados, dispoendo de poucos recursos materiais e praticamente sem comunicação entre si, passaram a desenvolver uma nova postura mental em relação ao que acabavam de atravessar. Na aurora de uma nova era, muito poucos advogavam a reconstrução da sociedade nos mesmos moldes daquela que fora destruída de maneira tão exemplar. Nos mais afastados pontos do planeta, onde quer que houvesse gente vivendo, ganhava cada vez mais força a idéia de que a partir de então a primazia deveria ser dada não mais à produção de bens materiais, mas sim à produção de uma nova atitude, fortemente lastreada pela ética. Uma nova ética,



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

uma nova moral surgiam das cinzas ainda fumegantes de uma civilização cuja extinção não deixou saudades entre os sobreviventes.

A decisão de nunca mais retornar aos antigos princípios que regularam a civilização recém-desaparecida foi cumprida à risca por praticamente todos os seus remanescentes. Os poucos renitentes que ainda insistiam em defender a manutenção de tal ou qual idéia acabaram isolados e em pouco tempo vieram a sucumbir por sua própria falta de visão.

O primeiro passo desta caminhada foi a elaboração de um novo código civil que refletisse uma postura totalmente nova com relação ao conceito de direito público e privado. Uma nova classe de magistrados e legisladores foi tomando posição e participando, de maneira cada vez mais significativa, da recomposição e redirecionamento das instituições públicas e particulares.

Aos poucos a distância física que separava os sobreviventes foi sendo superada através do aperfeiçoamento da telepatia. Com o estabelecimento desta nova forma de comunicação os habitantes de regiões tão distantes como África, América e Oceania podiam trocar idéias e informações sobre as formas de levar a cabo as mudanças que a guerra e a destruição haviam tornado irreversíveis.



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

Mas talvez a consequência mais importante do advento da telepatia como forma universal de comunicação tenha sido o conhecimento da verdadeira realidade das intenções de cada um. Apenas aqueles que não tinham nada a ocultar podiam abrir suas mentes sem medo e se entregar à mais completa comunhão mental com seus pares.

Com a possibilidade de separar o joio do trigo e fazer uma distinção precisa entre os que realmente trabalhavam em prol da comunidade e aqueles que advogavam em causa própria, foi tomando forma o corpo do novo estado, dos novos códigos e, o mais importante, o das novas idéias e formas de pensar os próprios limites do ser humano, que passou a ser classificado segundo o uso que fazia de suas qualidades intelectuais e morais, e não mais pelos objetos que possuía.

Foi nesse novo quadro de pensamento, emoldurado por tanto sofrimento, impiedade e ignorância que Janaína, Ylia, Manoelzinho e todos os de sua geração e das gerações subseqüentes devotaram suas existências à construção de um novo mundo, livre dos erros do passado e imerso na realização da promessa de um futuro melhor.



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

29

<**E**is aí uma grande lição a ser aprendida. Eu sempre soube que a Terceira Guerra Mundial foi de todas a mais devastadora, a mais horripilante, a que deixou as marcas mais indeléveis na história da humanidade e que a destruição de dois terços de toda a população da Terra marcaria a passagem para um nível mais elevado de existência em nosso planeta, mas uma coisa é ler os livros de história e outra ver o que de fato aconteceu. Depois disso fico me perguntando se esse perigo foi mesmo definitivamente esconjurado de nosso mundo, ou será a violência um eterno destino do ser humano?>

<Apesar de extinguir diversas formas de violência, algumas sobreviveram mesmo a esta guerra que acabamos de ver e é preciso que você saiba, Leon, que todas estas etapas foram consideradas necessárias para o aperfeiçoamento da espécie humana na Terra.>

<Mas Mnemosyne, será que não existe uma maneira, digamos... menos dolorosa de se aperfeiçoar?>

<Seria o ideal, mas infelizmente no caso de seu planeta todas as tentativas neste sentido foram frustradas. Aprendemos que neste, e em outros casos também, a consciência se transforma de duas maneiras: pela revelação ou pela provação. Quando uma não surte efeito, segue-se fatalmente a outra. Embora sejam meios



511

ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

essencialmente opostos, a finalidade última é a mesma.>

<Há quem compare todos estes percalços, interrupções e até mesmo regressões no processo de desenvolvimento da humanidade com os tombos que as crianças levam até aprenderem a andar. Eu pessoalmente discordo desta comparação, especialmente se nos lembrarmos de toda a barbárie, toda a destruição que a raça humana conscientemente praticou contra si mesma através da história. E se levarmos em consideração todos os avisos recebidos, de fato é de espantar a lentidão, eu diria até a obtusidade, da percepção humana com relação a essa questão.>

<Avisos? Que avisos, Apolodoro?>

<Sobre a ressurreição divina. É claro que para ressuscitar é preciso antes ter morrido, ou seja: é preciso ter experimentado a morte de uma vida dedicada ao vício, de uma vida orientada exclusivamente para os prazeres oriundos das coisas materiais, a morte do orgulho e do egoísmo. Só então surge o renascimento para a percepção mais completa da realidade, que inclui não apenas o corpo material e suas necessidades e obrigações, mas também o corpo etéreo, a ligação entre o material e o espiritual; o renascimento para a vida como ela é, compreendida de maneira bem mais abrangente do que a limitada concepção daqueles seus ancestrais.>



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

<Ancestrais? Que ancestrais? Está se referindo à ressurreição divina do chamado ano zero e aos povos da Palestina e aos romanos da época da paixão de Cristo?>

<Sim, também, mas não apenas a eles. Outros houve antes de Jesus que chegaram ao seu planeta com a mesma missão. Todos ditos Messias, todos filhos de mães virgens, todos mortos e ressuscitados: Thulis, no Egito em 1700 ; Crito na Caldéia em 1200; Krishna na Índia também em 1200; Atys na Frígia em 1170; Tammui na Síria em 1160; Hesus, celta, em 834; Bali de Orisa em 725; Indra no Tibet em 625; Iao no Nepal em 622; Alceste na Grécia em 600; Buda na Índia em 600; Devatat no Sião em 600; Mithra na Pérsia também em 600; Quetza-coalt no México em 552; Wittoba em Dehkan, em 585; Prometeus, no Cáucaso em 546; Quirinus e Ixion em Roma, em 506; Bacab entre os maias da América do sul e por fim aquele que se tornou nosso ponto de referência histórica, o Cristo na Galiléia, na marca do ano zero. Todos os mencionados acima o precederam. Mas houve ainda muitos outros: Maomé no Islã, Tupã e Jurupari entre os índios do Brasil, etc.>

<Sim, eu me lembro: a vida eterna e tudo o mais. Concepção que foi durante muito tempo interpretada de maneira errônea, ao pé da letra, segundo consta.>



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

<De fato a má interpretação foi um problema, mas de gravidade ainda maior foi a obstinação pela maior parte da humanidade em ignorar todos estes enviados, que surgiram em épocas e povos tão diferentes mas levando sempre a mesma mensagem. Uma espécie de cegueira voluntária que acabou por remeter a maioria da população de seu planeta, durante e depois da Terceira Guerra, para um mundo cuja posição na escala do desenvolvimento é inferior à da Terra.>

<E que mundo inferior foi esse, Apolodoro?>

<Menegronos, no sistema de Beta da constelação da Hidra.>

<Menegronos?... parece nome de remédio.>

<Apesar do seu sarcasmo, a associação não é de todo inconveniente. Lá eles terão de se depurar, redimindo-se de seus erros e retomando aos poucos o caminho iluminado pela luz de seus melhores sentimentos e qualidades, até estarem preparados para ascender a um plano mais elevado de consciência.>

<Como exatamente se dá esta depuração?>

<Ora, da mesma maneira pela qual seus irmãos da Terra demonstraram estar preparados durante a passagem do segundo para o terceiro milênio, que marcou o final de uma etapa ainda bastante obscurantista e o início de outra mais elevada. Aqueles que obtiveram



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

o direito de permanecer no planeta foram os que se revelaram dignos desta evolução, foram os mais merecedores. Preciso dizer mais?>

<Se bem me lembro, nossos livros de história consideravam a Terceira Guerra Mundial como um processo de purgação que acabou possibilitando o surgimento de novas instituições sociais, baseadas em valores muito diversos daqueles que anteriormente se costumava aceitar como legítimos. Na realidade, alguns historiadores chegaram mesmo a afirmar que sem essa guerra o surgimento do Conselho Terrestre não teria sido possível.>

<Eles não estavam de todo errados ao afirmar isso, meu caro Leon. Claro, não podiam saber que o Conselho Galáctico também representou um papel nessa transição.>

<Quanto a isso nada posso afirmar, mas a interpretação corrente na Terra é a de que toda aquela destruição, que devastou o planeta quase por inteiro, criou as condições que determinaram o ressurgimento da predominância do sentimento religioso entre os sobreviventes, que passaram a orientar sua conduta pessoal de acordo com os antigos princípios difundidos pela fé num ser muitíssimo elevado que pregava a humildade, a caridade, a crença numa vida eterna, numa entidade suprema que seria o Criador, como se



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

costumava dizer na época, do Céu e da Terra.>

<E por acaso não foram a moral e a ética baseada nestes princípios as pedras fundamentais de uma das épocas de maior prosperidade em seu planeta?>

<Sim, de fato acreditava-se que o glorioso desenvolvimento observado nos séculos XXI e XXII teria encontrado nestes princípios uma valiosa contribuição para o desenvolvimento da consciência humana, contribuição essa que teria resultado na ampliação real das possibilidades de aperfeiçoamento da mente. Parece que a utilização de uma parcela cada vez maior do potencial do cérebro humano foi possível apenas graças à adoção destes princípios, em sua totalidade, por aqueles que acabaram herdando o planeta.>

<Notável este seu distanciamento crítico, Leon.>

<Estou apenas transmitindo o que era consensualmente admitido pelos historiadores do período.>

<Sim, claro. E isso significa que você pessoalmente não endossa essa interpretação.>

<Não exatamente, Apolodoro. Significa apenas que não me sinto qualificado para tomar partido.>

<Mas você concorda com os princípios éticos da chamada fé numa entidade suprema?>



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

<Admito que eles representaram um papel fundamental na reconstrução de um mundo destruído, de uma humanidade quase extinta, mas confesso que sempre partilhei de um certo ceticismo, em especial quanto à tal vida eterna.>

<E o que é a eternidade para você, Leon?>

<Certa vez um poeta disse que a eternidade era o mar misturando-se ao sol.>

<Muito bom como imagem poética, mas insuficiente neste momento para nosso propósito.>

<Quem diria, Mnemosyne, ouvir isso da própria mãe das musas...>

<Seu equívoco em ambos os casos, Leon, é o de utilizar categorias inadequadas, como por exemplo a de tempo — para não mencionar a neutralidade axiológica do sujeito — ao lidar com a noção de eternidade. A eternidade exclui todas as dualidades, todos os pares de opostos, toda polarização: tempo e espaço, bem e mal, passado e futuro, macho e fêmea, vida e morte, luz e escuridão, ser e não ser, tudo isso está excluído dela. A eternidade é o ponto central onde o móvel — o tempo, e o imóvel — o eterno, se encontram, como se fosse a Eternidade o eixo do Universo em movimento. Um eixo é imóvel, e no entanto é sobre ele, em torno dele que tudo se move. Portanto a



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

Eternidade não é um longo tempo. Na verdade ela não tem nada a ver com o tempo. A Eternidade é o aqui e o agora, e a função da vida humana é viver a experiência desta eternidade a cada momento. E como toda vida se insere na dimensão do tempo a eternidade também é perda, tristeza, sofrimento, já que desde que se nasce começa-se a morrer, mas nem por isso deixa de ser a experiência do eterno em momentos de revelação. Ou, como dizíamos, de provação.>

<Tudo isso faz sentido, mas... se de fato é assim como diz, há uma coisa que até agora não entendi.>

<O que é, Leon?>

<Ainda há pouco você me dizia que a evolução das espécies não passava de teoria.>

<Sim.>

<Se isso de fato é verdade, qual então é nossa origem?>

<Você se refere à origem da raça humana.>

<Sim, Apolodoro, mas pode estender a pergunta a nós também — aqui e agora.>

<Como membro do Conselho Galáctico, sugiro que Mnemosyne, que é do Conselho Universal, fale sobre isso. Ela é mais graduada do que eu e certamente poderá lhe responder melhor.>



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

<Você toca num dos pontos chave, a respeito do qual não tenho autorização para discutir extensivamente. No entanto posso dizer alguma coisa sobre o assunto, já que você praticamente é um membro do Conselho e como tal tem o direito de solicitar esclarecimentos sempre que precisar.>

<Hum. Bom saber disso.>

<No caso da Terra a administração dos Conselhos preparou o planeta durante suas diversas fases de desenvolvimento, desde os primórdios das eras, quando nenhuma forma biológica de vida o habitava.>

<Quer dizer que a origem de absolutamente todas as formas de vida foi determinada pelo Conselho?>

<Seria mais fácil dizer o que não é determinado pelo Conselho. Essa preparação foi longa e teve início muito antes dos protozoários, mas sugiro que por enquanto nos limitemos à vida biológica. No entanto posso dizer-lhe que o próprio surgimento do Sistema Solar, formado a partir de gigantescas nuvens de gás e poeira cósmica lançadas ao espaço há quase cinco bilhões de anos atrás pela explosão de estrelas, foi orientado pelo Conselho.>

<Acredito que Leon conheça essa cronologia, Mnemosyne.>

<Ouvindo vocês falarem, começo a por em dúvida o pouco que sei.



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

Segundo nossa astronomia, há cerca de 4,7 bilhões de anos essas nuvens de gás e poeira cósmica se chocaram e a força gravitacional resultante deste atrito provocou sua condensação. O Sol formou-se na parte central da nuvem, mais densa. A matéria restante formou os planetas e também, claro, os milhares de corpos menores como satélites, cometas e asteróides que compõem o Sistema. Estima-se que a formação da Terra a partir dos gases e poeira tenha levado cinquenta milhões de anos. Outros setecentos milhões de anos se passaram durante os quais nosso recém-nascido planeta foi bombardeado por uma chuva de blocos de gelo e pedras, que propiciaram o aumento de sua massa e a formação das matérias orgânicas primitivas e água. Sua atmosfera primitiva, composta principalmente de dióxido de carbono devido à intensa atividade vulcânica, foi aos poucos sendo absorvida pelos oceanos e rochas, o que resultou numa gradual diminuição da pressão atmosférica. Então, há cerca de dois bilhões de anos atrás, as primeiras plantas se formaram, começando a transformar o dióxido de carbono em oxigênio e carbono. Um bilhão de anos mais tarde nossa atmosfera de nitrogênio e oxigênio estava formada. Foi então que organismos unicelulares como os protozoários iniciaram sua evolução em direção aos organismos



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

multicelulares. Há seiscentos milhões de anos os órgãos internos foram desenvolvidos e há duzentos milhões de anos os primeiros mamíferos surgiam, pouco antes do reinado dos dinossauros. Os primeiros humanóides datam de quatro milhões de anos atrás, o Homo Erectus de dois milhões e o Homo Sapiens de duzentos e cinquenta mil anos. Nosso ancestral moderno, o Homo Sapiens Sapiens, tem apenas trinta e cinco mil anos.>

<Muito bem, Leon. Vamos completar esse seu conhecimento. Saiba então que foi decisão do conselho elevar as formas de vida a categorias mais complexas, baseando-se numa linhagem padrão e definitiva para todas as espécies. Esta padronização deu-se através dos processos de constituição das proteínas e suas diferentes combinações, base a partir da qual os primeiros organismos unicelulares foram se constituindo. A partir de então, com a pedra fundamental lançada, foi possível construir toda a cadeia biológica, desde os organismos mais simples até os mais complexos: peixes, répteis, mamíferos e finalmente, o homem. Os membros do Conselho escolheram, num certo período desse desenvolvimento, os antropóides como a espécie mais promissora, aquela que mereceria mais atenção de nossa parte. No curso vagaroso do tempo terrestre nossos representantes realizaram experiências com



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

os chamados homens das cavernas, tendo como modelo as características aproximadas do homem que futuramente herdaria o planeta. Aos poucos estes seres de braços alongados e corpo peludo foram sendo aperfeiçoados, objetos de uma série de experiências no campo conhecido atualmente na Terra como genética comparada, até que chegou o momento da transformação definitiva — que veio com a sobreposição do corpo etéreo ao material e a tendência às formas elegantes que você conhece. O resultado foi um ser dotado de uma postura ereta e de grande capacidade mental.>

<Prontos então para a etapa final da constituição da raça, consultas foram feitas entre os Conselhos Planetário, Galáctico e Universal para que a fonte de transposição pudesse ser encontrada. Decidiu-se pelo sistema da Alfa da constelação de Auriga, que seus astrônomos chamam Capella, a sexta estrela mais brilhante em seus mapas estelares, cento e sessenta vezes mais luminosa do que o seu Sol. Também ela tem seu sistema planetário, e quase todos os seus mundos habitados já haviam atingido estágios elevados tanto no desenvolvimento moral quanto no material — com exceção de um, Kalpa. Nele ainda havia, como na Terra também houve, aqueles que se compraziam com a morte de seu semelhante, com as baixeiras, as



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

CAPÍTULO 29

guerras, a fome, o orgulho, a vilania e o egoísmo.>

<Kalpa portanto foi o escolhido porque chegava ao ápice de um de seus ciclos de desenvolvimento, mas o passo decisivo em direção a um grau mais elevado era retardado por estes rebeldes, que o Conselho Universal deliberou não mais merecerem a companhia de seus irmãos. Por isso foram retirados de lá e transferidos para a Terra, onde formariam os precursores da raça humana e aprenderiam a realizar, na dor das penosas lutas contra as adversidades para a conquista do alimento material, as conquistas do coração, do alimento espiritual.>

<Quer dizer que a Terra surgiu como colônia penal?>

<Ah, ah! Não se impressione tanto, meu caro Leon. Se observar bem, verá que a própria história da Terra está cheia de exemplos equivalentes. Foram degredados os colonizadores do chamado Novo Mundo, entre os séculos XIV e XVIII. A Austrália e as Américas, para nomear apenas dois casos, o comprovam.>

<É verdade. Mas o que mais me impressiona, Apolodoro, é que todo este processo que você acaba de relatar jamais nos tenha ocorrido como explicação, digamos assim, histórica.>

<Não há porque se envergonhar: cada lição é aprendida em seu devido tempo. Pode-se dizer que os primeiros seres humanos completos



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

CAPÍTULO 29

(isto é, dotados de uma consciência) a pisar na Terra foram os exilados de Kalpa. Todos aqueles seres angustiados e aflitos, apesar de endurecidos pela prática do mal, deixaram para trás muitos afetos e levaram as recordações dos dias felizes que viveram em Kalpa sem fazer por merecer as alegrias recebidas — muito pelo contrário. Desprezaram o que receberam e portanto foram condenados a galgar os degraus da ignorância e do primitivismo até que tomassem consciência do paraíso perdido. Durante a milenar noite da saudade e da amargura foram desprezados pela própria memória, e durante muitos séculos não viam a intensa luz dos dois sóis do sistema de Capella.>

<Sim, Capella de fato é uma estrela múltipla, composta pela binária principal e outras duas. Mas que estou dizendo? Falando de astronomia ao saber que sou descendente de assassinos e ladrões? Devo mesmo estar mudado...>

<Todos mudamos, especialmente quando realizamos a passagem em ascensão que você vive neste momento.>

<E falando em mudança, suponho que deva existir uma ligação entre a constituição disso que você chamou agora há pouco de corpo etéreo e o que sou, o que somos atualmente.>



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

<Sim, de fato existe uma relação. O corpo humano material também é composto de uma extensão etérea, dividida em diversas partes. Imagine os círculos concêntricos que se formam na superfície da água quando jogamos uma pedra num lago calmo. Por analogia o corpo material, mais denso, estaria então no centro e as divisões do corpo etéreo seriam os diversos círculos mais e mais afastados. Quanto mais distante do centro, do peso da matéria, mais purificado, mais aperfeiçoado é, mais próximo o corpo etéreo está da energia pura do Criador.>

<Apolodoro me explicava isso ainda há pouco. Quer dizer então que estou livre de meu corpo material mas ainda conservo os outros corpos restantes?>

<Formulada desta maneira, a idéia ainda é algo grosseira. Digamos, recorrendo ao charme da poesia, que o corpo etéreo seja o *bouquet* da matéria, assim como a flor tem seu perfume. Pode-se mantê-lo, depurá-lo, aperfeiçoá-lo e expandi-lo, e é para isso que estamos aqui, para iniciar você nesse caminho.>

<Tudo depende das vibrações, Leon. Como pode ver, minha vibração é alaranjada passando a azul-claro, enquanto a de Apolodoro é amarela passando a verde. As cores revelam as diferentes frequências de



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

vibrações, cada uma relativa a um dos diversos estágios de desenvolvimento pelos quais o membro do Conselho passa.>

<E eu?>

<Você ainda tem um colorido dourado forte, que é característico dos iniciantes.>

<Quer dizer que basta olhar para mim para saber quem eu sou?>

<Existem etapas comuns pelas quais todos nós temos que passar. Vê-lo significa para alguns a imediata revelação de a qual delas você pertence neste momento. No entanto isso não significa que conhecerão sua identidade de imediato. Para outros, no entanto, basta a sua presença para ter em mente tudo o que precisarem saber a seu respeito. Isso dependerá do grau do observador. Mas não deve se preocupar com isso agora.>

<Apenas queria saber se minha identidade seria mantida.>

<Sem dúvida que sim. O que muda devido aos novos conhecimentos adquiridos é o seu referencial, a maneira de se referir a si mesmo.>

<Eis aí uma boa pergunta: como um membro do Conselho se refere a si mesmo? Existe uma definição ou isso fica a cargo de cada um?>

<Sim existe uma e sim, cada um pode referir-se a si mesmo de acordo com sua particularidade, embora muito exista de comum entre



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

os membros do Conselho. A definição por excelência é a seguinte: O membro do Conselho vê a trindade governante dimensional e conversa habitualmente com os sete membros do Conselho Universal; está acima de todas as aflições e temores; reina com os bons e se faz servir pelos maus; dispõe da saúde e da vida; não pode ser surpreendido pelo infortúnio, atormentado pelos desastres e vencido pelos inimigos; sabe a razão do passado, presente e futuro; tem o segredo da ressurreição dos mortos e a chave da imortalidade; tem a pedra filosofal, a medicina universal, conhece as leis do movimento perpétuo e pode demonstrar a quadratura do círculo; muda em ouro não só os metais como a terra e até as imundícies; domina os animais e vegetais e sabe as canções de ninar que adormecem a todos eles; possui a ciência universal; fala sabiamente sobre tudo sem estudo nem preparação; conhece à primeira vista o fundo da alma dos homens e o mistério do coração das mulheres; pode forçar a natureza a manifestar-se quando quiser; prevê todos os acontecimentos futuros independentes de livre arbítrio ou causa compreensível; pode dar os melhores conselhos e o mais eficaz consolo; triunfa das adversidades; domina o amor e o ódio; senhor e nunca escravo das riquezas, pode gozar inclusive da pobreza sem nunca cair na abjeção e na miséria.>



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

<Como você vê, meu caro, os atributos de um membro do Conselho implicam numa responsabilidade muito grande.>

<É, imagino que sim. Mas obviamente eu não sou, ou não sei, tudo isso — e tenho sérias dúvidas se algum dia chegarei a ser digno de toda a responsabilidade que advém deste conhecimento.>

<Calma, meu caro. É para isso que estamos aqui.>

<Diga-nos, Leon: como está se sentindo? Ainda se considera o mesmo Leon que chegou aqui proveniente de sua última existência material na Terra?>

<Não, de fato muita coisa mudou, isto é, está mudando. E eu gostaria de agradecer a vocês dois pela ajuda que estou recebendo.>

<Sua alegria é nossa também, apesar de não estarmos fazendo nada mais do que cumprir nossa obrigação. Penso que falo também por Mnemosyne ao afirmar que para nós é um verdadeiro prazer poder participar de sua preparação.>

<Não apenas um prazer como também uma honra.>

<Obrigado, mas todos estes cumprimentos me deixam muito pouco à vontade. Quanto mais aprendo sobre o modo pelo qual tudo funciona desde este seu ponto de vista, que é muito mais elevado do que jamais poderia supor, mais tenho a certeza de que estou muito aquém de



ALFALIRA
UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

vocês em conhecimento e desenvolvimento do espírito.>

<Ficamos muito felizes em ouvi-lo dizer isto, Leon.>

<Por que?>

<Porque isto indica que nosso trabalho está tendo os resultados esperados. Não se espera outra coisa de um Aeda que a humildade de estar sempre disposto a aprender, demonstrando assim que é perfeitamente possível ser sábio e aplicar esta sabedoria de modo geral, embora sem necessariamente ser o detentor do conhecimento sobre algum assunto específico.>

<De fato, sabedoria e conhecimento são idéias diferentes, que na prática infelizmente nem sempre se conjugam.>

<E posto que você saber reconhecer isto, certamente terá condições de identificar esta dissociação e de trabalhar, como membro do Conselho, para eliminar esta separação.>

<Fico muito feliz em saber que vocês, que são tão adiantados, me tem assim em tão alta conta.>

<Nós também.>

<Bom, já que é assim eu pago a próxima rodada. Onde fica o bar mais próximo?>

<Que tal o século XXII?>

<Esplêndido!>



ALFALIRA
UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

30

“Dieu est le grand solitaire qui ne parle qu’aux solitaires et qui ne fait participer à sa puissance, à sa sagesse, à sa félicité, que ceux qui participent, en quelque manière, à son éternelle solitude.”

Léon Bloy

Preciso me desculpar. O peso dos anos faz minha mente caminhar a passos miúdos, como se tateasse o chão com a ponta dos pés para evitar a queda. Estou presa numa cadeira de rodas e há anos nem mesmo consigo segurar um simples lápis com a firmeza necessária para escrever sobre o papel — o que me daria muito prazer, pois me livraria da tirania destas máquinas automáticas que escrevem tudo que falamos. Não temos tempo nem para perder-nos em digressões! Como detesto isso... Às vezes me lembro de alguma coisa e essa lembrança traz uma outra e ainda uma outra, e quando estamos na melhor parte desta viagem pela memória (que mais nós, velhos, temos para fazer a não ser estas pequenas excursões ao passado?) o raio da máquina toca seu sininho, avisando que ela existe e ainda esta lá, me esperando. Quem em sã consciência pode escrever uma autobiografia assim, nestas condições sub-humanas?



530

ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

Meus netos dizem que estou ficando ranzinza. Pode ser. Talvez seja o resultado de todo esse esforço para evitar o esquecimento, para deixar viva na memória deles — se é que um dia eles lerão estas garatujas de velha — minha longa passagem por este Lethe escaldante que foi minha vida. Ainda que sedenta, não posso tocar novamente os lábios nas águas do Ameles. Ainda. Esta minha carcaça enferrujada, defeituosa e em diversos aspectos inútil ainda teima em se agarrar a mim, com uma tenacidade cuja origem só pode ter explicação no passado, como se buscasse eternizar pela perenidade material a verdade de suas realizações. Ah, minha solene maldição a todos aqueles que buscaram prolongar o sofrimento da existência humana através da extensão, para além dos limites impostos pela Natureza, deste breve período de tempo durante o qual permanecemos neste corpo, nesta camisa de força material. A verdade é que, com relação a esse assunto, o axioma *menos significa mais* é perfeitamente apropriado, pelo menos em minha modesta opinião.

“A verdade é aquilo que não esquecemos”, dizia o velho poeta. *Ergo*, devemos trabalhar para que este registro, que pode ser mais ou menos impessoal, mais ou menos talentoso — ou prolixo — fique, permaneça, dure para além de nós mesmos: *Bullshit*, para recordar um termo



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

muito em voga num passado já bem distante, quando ninguém ligava muito para a utilização apropriada da linguagem imprópria. De minha parte sempre questioneei essa obsessão do narrar, como se essa pretensa nobreza de sua finalidade servisse de escusa à interminável sucessão de interpretações segundo tal ou qual ponto de vista. Falácias, nada mais: apenas mais um suposto candidato às seculares teias de aranha, talvez os únicos seres vivos a habitar a galeria das empoeiradas múmias imortais. Se eles soubessem que no final das contas quem passaria verdadeiramente à história seriam os pobres touros, que aliás não tinham nada a ver com o assunto, penso que teríamos sido poupados de boa parte destes ociosos e autocomplacentes observadores da natureza humana.

Muito já foi dito sobre este impulso, essa vã pretensão humana à imortalidade. Não me importa. Sei que não serei ladeada pelos imortais, mas confesso esta minha fraqueza: também não quero ser esquecida. O que, por uma analogia inversa (perversa?) me faz lembrar de um deles, este sim um verdadeiro gigante (sem dúvida é preciso ser um gigante para narrar a História da Eternidade), cego como Homero e que em suas preces rogava não por uma graça nem pelo perdão, mas apenas pelo esquecimento: “Espero que el olvido no se



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

demore”, escrevia o grande Jorge Luis Borges em sua ‘Oración’. Vaidade disfarçada? Duvido. Se ele soubesse do golpe baixo que a posteridade lhe reservava, talvez seus ouvidos tivessem se tornado surdos ao canto das palavras, que certa vez comparou a pássaros cujas plumagens coloridas não lhe eram dadas à visão dos olhos, mas apenas à da alma. Talvez então *La busca de Averroes* nunca tivesse chegado a nós, o que é perfeitamente irrelevante para seu propósito: bastaria que tivesse sido concebida apenas em sua mente para atingi-lo. Mas posto que aí está, como não pensar em seu Averroes, tentando em vão traduzir para o universo islâmico o sentido que os termos Tragédia e Comédia tinham para os gregos antigos? Assim como Averroes em sua busca, ao desejar o olvido Borges também aspirava a alguma coisa que estava vedada não aos outros, mas apenas a ele. Imortalizado à revelia de seu próprio desejo, parece-me que *El grande* também foi apanhado nesta curiosa armadilha do destino.

Quanto a mim, nada de tão importante ou poético, e nem mesmo irônico: sofro deste patético destino meu, que é brigar com esta máquina obtusa para que minhas disgressões e devaneios não se percam pelo ar como a fumaça de um charuto. Confio a este companheiro eletrônico do final de minha vida esta narrativa



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

imprecisa, repleta de disgressões, falhas e lacunas, que talvez um dia possa vir a ser chamada de Autobiografia. Talvez ‘Fragmentos das Memórias de uma Anciã’ seja um bom título. Quem sabe? Houve uma época (em minha juventude; hoje eu mesma custo a acreditar que um dia fui jovem) na qual me deixei atrair pela obra de alguém que dedicou sua vida inteira à narrativa de sua própria existência. Até hoje me pergunto se ele viveu para escrever sua autobiografia ou se, ao contrário, escreveu sua autobiografia para viver. “Henry Miller: a Autobiografia Como Busca da Identidade” foi o título do ensaio que redigi então, como trabalho de conclusão do curso de História do Pensamento Literário da Universidade do Futuro. Não era grande coisa — o meu texto, quero dizer. Apesar disso, ou talvez por causa disso, dele quero citar apenas um pequeno trecho (paciência, leitor) que muito me evoca a nostalgia da juventude e inocência perdidas, numa espécie de metaretrato da escritora quando jovem:

“Talvez a dificuldade maior que todo escritor tem de enfrentar seja a transposição, na medida do possível, do abismo que sempre existiu e sempre existirá entre aquilo que se escreve e aquilo que o leitor compreende do que leu. Alguns se saem bem nesta passagem,



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

dependendo aparentemente pouco esforço na produção de uma prosa cristalina que atravessa o leitor com a leveza dos fluidos. Outros nem tanto. Com o registro autobiográfico o que acontece é bem parecido — a diferença é que a máscara da ficção deve ser substituída pela honestidade do espelho. O fato é que em ambos, nossos pretextos e rodeios formam um labirinto passível de infinitas interpretações. Poucos atingem o coração desse labirinto. Enfrentar esse Minotauro literário e matá-lo é ser morto pelas próprias mãos e expor suas entranhas à execração e ao delírio do público. Requer muita coragem. Assim é que retalhamos nosso passado e nosso futuro também, como pedaços de nossa própria carne, que penduramos na vitrine do açougue. É doloroso, mas depois disso (um verdadeiro salto ontológico) nada do que já aconteceu, nada do que pode acontecer ou do que acontecerá, nada mais tem ou terá importância suficiente para nos abater. Narrar novamente um incidente que nos magoou muito torna-se tão agradável quanto um bom movimento intestinal — ou uma viagem à Lua.

“Mas se a dor é tamanha, por que contar seja lá o que for? Por que continuar? Simples: porque narrar é um prazer gratuito, encerra em si sua própria finalidade, afirma Miller. Sim, muitos há que escrevem



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

mais para glorificar a própria vaidade, mais para obter fama e fortuna do que pelo simples prazer de escrever: Hemingway, Balzac. Em contrapartida, há também os que sacrificam tudo por isso, inclusive a própria dignidade. Talvez Miller tenha sido um dos poucos que conseguiu, com sua honestidade lancinante, demonstrar a relatividade desse conceito ao narrar como literalmente rastejava pelas migalhas de pão de um abjeto indiano que conheceu durante suas andanças pela não tão gloriosa Paris dos anos vinte. Paradoxalmente, fica-se com a impressão de que seu rastejar não era uma sujeição moral.

“Levar uma vida separada dos livros e de sua construção, viver sem sexo, sem companhia humana é assim tão terrível? Até um escritor pode conseguir privar-se daquilo que lhe é mais caro, se souber conviver consigo mesmo. O que quero dizer é isto: eu aprendi a conviver comigo mesmo. E a gostar disso. O que nos leva a crer que ele conseguia fazer tudo o que queria sem precisar privar-se de nada, ou quase nada, do que considerava essencial. Em seguida citava Bloy:

Deus é o grande solitário que só fala aos solitários e que só permite participar de sua potência, de sua sabedoria, de sua felicidade aqueles que, de alguma maneira, participam de sua eterna solidão.”



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

Na época em que escrevi isso, misturando suas palavras às minhas na tentativa de assimilar-lhe por completo os pensamentos — meio à maneira dos canibais, que comiam os inimigos mais valorosos para incorporar-lhes as virtudes — certamente não me dei conta do real significado dessas palavras. Hoje, só com minhas recordações, penso que Miller tinha muita razão em citar Bloy. Espero apenas que esta solidão seja produtiva, e não vai aqui nenhuma alusão aos touros e seu excremento. Pode ser, e de fato é muito provável, que estas palavras caiam no vazio do esquecimento assim que meus ossos forem definitivamente entregues ao repouso. Pelo menos terão servido para passar o tempo, para ajudar uma velhota inválida a sofrer menos pela lentidão com a qual os ponteiros do relógio teimam em percorrer a agonia de seus últimos momentos nesta vida.

Doce sofrimento: afinal de contas, o autoconsumo da solidão também é um prazer gratuito. Não que eu tenha medo de morrer: não, isso não. Para quem alimenta, como um mero passatempo de asilo, a ilusão de ser lembrada por seus contemporâneos a morte até que será um alívio: pelo menos não estarei mais aqui para me ver esquecida e relegada. (Relendo-me, chego a pensar que estou sendo injusta para com minha prole. Mas a verdade é que por mais carinho e atenção



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

que receba, já não faço mais parte da vida deles: hoje sou como o esquimó ancião, que é deixado para trás, só, com um pouquinho de comida e a total e inexorável certeza de que a morte chegará, breve e de mansinho, assim como o adormecer para o mais profundo dos sonos.) Tenho certeza de que vão usar isso para fazer *blague* comigo e continuar me acusando de ser a matriarca da família, aquela que faz absoluta questão de estar a par de tudo o que se passa para não permitir que nenhuma decisão de importância seja tomada sem a sua prévia anuência. De minha parte, tudo o que peço é que Deus os abençoe com descendentes melhores do que os meus.

Uso todo esse ceticismo como tentativa de encobrir uma estranha sensação de que estou sendo observada, como se invisíveis seres, interessados nas reminiscências de uma velha, estivessem aqui comigo a ouvir minhas histórias. Já faz algum tempo que pressinto sua companhia, silenciosa e interessada. É bem possível que apenas eles, que tem toda a Eternidade à disposição, tenham paciência suficiente para me ouvir. (Eu poderia muito bem fazer jus a meus netos e ser ranzinza o bastante para remetê-los diretamente ao grande Borges e sua *Historia de la Eternidad*, mas temo que isso não seria muito polido de minha parte.) O fato é que se isso for mesmo verdade já não mais



ALFALIRA
UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

CAPÍTULO 30

estarei só, como prescreve Bloy em sua interpretação da comunhão com o Divino. Ainda assim, entre a companhia das máquinas e a do inefável, acho que prefiro a de um bom brandy. Pelo menos por enquanto. Ele é o único que realmente me ajuda a continuar meu ditado.

Mas chega de conversa fiada. Ao trabalho, máquina preguiçosa!



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

31

A tarde estava fria, mas não era para me aquecer que apressava o passo. Estava atrasada para a aula e na Universidade do Futuro ninguém se atrasava sem uma justificativa honesta — algo fora de cogitação para mim naquele momento. Tentava controlar minha excitação com a descoberta que acabara de fazer: um pensamento em falso e não apenas a minha vida, mas a de muitas outras pessoas não valeriam mais nada. O transportador de matéria seria o primeiro teste de meu controle mental numa situação de perigo real. Cheguei à cabine, passei minha mão pelo identificador de impressões digitais e fui admitida: a porta se abriu. Bom sinal. Em seguida solicitei acesso ao computador central. Respirei fundo e concentrei-me ao máximo para não pensar em nada. Então, ali em frente daquela máquina de aparência tão simples, todo o meu medo sumiu, ou pelo menos foi guardado em algum compartimento secreto de minha mente. Era absolutamente necessário manter o controle mental, concentrar-me ao máximo não apenas para tirar do pensamento tudo o que acabara de descobrir, mas sobretudo para não contaminar o transpositor automático com qualquer idéia que pudesse me trair. Um pequeno deslize e a morte seria certa.

A máquina me identificou, assinalando que me reconhecia como



540

ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

CAPÍTULO 31

pessoa autorizada a fazer uso do transportador de matéria ao abrir a porta da cabine. Indiquei o destino desejado, elevando ainda mais o processo de concentração. Limpei minha mente de tudo, de todos os pensamentos, toda preocupação com o mundo exterior. Agora existíamos apenas eu, um mísero ser humano que tentava ser uma casca vazia de qualquer consciência, e a máquina todo-poderosa. Aos poucos minha respiração foi caindo de ritmo e o computador inicializou o processo de leitura, analisando minha frequência cardíaca e cerebral à medida em que meu relaxamento permitia abstrair-me completamente de tudo. Que ironia! Lá estava eu, Andrea, uma maluca que acabara de descobrir fatos cujo conhecimento poderiam levar à destruição de toda a organização social do planeta, tentando não pensar em nada ao entregar meu corpo e mente a uma máquina cuja função era, entre outras, a de identificar revolucionários em potencial. Quem diria...

Então o já conhecido formigamento tomou conta de meu corpo até que abandonei o estado de consciência corpórea. Quando me vi em meu destino uma onda de autoconfiança tomou conta de mim: afinal de contas, todos aqueles longos anos de estudo e treinamento não tinham sido em vão. O computador central confirmava minha



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

CAPÍTULO 31

transposição do planalto central para a capital no tempo médio de cinco segundos: operação normal. O menor indício de suspeita bastaria para que meus elétrons ficassem em suspensão num meio plasmático até que um longo processo de investigação fosse completado. Muitos jamais retornaram das entranhas daquela máquina de fritar bolinhos. Fiquei orgulhosa de mim mesma. Numa real situação de perigo eu estava conseguindo provar que podia manter a calma e expor ao interlocutor apenas a parte de meus pensamentos que desejava revelar. Não se tratava de algo simples, mesmo para uma aluna do famoso curso de Noologia, que tradicionalmente selecionava e admitia apenas a elite pensante do planeta.

Apesar do reforço em minha autoconfiança — se havia conseguido passar pelo teste mais difícil, o do transportador, o resto seria fácil — saí da cabine de transporte da faculdade me sentindo estranha. Observava a mim mesma caminhando pelos corredores e cumprimentando as pessoas como se eu fosse outra pessoa, alguém diferente de mim mesma. De repente havia uma outra Andrea, oculta num compartimento secreto dentro da mente da Andrea que todos conheciam, essa sim que andava, que sorria, falava com os colegas e tudo mais. E lá das profundezas da mente dessa Andrea estava eu, a



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

real consciência de Andrea, escondida, controlando tudo como se meu próprio corpo e mente fossem um marionete.

E foi assim que observei a mim mesma caminhar até a Secretaria da Universidade com aparente casualidade, mas consciente da importância do que havia descoberto para a consecução dos propósitos de Alfalira, confiante em minha capacidade de enfrentar as mais adversas situações e absolutamente determinada a cumprir minha missão. Por sorte não demorei muito para achar quem procurava. Marta, a subsecretária chefe do departamento, recebeu-me apenas com um olhar. Sorri ao pronunciar nosso código-senha para convocação de reunião extraordinária:

“Te convido para um café.”

“Obrigada, mas agora não posso”, respondeu ela sinalizando que ainda não chegara o momento da próxima reunião.

“Mas eu faço questão”, disse eu, empregando o termo usado apenas para as convocações de emergência.

Ela olhou-me intensamente por um instante, e mudando sua expressão facial para a de uma total banalidade, passou a lambar o dedo e folhear sua agenda.

“Amanhã às sete, está bem?”

“Combinado.”



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

Em nosso livro de código amanhã significava hoje, e sete representava dezessete horas: cinco da tarde. Segui para a sala de aula.

No ano de 2185 a cadeira de Noologia era a prima-dona da Universidade do Futuro. Mantida diretamente por um fundo de pesquisas estabelecido pelo Conselho Científico-Político da União das Nações, ela sozinha dispunha de mais verbas do que muitas universidades de renome mundial : sua dotação representava o dobro do orçamento de todos os outros departamentos da Universidade do Futuro juntos.

Levando-se em consideração que há menos de um século a Noologia era um obscuro ramo das ciências da Psique, o salto fora considerável. Sua história e a história do desenvolvimento do potencial mental da humanidade estavam ligadas como duas irmãs gêmeas desde o final de todos os conflitos decorrentes da Terceira Guerra Mundial, em 2025 — ano considerado pelos historiadores como marco inicial da chamada Era da Telepatia. Sua consagração já era grande em 2092, quando a Lei da Privacidade Mental foi aprovada pelo Parlamento Mundial. Essa lei, que tornou a leitura da mente do outro sem seu prévio consentimento um crime equivalente ao de estupro, respondia a uma demanda social por alguma espécie de controle sobre a interação



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

mental, já que muitos abusavam de um maior poderio mental para exercer controle sobre outros não tão versados no assunto.

No entanto foi apenas a partir de 2119, quando a penalidade para este tipo de crime foi revista, que se obteve realmente uma diminuição significativa no número de casos registrados. Naquela época um grupo de pesquisadores da já não tão obscura e relegada cadeira de Noologia anunciaram a descoberta do Probe, uma poderosa sonda mental que conseguia extrair da mente tudo o que desejasse — especialmente confissões cuja veracidade era considerada indubitável — mas isso não era tudo. Infelizmente. Aquela máquina dos demônios também podia realizar amputações mentais: uma redução deliberada, programada e cientificamente calculada e executada, da capacidade mental do indivíduo. E assim o Probe, uma experiência inicialmente destinada a pesquisar a existência de consciência ativa nos animais, foi transformado não apenas em meio legal de obtenção de provas admitido formalmente pelos Tribunais, como também no próprio executor das sentenças contra aqueles que abusavam do poder mental para controlar outras pessoas. Em suma: um instrumento do Terror.

O advento do Probe ocasionou uma reviravolta nas relações sociais e no conceito de crime mental, para não falar dos psicopatas e outras



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

CAPÍTULO 31

ramificações da mente criminosa, e sobretudo, marcou definitivamente a ascensão do Departamento de Noologia às mais altas esferas do poder. Subitamente os cientistas e pesquisadores tiveram seus aventais brancos manchados pelo negro das togas usadas pela magistratura, e o cinza resultante os deixou muito perto das tonalidades preferidas pelo poder político mundial. Influência, poder, dinheiro — muito dinheiro — para mais pesquisas, mais influência e mais poder, eis aí a mola mestra da Noologia moderna, que tão bem soube alçar-se às rarefeitas esferas onde transita o poder em escala planetária.

E neste barco extremamente perigoso, navegando por águas não menos infestadas por todos os tipos de predadores omnívoros, incluindo colegas, professores e membros da famigerada congregação acadêmica e do Comitê de Investigação Científica — o temido CIC — estava eu, a consciência da pequena Andrea, escondida por uma barreira impenetrável dentro da mente de Andrea, a pesquisadora júnior e aluna do curso de História da Noologia que todos conheciam. Lá do meu cantinho eu me observava, tendo como prisma o fundo de minha própria consciência. Tentar ocultar minha verdadeira identidade bem ali na toca do leão, justamente onde todos os maiores



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

CAPÍTULO 31

especialistas em controle mental se reuniam, era de meter medo. Mas talvez fosse justamente esse enorme risco a fonte de minha coragem (Andrea!), que não me deixava cometer um único deslize sequer. Em momento algum eu podia dar-me ao luxo de parar para pensar como era espantosa a maneira pela qual conseguia manter aquela aparência de normalidade, de segurança, de autoconfiança ao chegar diante de meus colegas com um sorriso inocente no rosto. Alguns deles, conhecedores de parte de minhas atividades extracurriculares (por assim dizer) tentavam retardar o início formal da aula, atraindo a atenção do velho professor para algum assunto qualquer.

O velhote era duro de roer, mas bastava um elogio enunciado de maneira adequada para que ele se esquecesse de sua pretensa seriedade e baixasse a guarda. *Vanitas, omnia vanitas!* Juvenal Eugênio Pantaleão fora um obscuro catedrático de filosofia do direito que soubera aproveitar a ascensão da Noologia para tornar-se famoso pelo emprego de seu conservadorismo científico em prol da famigerada “manutenção da ordem”. Ele agora encarnava um dos pilares da justificação teórica do emprego do Probe como instrumento jurídico de controle social. A idéia era simples: tratava-se de garantir que apenas o poder político constituído fizesse uso legítimo do Probe.



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

Socialmente, qualquer conversação mental em público entre duas pessoas era considerada de mau-gosto naquela época, já que apenas a privacidade familiar admitia essa prática. Mas na realidade todo e qualquer membro do departamento de Noologia tinha de passar por um exame rigoroso e completo de sua mente, para assegurar que seus propósitos ao candidatar-se a uma vaga no curso serviriam única e exclusivamente aos interesses do Estado. Além dos laboratórios especiais, onde os alunos eram treinados no desenvolvimento e controle do poder mental, a qualquer momento um inspetor do CIC poderia requisitar exame mental de qualquer membro do departamento.

O resultado prático disso tudo foi que o advento do Probe significou a sanção da intervenção estatal na consciência de cada um, no próprio santuário da alma humana — para a mais profunda decepção daqueles que acreditavam que o curso da História levaria a humanidade a um inexorável progresso. Quem poderia imaginar que a idade de ouro da mente humana, iniciada depois do final da Terceira Guerra Mundial e vivida como o primeiro passo dado num caminho definitivamente livre das maldições da iniquidade e da violência, acabaria assim... Se é que tinha mesmo acabado: aos poucos passou-se de uma sociedade mentalmente livre, que experimentara com verdadeiro prazer a



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

elevação da capacidade e uso prático da mente, a um severo controle sobre todas as formas de atividade intelectual, controle esse justificado pela manutenção do que se convencionou chamar de moral e bons costumes. Uma transformação que muitos consideraram o fim. A ironia maior é que justamente os estudiosos desse processo de desenvolvimento foram os que mais contribuíram para o seu fechamento: o trabalho do Professor Pantaleão era fornecer a base teórica para essa justificação.

Sua idéia (e a de todo o *Status Quo*) era a de que a evolução da mente humana seguia o princípio da sobrevivência do mais apto estabelecido por Darwin na Origem das Espécies. Isso tornava o advento da telepatia, telecinese, clarividência, clariaudiência e outras práticas mentais extraordinárias (se tomarmos como parâmetro a mente do homem do século XX) uma consequência lógica do desenvolvimento, ou evolução, da espécie: Homo Sapiens Sapiens, como se diz. Acrescentando-se a isso a conclusão de que um comportamento moral e ético compatível com esse desenvolvimento era algo desejável mas praticamente impossível de se obter, inferiu-se então a necessidade de um meio de controle externo que assegurasse o emprego do potencial mental dentro dos limites daquilo que se considerava



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

como sociamente aceitável. Ou seja: admitia-se a individualidade, desde que mantida dentro de parâmetros determinados. Os *freaks* do livre-pensar, que insistiam em discordar dessa institucionalização dos padrões de consciência, precisavam ter sua ação restringida.

Foi nesse contexto que surgiu o Probe. Surgiu é maneira de dizer: na verdade foi adaptado para cumprir “uma nova função”, como diz a pretensamente neutra linguagem acadêmica. Além de identificar com precisão “científica” os inconformados, uma versão modificada daquela máquina diabólica, batizada de Mastermind, também passou a ser usada para castrar-lhes a mente — em nome, claro, da proteção do Estado e do interesse no resguardo da moral e bons costumes. Aqueles que se recusavam a aceitar esse estado de coisas eram implacavelmente condenados ao ostracismo. Um campo de força individual implantado dentro do próprio crânio do “presidiário” impedia toda e qualquer comunicação com o exterior, salvo a milenar linguagem por sinais usada pelos surdos-mudos desde a antigüidade. Sim, eles tinham livre acesso a quase todos os lugares, mas portavam para sempre a marca dos condenados: a afasia. Muito pouca gente os levava em consideração. Em geral eram tratados como se não existissem. Eram obrigados a ceder o lugar em praticamente todos os locais



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

CAPÍTULO 31

públicos e até mesmo os cães eram treinados para atacar assim que percebiam a presença de um daqueles zumbis. A maioria deles vivia em colônias segregadas onde, entre iguais, eles pelo menos tentavam manter a dignidade — ou o que sobrara dela — em meio àquela total exclusão.

Outros, cuja resistência ia mais além da simples recusa, chegando a cometer atos de violência contra pessoas ou instituições, eram mentalmente castrados pelo Mastermind e/ou Probe, de acordo com a gravidade de seu crime. Tornavam-se alienados mentais e eram confinados a asilos especiais de onde a grande maioria nunca saía com vida, na acepção biológica do termo. O Departamento de Noologia Criminalística tinha dossiês completos sobre cada caso em particular, o que o tornava objeto de grande interesse por parte de nossa sociedade secreta. Sim, pois havia algumas pessoas que absolutamente não concordavam com esse estado de coisas e que haviam decidido arriscar suas vidas para acabar definitivamente com a Santa Inquisição, como chamavam o CIC, e a barbárie institucionalizada. Fundada por um grupo de pesquisadores dissidentes do Departamento de Noologia, essa sociedade buscava por todos os meios infiltrar-se na produção intelectual e na administração policial do Estado, angariando novos



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

adeptos e garantindo o acesso a informações classificadas, com o nobre — e perigosíssimo — objetivo de por um fim definitivo ao odioso controle mental.

Alfalira era poderosa, mas ainda não o suficiente para vir a público e declarar guerra aberta contra o governo mundial. Um dos motivos era a falta de conhecimento sobre a real genealogia das chamadas atividades mentais avançadas. As teorias do Prof. Pantaleão não passavam de boas conversas para boi dormir, como se dizia antigamente, mas a realidade era algo bem diverso. Durante anos Alfalira teve dois objetivos principais: obter acesso aos dossiês do Departamento de Noologia Criminalística, alterar os arquivos sobre as pessoas interessantes, comutandolhes então a pena e recrutando-as para trabalhar efetivamente contra o sistema. O outro era a busca de informações sobre a real história do desenvolvimento da mente humana, especialmente em seus primórdios, nos séculos XX e XXI. Parecia impossível, por um razoável número de razões, que a utilização da teoria darwinista realmente não tivesse nada que ver com a obliteração quase que total da história do advento dos poderes mentais mais desenvolvidos. Encontrar esse elo perdido vinha sendo meu trabalho desde que fui recrutada para Alfalira.



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

Não era uma tarefa simples. A concepção oficial, se por um lado não era um corpo completo de conhecimento sobre os mecanismos da mente (a revelação destas lacunas fora um dos motivos do cisma no Departamento de Noologia, que acabou resultando no advento de Alfalira), por outro revelava-se sutil e relativamente bem embasada teoricamente, ainda que sobre falácias. Como dizia ainda há pouco, o Probe surgiu como resultado, em caráter experimental, de uma pesquisa sobre a existência de uma consciência ativa nos animais. A discussão que deu origem a essa iniciativa girava em torno do conceito de psicopatologia e era da seguinte ordem: admitia-se então que aquilo que chamamos loucura não passava de uma maior ou menor, e em alguns casos absoluta, falta de controle da consciência sobre si mesma. Caracterizada como um fluxo, a consciência era comumente representada como a cisterna onde afloram de maneira contínua idéias, associações, pensamentos, enfim, a matéria prima em estado bruto de nosso pensar. No centro dessa cisterna existe uma fonte (um anjinho segurando um jarro?) representando a ligação entre o consciente e o inconsciente, que descarrega esse jorro proveniente das profundezas abismais — e por definição desconhecidas — de nossa psique.



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

CAPÍTULO 31

Existia no Departamento de Noologia um consenso sobre a necessidade de se estabelecer um controle sobre esse fluxo incessante, e sobre a forma pela qual deveria ser feita a seleção desse material bruto, que representa a identidade própria de cada um. Portanto assumia-se que o princípio que regula o fluxo de associações é constituinte da própria consciência, o que significa que de acordo com essa concepção o sujeito é o único responsável pelo teor do material psíquico, cujo encadeamento revelaria a relação entre consciente e inconsciente. O próximo passo nessa linha de raciocínio levou à “descoberta” de que o fluxo da consciência realiza um movimento em forma de *looping*, voltando ao ponto de partida, fechando o círculo e por isso tornando o processo de encadeamento de associações em algo passível de controle pelo sujeito. Instaurava-se então a noção de normalidade, o padrão aceito como índice daquilo que se convencionou chamar de sanidade. Houve, na época, quem achasse curioso esse movimento que deduziu o conceito de sanidade do de loucura. No entanto suas advertências foram ignoradas.

Não quero caceteá-los demais com essas coisas de academicismos. Mas a verdade é que foi decretado assim o começo do fim do inconsciente, caracterizado como falta de controle sobre o fluxo das



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

associações mentais. Cada vez mais seria possível trabalhar uma dada idéia sem desvios no processo de reflexão, causados pelo contínuo jorrar das associações inconscientes, até que o controle mais completo do processo de pensamento se transformasse em índice de superioridade mental. Seu trabalho praticamente extinguiu a antiga concepção que estabelecia uma diferença abismal entre a descrição do peso da racionalidade imposta sobre a consciência — e traduzida pela própria lógica discursiva inerente à linguagem — e a representação do movimento elíptico, fluente e sobretudo altamente simbólico do fluxo de associações mentais.

O resultado prático disso tudo foi que a loucura passou a ser encarada como uma disfunção passível de correção, o que acabou reduzindo o louco a alguém que se recusava a fazer parte da organização social. Não ria, leitor: até hoje eu mesma não entendo como absurdos como esse passaram a ser admitidos como moeda corrente num mundo que se autodenominava avançado e evoluído, que se gabava de ter um governo mundial, que extinguiu a violência da guerra e o sofrimento da fome. Figuras sapiêntes como o Professor Pantaleão admitiam *ex-officio* que se tratava mesmo de algo absurdo, porém seu trabalho era o de por em evidência, trazer a público a



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

necessidade desse absurdo. Isso convenceu Alfalira a abandonar a lide puramente intelectual do confronto acadêmico de idéias: seria como tentar exorcizar o demônio com a ajuda de Belzebu.

Os membros de Alfalira estavam convencidos de que a chave que abriria essa caixa de Pandora que é a mente humana em sua plena potencialidade residia no conhecimento da real história da passagem da humanidade à Era da Telepatia. Claro, sem a colaboração — ainda que involuntária — do ilustre Charles Darwin. A estratégia seria a de expor ao mundo a falácia sobre a qual repousa a concepção oficial de consciência, e seu derivado *Argumentum Baculinum*, através da história das transformações sociais desde o final da Terceira Guerra. O problema é que para produzir um trabalho como esse necessitávamos da estrutura da Universidade — que obviamente nunca nos permitiria realizá-lo. Oculta no centro mundial de produção de conhecimento como um bicho dentro de uma maçã, Alfalira tentava de todas as formas obter meios para tanto.



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

32

Tudo começou por acaso. Pelo menos penso que Dona Natália aconteceu por acaso. Ou não? Deixo a decisão para os que acreditam no acaso. Há quem prefira chamá-lo de destino. Para mim confesso que tanto faz. O que realmente importa é que nos encontramos. Posso sem qualquer sombra de dúvida afirmar que aquele foi o encontro mais importante de toda a minha vida — e com certeza a história de nosso planeta teria tomado outros rumos se ele não tivesse acontecido como aconteceu. Em toda a minha vida cometi inúmeros erros, fiz muitas coisas que me deram prazer e algumas poucas que me fizeram feliz, mas se fosse preciso identificar meu trabalho mais importante, se me pedissem para apontar meu maior motivo de orgulho pessoal e profissional, não hesitaria em citar este encontro com vovó Natália. O que se sucedeu depois dele em escala mundial foi tão avassalador, determinou de maneira tão profunda o rumo do pensamento humano que penso poder considerá-lo um marco a partir do qual teve início uma nova etapa da vida neste nosso planeta.

Quando saí de casa naquela manhã tencionava apenas me des-pedir de meu namorado. Sem ter a menor idéia da enrascada em que iria me meter, andava de coração tão leve e alma tão limpa que por pouco não usava as pedras do calçamento para pular amarelinha. Neil, que



557

ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

além de ser meu colega na Noologia e companheiro nas subreptícias atividades de Alfalira ocasionalmente também dividia comigo a mesma cama, havia me pedido para ajudá-lo a localizar um determinado condenado. LGM2144 — os condenados perdiam seus nomes de batismo e passavam a ser identificados por um código alfanumérico — costumava circular nas proximidades da região meridional do Planalto Central, e Neil tinha motivos para considerar o contato com ele de grande importância para a causa de Alfalira. Como eu tinha uma janela de quase uma semana até meu próximo compromisso oficial (e uma irresistível atração por aquele sem-vergonha), resolvi colaborar. Não sem alguma relutância, claro.

“Obrigado, Andrea. Você é mesmo um amor. Sabia que podia contar contigo num aperto.”

“Obrigado coisa nenhuma. Vá se preparando porque com certeza você vai receber a conta.”

“Dessa vez o pagamento vai ter que ficar para depois. Você sabe que tenho que estar em Roma daqui a meia hora para acompanhar o projeto daquele chato do Sanders.”

“Não se preocupe, posso esperar. Mas vou cobrar a dívida com juros absolutamente escorchantes.”



ALFALIRA
UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

“Mal posso esperar para fazer esse pagamento.”

“Depravado.”

“Adeus, boneca. O dossiê está aqui, tirei uma cópia para você.”

“Aha! Então foi tudo premeditado!”

O danado piscou-me o olho.

“E quem lhe disse que eu ia concordar?”

“Meu coração.”

“Desde quando você tem isso?”

“Desde que te conheci.”

Sabia que ele mentia, mas mulher é um bicho besta, se rende por qualquer frase melosa.

“Te adoro.”

“Tchau, preciso mesmo ir.”

“Cuide-se! Não vá beber demais...”

“Que a luz da estrela-guia lhe ilumine o caminho!”

Essa era uma antiga fórmula que os membros da Alfalira usavam como saudação. Provinha de uma obscura lenda segundo a qual seres extraterrestres haviam concedido ao homem a dádiva de uma mente superlativa. Tais seres seriam originários da Vega, a Alfa da constelação da Lira. Como todas as narrativas mitológicas, também



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

essa assumia ares de verdade e ficção ao mesmo tempo. Dela veio a inspiração para o nome de Alfalira. “Já que vamos derrubar o governo, que isso seja feito com pelo menos um mínimo de senso poético”, diziam à beira da pia batismal os fundadores e padrinhos da organização.

Depois de ler o dossiê, memorizá-lo e destruí-lo, segui para a capital do planalto central. Para proteger a identidade de nosso contato lá instruí o transportador de matéria para me deixar na estação central da cidade. Era fundamental evitar que o sistema oficial de transporte me identificasse e emitisse um relatório sobre minhas andanças, que em questão de segundos estaria no Departamento de Noologia. Para isso usávamos uma luva especial semelhante às dos cirurgiões, que mascarava nossas impressões digitais e nos permitia assumir perante o teletransportador uma falsa identidade impressa na borracha. Ao contrário dos videofones, o computador do teletransporte não gravava imagens do rosto das pessoas — apenas a palma da mão direita do usuário era registrada. Alfalira tinha colaboradores até mesmo no serviço secreto do governo mundial, de onde obtínhamos esse tipo de material de uso restrito.

De lá segui a pé até o endereço de Matias, nomecódigo de nosso contato. Não precisei andar muito para encontrá-lo. Ele era um



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

CAPÍTULO 32

velhinho simpático que tinha uma loja de livros usados perto do centro da cidade, e já me esperava com uma lista de coisas. Dele recebi um ‘abridor de latas’, como chamávamos o instrumento que desativava o núcleo controlador implantado no crânio dos condenados ao ostracismo. Não se entrava num transportador de matéria portando um deles, seria denunciar-se. O mesmo se dava com os comunicadores de longa distância. Combinamos a frequência e os códigos para a transmissão de mensagens pelo Estelar, o sistema alternativo de comunicação usado pelos membros de Alfalira. Depois de mostrar-me as dependências do estabelecimento, incluindo uma ligeira digressão sobre as diversas seções nas quais o material estava catalogado por assunto e nome de autor, deu-me algumas dicas a respeito de certos usos e costumes próprios ao planalto, dinheiro, os códigos-chave de um veículo anti-gravidade de dois lugares — comumente chamados de VAG, famosos por sua versatilidade, economia e capacidade de transporte — e os endereços onde poderia reportar-me com o prisioneiro caso sua loca-lização e adesão fosse confirmada.

Sujeito curioso, aquele Matias. Poucas vezes vi um disfarce servir tão bem quanto o dele. A verdade é que ele era, além de membro de Alfalira, um genuíno colecionador de antiguidades especializado em



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

publicações no arcaico sistema do papel impresso, e sua loja abrigava uma enorme variedade de livros e revistas — o que, mesmo naquele passado distante, já não era muito comum. Qualquer traça ou cupim que se alojasse ali se sentiria num paraíso, e se ele não tivesse sido tão autenticamente gentil eu dificilmente teria resistido à tentação de perguntar se as aranhas também faziam parte do seu patrimônio catalogado. Matias também me forneceu informações sobre a região freqüentada por LGM2144 e as melhores opções para buscar abrigo. Não tínhamos contato oficial lá, portanto eu estaria agindo por minha própria conta, praticamente sem apoio na retaguarda.

Ao contrário da maioria dos aprisionados dentro de si mesmos, LGM2144 não gostava das colônias, parecendo preferir o destino errante dos andarilhos. Nossas informações davam conta de que ele circulava por uma região de uns cento e cinquenta quilômetros de diâmetro cujo centro ficava num vilarejo duzentos quilômetros a noroeste da capital, nas imediações do Rio do Peixe. Valeu a pena estudar os mapas com atenção. Consegui despedir-me de Matias somente depois de prometer voltar para pesquisar com calma algumas preciosidades que ele mantinha em seu arquivo. Aliás o próprio velhote, além de simpático, era um verdadeiro arquivo ambulante, e minha



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

promessa foi mesmo feita de coração. Infelizmente a sequência de acontecimentos que se impôs a partir de então, em virtude de seu ritmo inexorável, nunca me permitiu revê-lo com vida.

Depois de escapar do controle de tráfego metropolitano sem dar satisfações ao computador, rumei a baixa altitude num traçado assimétrico, evitando assim o controle intermunicipal, para o local onde contava iniciar minhas investigações. Passei dois dias conversando com donos de botequim e seguindo pistas falsas de vagabundos, que não tinham idéia precisa de quem eu procurava. A região, apesar de grande em termos de território para ser coberta por uma pessoa só, ainda era bastante atrasada e essas cidades — pelo menos era o que o mapa dizia que eram — na verdade não passavam de minúsculos vilarejos espalhados pelo cerrado. Cedo ou tarde alguma coisa surgiria. Foi no terceiro dia que encontrei um outro presidiário, já bastante velho e calejado pela trilha da solidão, que me deu indícios seguros de saber exatamente de quem eu estava falando.

“Você quer é o Raul Jereba.”

Nomes eram de fato um problema. Todo condenado perdia seu nome de batismo, pois era obrigado pelo sistema penal a renunciar à sua identidade. A partir do momento que fosse sentenciado, toda e



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

qualquer informação a respeito de sua identidade pretérita era imediatamente confiscada aos arquivos centrais do Centro de Controle da Criminalidade. A idéia era apagar dos bancos de dados todos os traços, por mais insignificantes que fossem, da existência prévia do condenado, que assim via-se despojado, entre outras coisas, de seu próprio passado. O curioso é que isso provocou uma reação contrária da parte deles: tanto entre pares e iguais quanto diante de qualquer estranho, nenhum deles se dava a conhecer pelo número imposto pela lei, e na realidade faziam questão de esquecer também seus nomes de batismo. Adotavam então novos nomes e/ou alcunhas, e muitos recusavam-se a admitir que tivessem tido uma outra identidade qualquer antes da condenação.

Meus recursos eram pobres: tudo o que eu tinha em mãos relativo a LGM2144 era uma descrição sumária e a cópia da uma foto incluída no processo, tirada sete anos atrás. Mas para minha sorte o meu interlocutor, que gostava de ser chamado de Rolha, tinha apesar de sua idade avançada uma memória afiadíssima, e um brilho no olhar que parecia me atravessar. Em pouco tempo de conversa ele dava sinais de que eu não tinha segredo algum, pelo menos para ele. Rolha escrevia na areia com destreza e em questão de minutos me fez saber



ALFALIRA
UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

não apenas quem eu procurava mas também onde podia ser encontrado.

“Salobinha?”

Ele sorriu, balançando a cabeça em sinal afirmativo.

“Você sabe onde fica?”

“Sei.”

“Então suba aqui e me mostre o caminho.”

Ele ficou reticente, meio que desconfiado.

“Prometo que você será bem pago.”

Ele sorriu e desenhou um cifrão na areia.

“Pode ser em dinheiro também, se você preferir.”

Ante seu olhar interrogativo, falei baixinho:

Há que prefira um abridor de latas a todo o ouro do mundo.”

Foi o bastante. Ele subiu num pinote para o anti-gravidade e em pouco mais de meia hora estávamos chegando em Salobinha. Já avistávamos a cidade quando ele insistiu para que parássemos. Cometi meu primeiro erro e interrompi a movimentação do VAG. Ele insistiu em ver o abridor de latas.”Primeiro você me leva até o Jereba.”

Ele fez um “Não”, abanando a cabeça e estendeu a mão em minha direção, apontando em seguida para os próprios olhos. Queria ver o



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

abridor de latas. Então cometi meu segundo erro e tirei de um bolso lateral o tão desejado instrumento. Rápido como uma cascavel, o velhote tomou-me o aparelho da mão e com um safanão jogou-me para fora do VAG. Felizmente o veículo pairava apenas a uns três ou quatro metros do chão, sobre uma grande touceira de capim à beira de uma estradinha de terra. Caí em cima daquela refeição equina enquanto aquele velhote sem-vergonha desaparecia com meu carro e sua liberdade. Além da minha pretensa esperteza, nada parecia quebrado. Levantei-me ainda a tempo de vê-lo desaparecer no horizonte.

“Idiota, burra, imbecil! Dê-se por feliz por ainda estar viva e sem nenhuma lesão grave. Merece mesmo ficar aqui, com dor na bunda e comendo capim para aprender a ser esperta...”

Apesar da raiva ainda não ter passado, era preciso conformar-me à sorte e ver o que se podia fazer numa situação como aquela. O jeito parecia ser seguir até a cidade e descansar um pouco o traseiro contundido. Felizmente ainda tinha o dinheiro e o comunicador. Um banho e algumas horas de sono me ajudariam a pensar numa saída. Estava tentando decidir para qual lado da estrada seguir quando avistei a velhota. Vovó Natália era gorducha e preta como um grão de feijão. Caminhava devagarinho em minha direção com um vestido



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

longo que lhe cobria quase até os pés, pitando um cachimbo e trazendo a cabeça coberta com um lenço quase branco. Ao chegar diante de mim parou e sorriu sem descerrar os lábios. Sua afável expressão era quase infantil, transmitindo uma sensação bastante agradável. Naquele momento tive a impressão de que ela sorria mais com os olhos do que com qualquer outra parte do rosto.

“Você se machucou, filha?”

“Não, acho que não.”

Ela olhou durante algum tempo para a touceira amassada, depois tirou o cachimbo da boca e cuspiu de lado.

“O capim amaciou a queda, não foi mesmo?”

“É, foi sim.” Minha surpresa com o fato dela saber tudo o que me acontecera devia estar estampada em meu rosto. Fiquei simplesmente a olhar para ela, tentando entendê-la tanto quanto ela parecia entender a mim.

“Não se preocupe não, filha. A velha Natália vai te ajudar. Vem comigo que a gente dá um jeito nisso.”

“Acho meio difícil. Burrice não tem conserto não, vovó.”

Ela riu de um jeito muito peculiar, como se só para ela mesma, baixinho: “He, he, he...”

“Pode rir. Eu mereço.”



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

CAPÍTULO 32

“Não fique chateada não, filha. Você ainda é moça, tem muito o que aprender. Quando chegar na minha idade, aí sim não pode mais levar tombo. Vem.”

Que remédio? Fui. Não me arrependi. A primeira impressão que tive de Dona Natália, ali naquela estradinha empoeirada, foi de simpatia imediata. Com o passar do tempo transformou-se numa enorme admiração e no mais profundo respeito. Enveredamos por uma trilha na mata até chegarmos a uma casinha modesta. Lá ela ofereceu-me água para beber e um banho quente para tirar a poeira. Quando saí do banheiro ela tinha café e um bolo de fubá na mesa esperando por mim.

“A senhora mora aqui sozinha?”

“Moro.”

“E não tem medo de ficar assim tão isolada?”

“E de que uma velha da minha idade vai ter medo, filha?”

“Bem, de um vagabundo como aquele que me derrubou, por exemplo. Eles vivem andando por aí.”

Ela sorriu e apanhou o cachimbo, que acendeu com uma baforada.

“Você é moça boa, tem coração. Vou contar para você um segredo de velha. Eu sabia que você vinha por cá. Velha viu você parar o carro no ar.”



ALFALIRA
UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

“É mesmo?”

Ela assentiu com a cabeça, e abrindo bem aqueles olhos redondos como duas jabuticabas, emendou:

“Fui eu quem aparou sua queda.” Eu apenas olhava a pobre mulher sem dizer palavra. Mas não podia deixar de pensar que a coitada estava esclerosada.

“Você não acredita”, disse ela pitando, balançando a cadeira e batendo o pé no chão. Eu não sabia o que dizer. Começava a desconfiar que estava diante de alguém especial. Então ela fechou os olhos, tirou o pito da boca e se concentrou. Eu a observava enquanto ela elevava a cabeça para cima, mantendo os olhos fechados, até que comecei a levantar com cadeira e tudo. Mal podia acreditar no que via. Lá estava ela, de olhinhos fechados mas com o rosto voltado exatamente na minha direção — e eu ainda sentada na cadeira, pairando a um metro acima do chão e completamente emudecida de surpresa e admiração.

Finalmente compreendi o que se passava e comecei a comunicar-me com ela mentalmente.

<Está bem, agora já sei que a senhora é de fato muito poderosa. Peço-lhe mil perdões.>

Ela baixou lentamente o queixo, ainda de olhos fechados, e eu descii



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

como uma pluma até sentir a cadeira novamente apoiada no solo. Quando ela abriu os olhos me levantei, caminhei até ela e ajoelhei-me a seus pés.

<Obrigada pela ajuda, vovó. Agora sei que sem a senhora eu provavelmente não estaria aqui, viva e inteira.>

Ela sorriu e passou a mão em minha cabeça.

<Tome mais café, filha.>

Foi o começo de uma nova vida para mim. Vovó Natália e eu ficamos ali dias e dias conversando. Nunca encontrei uma contadora de histórias como ela em toda a minha vida. Quando dei por mim quase todo o meu tempo disponível desde que deixara Neil — uma semana! — havia se passado, e lembrei-me de que precisava retornar ao mundo. Despedi-me dela, prometendo voltar assim que possível e segui para Salobinha, de onde me transportei diretamente para a Universidade do Futuro.



ALFALIRA
UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

33

“Dans la solitude où j’entrai, les mesures de ce monde, si elles subsistent, c’est pour maintenir en nous un sentiment vertigineux de démesure: cette solitude, c’est DIEU.

Georges Bataille

A reunião quase começa sem mim. Pantaleão cismou de conversar comigo depois da aula e acabei demorando um pouco para me livrar do bode velho e encontrar o local determinado. Medidas de segurança. Devido a uma ironia do destino, o campus da Universidade do Futuro ficava bem no meio de um bosque. Aparentemente isso não tinha nada de incomum: muitas universidades no mundo todo também têm sua área verde. O problema é que na época em que o campus foi projetado a Noologia ainda não adquirira seu funesto prestígio político e social, e portanto os arquitetos puderam dar uma ênfase pronunciada ao projeto de paisagismo. Com isso realizaram não um, mas dois benefícios. Acontece que a mata é, por motivos não muito bem compreendidos até então, um dos únicos locais (o outro é a água, tanto dos rios quanto do mar) onde as ondas mentais se propagam com certa



571

ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

dificuldade, o que resulta na impossibilidade prática de se monitorar a longa distância qualquer pensamento gerado dentro de seus limites. Esse fato curioso pertinente à propagação das ondas de pensamento, descoberto graças à curiosidade de um pesquisador mais do que a algum propósito ou intenção definidos, era tido pelo governo como informação classificada, secreta — e portanto, de interesse vital para Alfalira.

Desde que tomamos conhecimento disso a maioria das reuniões passaram a ser realizadas em locais de luxuriante vegetação. Ou na praia. Às vezes em cachoeiras. Insisto em assinalar isso como o terceiro benefício: muitos de nós aproveitavam a atmosfera de silêncio e tranquilidade proporcionada pela mata e o sutil clima de magia das quedas d'água e das ondas do mar para se deixarem envolver de maneira mais completa pela importância sagrada de nossa missão. O simples fato de saber que enquanto estivéssemos pisando ali, mesmo com o objetivo de tratar de assuntos indigestos, nada poderia nos acontecer dava-nos uma sensação de segurança extremamente benéfica. Com frequência saíamos das reuniões mais aliviados, sentindo-nos mais leves e com as energias renovadas para enfrentar as dificuldades apresentadas pela execução de nossa tarefa. Isso acabou



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

chamando a atenção para a questão da preservação dos locais imunes ao controle mental do governo.

Por força de uma lei severíssima, aprovada depois de séculos de extermínio sistemático, todas as áreas verdes do planeta passaram a ser consideradas patrimônio da humanidade e a remoção de uma única folha de grama tornou-se crime hediondo, devidamente punido. Não se faziam exceções nesse caso. Além do extremo rigor em sua aplicação, a lei determinava que para cada metro quadrado de área construída deveriam ser alocados dois metros quadrados de vegetação sobre o solo, excluindo os jardins plantados dentro ou sobre as referidas áreas construídas. Para nossa sorte essa legislação tinha (e ainda tem) precedência sobre qualquer outra e apesar da disposição para sua erradicação que os encarregados da segurança revelaram possuir, a mata permaneceu onde sempre esteve. Mas nem sempre foi assim. De fato, em meio à mais negra fase do período do terror, chegou-se a identificar uma movimentação no Parlamento Mundial para alterar as disposições legais relativas à vegetação em áreas chamadas “de segurança”, mas manobras hábeis por parte de nossos aliados acabaram tornando imperativa a exposição de uma justificativa à altura. Receosos de que a divulgação da impermeabilidade da flora à



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

monitoração das ondas mentais — que como argumento de segurança teria de ser revelado para legitimar a alteração proposta — acabasse se tornando mais prejudicial do que a permanência da mata sem a suspeita dessa sua qualidade inerente, o projeto foi abortado graças a Alfalira, que acompanhou o processo com todo o interesse desde o início.

Devido a mais esta vitória e observadas uma série de condições, nossas reuniões, inclusive as de emergência, eram relativamente seguras. Meu atraso não se incluía entre os procedimentos de segurança, mas como fui eu quem convocou a reunião todos foram obrigados a me aguardar. A espera valeu a pena, como a importância do assunto a ser tratado o revelaria.

“Queiram me desculpar. O velhote me pegou de jeito e foi difícil me desvencilhar dele sem levantar suspeitas.”

“Quem?”

“O Pantaleão, claro.”

“Aquela raposa! Será que seu faro captou algo?”

“Se bem o conheço, acho que captou sim, mas algo de natureza inteiramente diferente da que você se refere, meu caro.” Essa era minha colega da secretaria, que há pouco recebera e se encarregara de



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

transmitir a todos minha convocação. E diante da interrogação geral ela se explicou:

“Odor vaginal.”

“O que vem comprovar a afirmação de Schopenhauer segundo a qual o homem, na verdade, é acima de tudo um animal metafísico.”

Descontraídos os ânimos, passei ao relatório. Narrei a meus colegas toda a seqüência dos fatos ocorridos desde o pedido de colaboração de Neil até minha chegada ao campus, proveniente de Salobinha. A maior parte de meu relato concentrou-se, como era de se esperar, em vovó Natália. Todos concordaram que um grande passo fora dado com sua descoberta. A convocação ficou plenamente justificada dada a importância do assunto para a concretização dos objetivos de Alfalira. Também foi unânime a conclusão de que uma gravação holográfica completa, incluindo o poder de força testemunhal, fosse feita imediatamente. Para isso uma equipe, composta em princípio por mim e algumas outras pessoas, deveria se deslocar para o sítio da vovó assim que possível. A unanimidade acabou aí. Prontamente intervim, advertindo para o incômodo que uma *troupe* numerosa causaria à pobre velhinha, apesar de seu incomensurável poderio mental. Advoguei então pelo envio de uma equipe formada por duas ou no máximo três



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

peças, já que o manuseio do gravador holográfico e o efeito testemunhal não poderiam ser obtidos apenas por mim.

A decisão final foi referida para instâncias superiores e a reunião suspensa até nova convocação. Durante esse período todos deveriam passar à condição de alerta sub-crítico. Eu já previa algo desse tipo e apesar de continuar com as atividades normais, como se nada de extraordinário houvesse acontecido, comecei a fazer meus preparativos para uma ausência prolongada. A primeira providência foi transportar todos os seres vivos com os quais tinha o privilégio de compartilhar minha casa — algumas plantas raras, outras nem tanto mas igualmente queridas e o Gilberto, meu canário — para a casa de minha mãe, onde os cuidados quotidianos não lhes faltariam. Ela ficou meio surpresa com as plantas, que costumeiramente se viravam sozinhas mesmo durante minhas ausências mais prolongadas. Já o Betinho ela recebia sempre com prazer, considerado como mais um entre os netos. O mais difícil, como sempre, foi me livrar das inevitáveis perguntas a respeito de minhas atividades. Quando ela viu as plantas o famoso alarme materno soou imediatamente.

“Aonde você vai, menina?”

“Viajar, mãe.”



ALFALIRA
UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

“É coisa da escola?”

“É sim, mãe.”

“Mas vai demorar tanto assim?”

“Não sei, mãe.”

“Para onde você vai?”

“Mãe... não se preocupe, é só trabalho.”

“Minha filha, você tem se alimentado?”

“Não, mãe. Estou fazendo um curso de faquir.”

“Humpf. Deixe estar. Sua batata está assando. Um dia você vai ter um filho e ele vai tratar você ainda pior do que você me trata.”

“Já sei, mãe, já sei. Então você daria tudo para estar aqui, só para assistir e dar risada.”

“Isso mesmo. Praga de mãe pega, viu menina!”

“Começou a pegar quando eu nasci. Olhe, cuide bem do Betinho, e não se esqueça das vitaminas e da música dele.”

“E o que ele tem ouvido ultimamente?”

“John Coltrane ou Beethoven de manhã e à tarde Bach e Mozart.”

“Pelo visto ele continua conservador em termos de música.”

“Bem, reconheço que não é muito moderno mesmo, mas podia ser pior. Pense bem: e se ele gostasse de música brega?”



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

CAPÍTULO 33

“Deus me livre! Suponho que o Coltrane possa ocasionalmente ser substituído pelo Charlie Parker — só para evitar a monotonia, claro...”

“Depois dessa você ainda tem coragem de chamar o pobrezinho de conservador. Tal qual o roto se queixando do esfarrapado.”

“Eu diria antes o rico reclamando do milionário.”

“Chega, mãe, tenho que ir.”

“Mas você vai sair sem comer, minha filha?”

“Mãe... “

“Até quando vou ser *maître d’hotel* ?”

“Não sei. Quando puder te aviso. Tchau.”

“Se alimente, viu menina! Não vá ficar sem comer! E tome cuidado...”

Minha mãe definitivamente não era tal qual a mãe de Georges Bataille (em momentos como esse eu ficava na dúvida se isso era bom ou ruim). O fato é que me preparava para realizar este trabalho como uma sacerdotisa se prepara para a ascese: a partir daquele momento nada que pertencesse a este mundo poderia me desviar de meu objetivo. Não, as medidas deste mundo não subsistiam mais. Quem ousar ter a pretensão de modificar a realidade exterior precisa atravessar o deserto interior levando na bagagem apenas a visão do oásis deseja-



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

do, sem se deixar desviar pelas alucinações. O revolucionário é por definição um perseguidor, não de miragens, mas de uma miragem. Somente naquela solidão total, naquela vertigem da desmesura é que o divino e o humano se encontram. Para mim não existe outra explicação. O resultado pode ser pobremente descrito como a explosão de uma supernova dentro da casca de uma noz.

O esforço para a manutenção de uma concentração total sem que nem um microhertz de onda cerebral escapasse para o éter — e por conseguinte para os detectores do governo — era tão desgastante quanto nadar numa piscina vazia. Infelizmente eu não dispunha dos privilégios dos sacerdotes budistas, que têm todo o silêncio, a privacidade e o tempo à disposição para abstrair-se completamente do mundo exterior pelo jejum e pela meditação. Eu era uma simples e pobre mortal que para continuar viva precisava realizar um esforço enorme para manter toda a concentração enquanto executava as mais banais tarefas do quotidiano, aparentando a mais absoluta normalidade, como se o mundo não estivesse a ponto de ser virado de cabeça para baixo. Ao mesmo tempo em que tomava café com os colegas da Universidade, minha consciência revisava sem cessar cada frase, cada um dos ensinamentos aprendidos com vovó Natália naqueles



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

oníricos dias vividos no campo. Infelizmente meu gravador havia sido roubado junto com o veículo anti-gravidade, e se por um infeliz acaso eu nunca mais visse vovó Natália com vida, a transmissão de tudo o que ela havia revelado dependeria única e exclusivamente de minha memória.

O café com leite e o pão com manteiga, assim como a conversa de mesa, eram deglutidos mecanicamente — apesar de meu esforço para “naturalizar” as menores atitudes não permitir que isso fosse notado por meus interlocutores — junto com aquele sentimento de responsabilidade para com o legado transmitido por vovó Natália. Nunca eu havia praticado uma concentração tão intensa durante tanto tempo sem parar. Hoje tenho a certeza de que foi a instância divina, que o gênio de Bataille teve o dom de discernir, que me manteve viva durante aquelas quarenta e seis longas horas que Alfalira levou para decidir a questão. Não sabia quanto tempo poderia suportar aquele estado de solidão total, mas sabia que precisava conseguir. Compreendi então que a Eternidade pode estar limitada a quarenta e seis simples horas: não se tratava de uma solidão comum, como a que nos impõe o dever de não compartilhar uma determinada idéia, ou mesmo nosso tempo, com quem quer que seja. Vai além disso, muito



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

além disso, o esforço de se separar de si mesmo e dividir a própria consciência em duas: uma para o consumo externo, para a manutenção das aparências e outra real, que comanda e coordena as atividades da primeira ao mesmo tempo em que processa as informações e toma as decisões vitais.

Não posso dar um relato confiável de todas as minhas atividades durante aquele período. Levei muito tempo para coligir o pouco que guardei na memória dos fatos que aconteceram durante aqueles dois dias. Mesmo hoje, passadas décadas, consigo recuperar apenas algumas cenas esparsas. Sinto como se tivesse passado todo aquele tempo numa bebedeira fantástica, repleta de delírios e alucinações. Sei que a ressaca durou mais de um mês. Assim que veio a ordem uma missão especial composta de três oficiais, dos quais eu com minha patente de tenente era a menos graduada, um capitão-operador e um comandante Beta (foi a primeira vez que conheci pessoalmente alguém de patente tão alta) partiu para a casinha da vovó. Lotamos um VAG de porte médio com o equipamento holográfico, mantimentos e outros itens necessários e ao anoitecer embarcamos para os arredores de Salobinha, tomando o cuidado de evitar o controle de tráfego. A viagem clandestina demorava um pouco mais, já que a navegação tinha que



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

ser feita exclusivamente pelos nossos instrumentos e comparada com a observação das estrelas, sem que pudéssemos contar com as facilidades do radar do controlador, mas em compensação era mais segura: chegamos lá em plena madrugada sem que o governo nem ninguém jamais soubesse que havíamos partido.

Vovó Natália nos recebeu muito bem apesar do inconveniente da hora. Ao chegarmos encontramos a costumeira recepção oficial dela: bolo de fubá e café fresco.

“Pensei que vocês fossem se atrasar. O bolo já tá esfriando.”

Claro, ela sabia que viríamos, e meus acompanhantes, mesmo tendo sido prevenidos, não conseguiram evitar a surpresa diante daquela enorme segurança e benevolência, expressa sempre por um olhar maroto e um sorriso que deixava transparecer não apenas a simpatia, mas sobretudo a mais profunda sabedoria a respeito das coisas deste e de outros mundos. Em algumas horas eu também me confessava surpreendida: a disposição da velhota impressionou a todos nós. Durante seis dias e noites consecutivos ela praticamente não fez outra coisa além de prestar seu depoimento diante do gravador holográfico. Nós três nos revezávamos: enquanto um dormia os outros dois trabalhavam e cuidavam dos detalhes, um cozinhando e tratando dos



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

afazeres domésticos e da manutenção do equipamento e o outro na função de testemunha. Enquanto isso, ela falava sem parar.

A verdade é que nenhum de nós teve metade da capacidade de resistência física e lucidez mental que ela demonstrou possuir ao suportar incólume aquela maratona. Bebendo água, comendo um ou outro pedaço de pão apenas e dormindo uma média de duas a três horas por dia, vovó Natália revelou a nós (e ao mundo) sua condição de herdeira e descendente direta da primeira geração de pessoas cujo potencial mental foi ampliado. Leu na íntegra o Diário escrito por um certo Bruno Donato em meados do século XX, que relatava *ipsis-literis* o primeiro contato com aqueles que revelaram ser os provedores, os verdadeiros responsáveis pela potenciação da consciência humana. Essa narrativa incluía seu casamento com uma certa Renée, que segundo consta teria sido uma mulher de beleza e inteligência excepcionais, o nascimento de seu filho Noel e uma rocambolesca aventura ocorrida no palácio do governo quando Donato tentou advertir o então presidente da república sobre um complô, aviso que foi ignorado, não evitando portanto o desencadeamento do golpe.

Segundo vovó Natália a narrativa de Donato termina aí, mas existe um adendo que provavelmente foi escrito pela viúva, já que revela as



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

CAPÍTULO 33

circunstâncias de sua morte. Do documento propriamente dito resta pouca coisa, e a maioria das lacunas foi preenchida pela memória prodigiosa da velhota. Consta que depois de deixar a capital Donato chegou a ser identificado por uma ironia do acaso: um repórter fotográfico que fazia uma daquelas entediantes coberturas políticas fotografou o seu prato do dia justamente no momento em que Donato passava ao fundo. Posteriormente o próprio presidente, que havia sido o único a não ter apagada de sua memória a passagem de Donato, reconheceu-o e determinou à Inteligência (nome curiosamente irônico dado aos bisbilhoteiros da época, que podiam ser muita coisa, menos inteligentes) uma investigação. Isso teria forçado Donato a retornar a Brasília para apagar dos arquivos todo e qualquer registro de seu dossiê. De fato, o próprio dossiê desapareceu sem que ninguém jamais conseguisse se lembrar de sua existência — para o desespero do presidente, que aliás não ficou no cargo por muito mais tempo: meses depois seria deposto pela tal conspiração.

O único agente que conseguiu chegar mais perto de Donato passou-se para o seu lado, e acabou se transformando em seu maior e mais fiel amigo. Partilhando seu segredo, viveu o resto de sua vida no litoral, morando perto de Donato e protegendo tanto ele quanto sua



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

família da curiosidade alheia. De fato o segredo, nos primórdios do desenvolvimento mais completo da mente humana, era essencial. Este parece ter sido um dos principais motivos que fizeram com que Donato e Renée decidissem morar num local tão isolado como aquela praia era na época. Consta que o filho do casal teria nascido sem qualquer assistência médica, nas próprias águas do mar. Ao que tudo indica a vida daquela família, com atributos mentais tão raros para a época, foi uma vida feliz.

Mas infelizmente para mãe e filho, Donato não viveria muito mais tempo. Suas relações com a comunidade de pescadores acabou (divinamente? vovó Natália fez questão de deixar em aberto essa interrogação) providenciando sua presença a bordo de um pesqueiro que quase naufragou a algumas milhas da costa devido ao mau tempo. Segundo a narrativa da própria Renée, ela não conseguiu dormir naquela noite e tentava com todas as suas forças estabelecer comunicação mental com o marido. O curioso é que conseguiu isso apenas no exato momento de sua morte, quando um vagalhão varreu o convés da embarcação, levando junto a vida de Donato. Em seu último clarão de consciência, ele teria percebido o contato com a mulher e de acordo com ela, morreu pedindo perdão a ela e ao filho pela própria impru-



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

dência. Consta que ele havia sido prevenido, com insistência mesmo, pela própria Renée contra essa viagem.

Seguiu-se um período de solidão enorme para Renée, que no curso de poucos anos havia encontrado alguém com quem partilhar sua identidade de maneira tão completa quanto inusitada para os padrões da época, conseguindo dar início à ascensão da raça humana a um novo padrão de consciência. Movida apenas pelo dever de cumprir a missão de educar e preparar o filho para dar continuidade àquela cepa de seres superiores da qual se tornara matriarca, ela suportou a solidão com uma dignidade assombrosa, mas apenas até o momento em que considerou seu filho pronto para enfrentar o mundo sem a presença dela. Acabaria também morrendo no mar, com o coração consumido pela saudade do marido perdido para as mesmas águas que tantas vezes lavaram a angústia e o sofrimento de sua mente.

Depois disso vovó Natália narrou como o descendente direto desse casal, Noel, casouse duas vezes e de uma de suas mulheres, uma mulata lindíssima chamada Linda, nasceu no final do século XX a formosa Janaína, que participaria ativamente junto com o irmão Manoel da renovação de toda a concepção de atividade mental na época. Janaína viria a ser a bisavó da mãe de Natália, que levou mais dois



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

dias inteiros expondo uma a uma todas as ramificações de sua árvore genealógica. Esse testemunho foi importante o suficiente para deitar por terra toda a baboseira darwinista que os poderosos da Noologia mundial usavam para justificar a própria existência.

Em primeiro lugar, explicando a gênese do desenvolvimento mental da humanidade como fruto da ação de seres muito mais evoluídos, e portanto colocando a humanidade numa perspectiva não mais absoluta, mas relativa ao restante do Universo — o que bastou para deitar por terra toda a espúria utilização do darwinismo como base científica para a argumentação teórica dos Pantaleões que infestavam o governo e de praticamente todo o alto escalão da Noologia, mais preocupado com as benesses do poder do que propriamente com a verdade. Segundo, demonstrando para o grande público como tudo aquilo não passava de um amontoado de hipóteses cuidadosamente justapostas cuja função era a de justificar a imposição, pelo governo mundial, do odioso controle mental sobre a população do planeta com o objetivo de perpetuar uma dinastia de tiranos oculta sob o vil disfarce do rigor na ciência.

A terceira e talvez a mais importante consequência advinda da divulgação mundial do testemunho de vovó Natália foi a inevitável



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

sublevação que se seguiu. A princípio de maneira subreptícia, clandestina, a rejeição global ao governo e sua ditadura apoiada pelos vetustos acadêmicos da Noologia foi ao poucos ganhando corpo, intensidade e amplitude até que finalmente se transformou numa guerra aberta, quando Alfalira veio a público declarar sua posição contrária àquele odioso sistema de opressão social. Felizmente houve pouco sangue derramado. A onda de indignação, a princípio tímida e restrita a algumas regiões apenas, tornou-se um vagalhão que acabou varrendo para sempre do planeta a possibilidade de nova instituição do terror e da corrupção nos círculos governamentais.

Estava definitivamente inaugurada a era da mais completa plenitude da utilização da mente humana, totalmente voltada para a consecução dos mais elevados ideais de justiça e equanimidade; estava dado o primeiro passo propriamente político em direção à unificação da consciência — um estágio do desenvolvimento mental que não demoraria muito para revelar o real valor de sua contribuição para que fossem erradicadas definitivamente do planeta Terra as causas da miséria intelectual e moral, do estado larvar da consciência cujos rastejantes representantes acabavam de ser extintos de maneira definitiva.



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

CAPÍTULO 33

Alfalira transformou-se na base sobre a qual foi instituído o sistema de Conselhos administrativos, que viria a se transformar na real expressão dos melhores valores e princípios da raça humana — graças à unificação da consciência da humanidade como um todo.



ALFALIRA
UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

34

<Como você pode ver meu caro Leon, não avançar, deixar de progredir significa recuar. O progresso é a lei da natureza.>

<O que em certos casos me parece contraditório.>

<Por que diz isso?>

<O advento da Noologia, por exemplo, e de todo o conhecimento sobre a mente humana não significou progresso?>

<Do conhecimento sim, mas da sabedoria não. Logo, o que vimos foi progresso material apenas, posto que separado da dimensão ética e moral que deveria necessariamente regular sua aplicação. A partir do momento em que deixou de servir para o engrandecimento da humanidade, passando a instrumentalizar o predomínio da opressão, esse conhecimento transformou-se em sua própria antítese. Fica portanto evidente que o progresso material tem que caminhar junto com o progresso moral, ético. Um sem o outro pouco pode fazer. É como um homem com uma só perna. São necessárias duas pernas para se caminhar. Remova uma delas e esse coitado será obrigado a rastejar.>

<Melhor rastejar do que ficar parado.>

<Correto. Mas nesse caso entretanto a realidade é bem essa: ao mesmo tempo em que a humanidade progride moralmente, o mundo



590

ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

que ela habita progride materialmente. O descompasso, o desequilíbrio entre os planos evolutivos não traz benefícios.>

<Entendo.>

<Este foi um de nossos propósitos ao fazê-lo passear por todos estes diferentes estágios do desenvolvimento histórico seu e de seu planeta, Leon. Desde o instante em que se aglomeraram os primeiros átomos destinados a constituí-lo até a instauração da Consciência Universal, a humanidade percorreu uma escala progressiva de desenvolvimento moral e material. Exatamente o mesmo processo acontece em cada um dos infinitos mundos em todos os Universos. Na natureza nada permanece estacionário. E em virtude dessa mesma lei o seu planeta, que já esteve num estágio inferior àquele em que hoje se encontra, no futuro realizará ainda mais progressos e atingirá graus cada vez mais elevados.>

<Agora percebo como mudei. Tenho certeza de que a idéia de que a humanidade até pouco tempo antes de minha morte ainda rastejasse moral, senão materialmente, seria inadmissível para o Presidente do Conselho Terrestre.>

<Está nos dizendo que durante sua existência material Leon Stein não concordaria com o termo?>



ALFALIRA
UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

<Sim, Apolodoro. Creio que rastejar seria um pouco forte demais para ele. Talvez mancar... sim, provavelmente uma ética manca fosse um termo considerado por ele como sendo mais conveniente. Mais apropriado, eu diria. Ou ele diria.>

<Leon, você está mesmo mudado. Reparou como já está se referindo a você mesmo como se falasse de uma outra pessoa?>

<Estou? É verdade. Estranho, não?>

<Não se preocupe quanto a esse seu estranhamento. É muito natural, salutar até, digo eu. Isso significa que o trabalho de preparação está surtindo efeito.>

<É mesmo? Se você o diz, fico feliz em saber. Bem, de qualquer modo faz sentido. Mas se estou deixando para trás minha antiga identidade, permita-me perguntar qual será aquela que a substituirá.>

<Não está longe o momento no qual você terá a resposta a essa pergunta, meu caro. Aliás, eu até poderia dizer que será de você mesmo que essa resposta vai depender.>

<Vai depender de mim, é?>

<Vai sim. Diante do Conselho Universal, reunido em sessão solene, Leon Stein em breve falará.>

<Posso nomear você meu representante?>



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

<E por que deveria?>

<Sou avesso a discursos.>

<Você não está compreendendo, meu caro. O único a discursar lá será você, já que a palavra naturalmente pertence aos membros do Conselho. E pelo que sei você, ou melhor, o antigo Leon Stein adorava ouvir a própria voz. Tanto oficial quanto extra-oficialmente, segundo consta nos registros.>

<Isso pertence ao passado. Como vê, hoje sou um novo homem.>

<Sabemos disso. Aliás, esse foi outro dos motivos pelos quais realizamos essa retrospectiva junto com você. Como dizia, queríamos que você percebesse que todas estas existências que acabamos de ver obedecem, da maneira mais estrita, à lei da evolução.>

<*Dura lex, sed lex.* Mnemosyne, há pouco quando falávamos da barreira ígnea você mencionou esta passagem por diversos estágios de desenvolvimento. Agora você volta a falar no assunto. Por que?>

<Como eu dizia, trata-se da Lei. Uma lei severa, à qual ninguém se subtrai, mas que nem por isso deixa de ser justa. Como aliás você mesmo acabou de dizer através da expressão latina, que aponta justamente para a necessidade de se cumprir a lei, por mais dura e inflexível que ela seja. Roma antiga já possuía conhecimento suficiente



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

para reconhecer que é melhor uma lei ruim do que nenhuma. Isso se relaciona diretamente às diferentes etapas do desenvolvimento. Podemos comparar a evolução dos mundos com a de um único ser humano. Ao nascer, nos primórdios de seu caminhar em direção à consciência, a criança comete muitos erros, ainda que inadvertidamente. Precisa errar para aprender. À medida em que cresce, aprende as noções básicas do que é certo e do que é errado. A partir de então vem a responsabilidade, que faz com que seu erro seja merecedor de punição, já que não pode mais se justificar pela inconsciência ou ignorância: ao errar ela sabe que está errando. Cometido o erro, caberá então a ela regenerar-se, desenvolvendo as qualidades tanto da inteligência quanto do coração. A plena compreensão e utilização dessas qualidades caracteriza o adulto, cuja conduta é equilibrada e baseada no bom senso. Com os planetas acontece a mesma coisa. Alguns são muito jovens ainda, e necessitam de cuidadosa supervisão e de um processo de educação mais ou menos rigoroso conforme o caso. Em geral podem ser chamados de primitivos. Outros, mais adiantados, ainda incorrem em erros que retardam seu caminho em direção à civilização. São os semi-civilizados. Outros ainda, também ainda em vias de progresso mas num estágio um pouco mais evoluído, revelam lutas internas entre



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

as facções progressistas e as mais retrógradas. Sua Terra do século XX se incluía nesta categoria. A partir da Terceira Guerra Mundial o processo de regeneração teve início, processo que só foi completado no final do século XXII graças a Alfalira, Andrea e Vovó Natália. Você conhece melhor do que ninguém o bem que o advento da Consciência Universal na Terra representou para a humanidade, já que foi um de seus expoentes e principais articuladores.>

<De fato a Consciência Universal representou um significativo passo adiante. Mas, posto que é lei, que se cumpra. Agora me pergunto o que virá em seguida.>

<É mesmo curioso o fato de que o espírito humano, que sempre foi engenhoso o bastante para imaginar com requintes de minúcias todos os tormentos daquilo que se acostumaram a chamar de inferno, não consiga imaginar sequer uma ínfima parcela da bem-aventurança do seu extremo oposto.>

<Confesso minha inaptidão para esse exercício. Mas sua observação é procedente. Quantos artistas, que em princípio deveriam se dedicar apenas ao belo, gastam seu tempo retratando a miséria, o sofrimento e as baixezas?>

<Esse movimento também faz parte do processo de evolução. À



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

medida em que se eleva e se depura, os horizontes se ampliam e a humanidade pode então contemplar o bem que tem diante de si tanto quanto compreendeu o mal que deixou para trás. Isso vale para todos, inclusive para os estetas.>

<Fico a imaginar quando esta luta entre bem e mal vai terminar.>

<Para você já deveria ter terminado, Leon.>

<Não compreendo.>

<Está a não compreender algo que seus próprios antepassados já haviam demonstrado haver entendido. Pense bem: a simples lógica assim o determina, posto que você é o bem. Logo, como se pode tomar o partido do bem se você já é o próprio bem? Não se toma partido daquilo que já se é, pois não é preciso lutar para sermos o que já somos. Aliás, é preciso não lutar. Basta ser. Você é o bem, portanto para que lutar por aquilo que você já é?>

<De fato faz sentido.>

<Tomar partido numa luta, mesmo que seja essa, em nosso caso é enfraquecer nossa posição, compreende? Significa ceder terreno de antemão. Portanto basta manter-se ontologicamente firme, evitando a todo custo a armadilha representada por esse alinhamento partidário.>



ALFALIRA
UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

CAPÍTULO 34

<Lembre-se sempre destas palavras de Mnemosyne. Essa firmeza de posicionamento será de vital importância para seu trabalho a partir de agora, Leon.>

<E suponho que seja por isso que vocês estão aqui?>

<Exatamente. E temos confiança em você. Acreditamos que ao chegar o momento você revelará estar à altura da posição para a qual foi escolhido.>

<Gostaria de ter tanta confiança em mim quanto vocês têm.>

<Nosso antigo Leon Stein não perderia um segundo em dúvidas como essa.>

<Touché. Mas suponhamos que eu falhe. O que aconteceria?>

<Os casos de precedentes como esse são muito raros. Mas se isso ocorresse, um novo período de preparação se seguiria. Seria dada uma nova oportunidade ao escolhido para que ele se aperfeiçoasse e pudesse se apresentar novamente diante da assembléia dos Adelfhos Aedas, desta vez munido da mais completa confiança em si e plenamente consciente de sua missão.>

<Que posso dizer? Me desejem boa sorte.>

<Sorte é um termo equívoco, Leon. O progresso é acessível a todos, que têm chances iguais de ascender às mais altas categorias. Cumpre



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

apenas que conquistem esse merecimento pelo trabalho. Muitos se iludem sobre isso, e esperam que a sorte, o acaso venha resgatá-los dessa pesada tarefa. Mas nem por isso a lei se aplica menos: cabe a cada um decidir se alcança mais ou menos depressa aquilo a que se propõe, ou se prefere permanecer inativo por séculos e séculos nos pântanos estagnados da iniquidade.>

<Você vem de uma estirpe de bravos, Leon. Donato, Renée, Noel, Linda, Andrea, Natália e tantos outros. Como poderia desmerecer suas ancestrais existências? É preciso ser tão valoroso quanto eles, que em seu tempo nunca duvidaram de que iriam conseguir cumprir a missão a que se propuseram.>

<Engraçado você usar esse termo: ancestrais. Durante todo o período em que revisitamos o passado tive a estranha sensação de já ter vivido tudo aquilo. Uma coisa ambígua, como se ao mesmo tempo fosse e não fosse a primeira vez que os via, que os conhecia, que estava naqueles lugares presenciando aqueles fatos.>

<E de fato não era, meu caro. Você na realidade foi Donato. E Andrea também. Logo poderá reencontrar-se com aquela que foi Renée e também Natália, e que por estar a serviço do Conselho no exercício de uma outra tarefa não pôde acompanhá-lo em corpo material duran-



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

te sua última passagem pela Terra como Leon Stein. O que não a impediu de segui-lo de perto e orientá-lo nos momentos difíceis.>

<Então seu propósito é mesmo o de me fazer lembrar tudo isso, todas as minhas existências passadas?>

<Todas não. Apenas as mais importantes para nossa finalidade. A mente, Leon, é tão infinita quanto o próprio universo. E ao mesmo tempo ela é a chave dos segredos do universo, é como a assinatura que o artista sobrepõe à obra. Seus movimentos através dos tempos revelam os sentimentos e pensamentos do Criador, assim como a caligrafia identifica o autor da assinatura. A criatura é o espelho da criação, no qual a imagem do Criador se reflete. Dividir com Ele a responsabilidade pela continuidade do processo de criação é nossa tarefa. Todos somos meios pelos quais a energia criativa se expressa.>

<Vocês falam com muita frequência neste Criador, sobre o qual sei tão pouco.>

<Você não é o único, acredite, a desejar conhecer mais a respeito Dele. Posso apenas dizer-lhe que Ele é a esfera maior da Consciência, cujo centro está em toda a parte mas cuja circunferência não está em parte alguma.>

<Se Ele está em toda parte, então está também em nós.>



ALFALIRA
UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

<Por definição, Leon. Se somos as criaturas, temos necessariamente uma parte divina. Não podemos nos relacionar com o outro absoluto simplesmente porque ele não existe. Todos nós, sem exceção, fazemos parte de algo maior.>

<Tudo isso é muito bonito, mas eu quero saber quando vou reencontrar minha namorada.>

<Ela estará presente à reunião do Conselho.>

<Não posso vê-la agora?>

<Não. Ela está em Plutão, trabalhando em prol do desenvolvimento de sua consciência espiritual. Você mesmo já esteve neste planeta realizando esse mesmo propósito, não se recorda?>

<Não propriamente. Acho que devo ter bebido além da conta. Quando foi isso?>

<Imediatamente antes de sua última passagem material pela Terra como Leon Stein. Para ser aquele que implantaria a Consciência Universal na Terra essa estadia em Plutão foi imprescindível. Lá se reúnem os grandes mentores da Galáxia. Sem eles seu trabalho teria sido muito mais difícil.>

<Bem, nesse caso suponho que deva ir até lá agradecer-lhes pela ajuda. E quem sabe, aproveitando a viagem...>



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

CAPÍTULO 34

<Compreendemos sua saudade, mas é preciso ter um pouco mais de paciência. Afinal de contas, para quem esperou séculos e séculos pelo reencontro, alguns momentos a mais não farão diferença. Lembre-se, Leon: a maior virtude de um Aeda é nunca se deixar desequilibrar nem pelo medo, nem pela ansiedade.>

<Muito bem. Quer dizer então que Plutão é um centro de treinamento do Conselho em nosso Sistema Solar?>

<Os outros planetas também são. Cada um tem suas particularidades. Mercúrio, por exemplo, é a sede da mente e dos poderes mentais. Vênus abriga a beleza do amor e das artes. Você passou por ambos antes de retornar à Terra como Donato. Não se lembra agora?>

<Não exatamente. Mas agora que você menciona, tudo se encaixa. Parece que estou acordando de um longo sono...>

<É o peso da matéria que aos poucos se esvai. Não é à toa que a Terra é o planeta da existência carnal, onde a força de nossas convicções são postas à prova através de uma ação voltada para a realidade exterior, material. Marte por sua vez sedia a força, o poder do temperamento determinado. Normalmente só é visitado depois de uma boa estadia em Mercúrio, e foi por onde você passou antes de assumir a existência de Andrea.>



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

<É bom saber que fui bem preparado.>

<Então saiba também que o Conselho não investe a fundo perdido. Saturno, que é a fonte das mudanças e da purificação, Urano, onde as capacidades psíquicas e científicas são desenvolvidas e Netuno, que pertence à evolução espiritual, também já foram visitados por você. Como pode ver, seu preparo para a missão de implantar a Consciência Unificada na Terra não foi alguma coisa simples ou ligeira, mas sim fruto de um longo e meticuloso planejamento. Portanto não deve nunca temer o insucesso, mesmo diante da Assembléia do Conselho. Seguramente não é à toa que você está aqui neste momento. Sem toda essa preparação, sem toda essa experiência, dificilmente o Conselho Universal o escolheria.>

<Bem, vocês sabem que nunca fugi das responsabilidades, especialmente daquelas que advêm do acúmulo de conhecimento.>

<E foi justamente devido à sua capacidade de transformar esse conhecimento acumulado em sabedoria que você foi escolhido.>

<Bom, se é para o bem do povo e felicidade geral da nação... >



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

35

<Grandes Conselheiros Universais Nestor, Aristófanos, Aristarco e Eustato, Metis e Charis; queridos irmãos do Conselho Galáctico; dignos representantes de outras Galáxias e Universos; irmãos da Assembléia: é com muito orgulho que Apolodoro e eu trazemos à presença do Conselho Universal, reunido nesta sessão solene, aquele que até recentemente respondia pelo nome de Leon Stein. Todos conhecemos as grandes dificuldades, superadas com bravura, inteligência e não sem sofrimento, que ele enfrentou antes e durante a implantação da Consciência Universal em seu planeta. Suas grandes qualidades, tanto intelectuais quanto morais, cujo sábio emprego nunca passou despercebido pelos membros deste Conselho, são dignas de louvor e, acreditamos, o qualificam para a execução de missões de importância ainda mais elevada. Por isso temos grande esperança de em breve poder incluí-lo em nossa fraternidade, e é para esse fim que neste momento nos colocamos diante deste nobre Conselho: para avaliação e julgamento desta nossa proposição de admissão de Leon Stein como o mais novo membro dos Adelpfos Aedas.>

<Sua presença como sempre nos ilumina a todos, Mnemosyne. Esta sessão tem agora o brilho especial de ser inaugurada por meio de suas palavras. O Conselho Universal ora reunido, realizando os



603

ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

procedimentos habituais relativos ao exame de proposições de novos membros, chegará a uma decisão até o final desta sessão. Que o candidato tome seu lugar e faça seu pronunciamento à Assembléia.>

<Minhas saudações a todos. Devo dizer que minha presença nes-te momento diante daqueles que constituem o Conselho Universal me coloca numa posição bastante incômoda. Em primeiro lugar porque, como sabem, sempre fui avesso a discursos — apesar de dizerem que isso se aplicava unicamente aos dos outros. Nesse caso em particular, me pergunto: que poderia eu dizer que ainda não seja do conhecimento de todos vocês? Com certeza nada, ou talvez muito pouco. Posso, e sem dúvida devo, agradecer a todos aqueles que me ajudaram a percorrer este longo caminho: agradecer à minha querida Renée, cujo amor reluz de forma tão especial e que com muita alegria vejo aqui presente; aos meus amigos e mentores Apolodoro e Mnemosyne, que tanta paciência demonstraram para com um velho chato, impaciente e irascível que merecia muito menos consideração do que recebeu. E com certeza também a todos vocês, que de alguma forma participaram deste longo processo de tomada de decisões — decisões concernentes não apenas a mim, mas sobretudo a algo de importância muito maior: nosso planeta Terra e à Humanidade como um todo.



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

CAPÍTULO 35

<Em segundo lugar, me incomoda o fato de não ter certeza se estou à altura da missão para a qual fui escolhido. Não pretendo com essa afirmação pôr em dúvida a mais do que comprovada e certa capacidade de julgamento do Conselho, à qual devo minha presença aqui. Não ter certeza neste caso não significa não estar seguro de mim. Não significa que não estou disposto a tentar, empregando o melhor de minha habilidade e conhecimento, corresponder às expectativas dos detentores de tanta sabedoria. Nem tampouco quer dizer que eu não possa levar a cabo as tarefas requeridas. Quero apenas afirmar — e a presença de todos vocês aqui é a prova cabal disso — que não sou o único, entre tantos e tantos outros irmãos de incontáveis mundos pertencentes a este e a outros Universos, a merecer esta honra. E é com este sentimento de pequenez, é com a consciência de que sozinho, sem a ajuda e a colaboração de todos, jamais teria atingido esse ponto, que posso afirmar essa minha incerteza.

<Que teria podido o pobre Donato sem as preciosas dádivas do Conselho? Praticamente nada. A que benefícios reais teriam conduzido todos os esforços da família de Noel sem a sempre sábia intervenção da fraternidade dos Aedas? Virtualmente nenhum. Qual teria sido o



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

fim de Andrea, mesmo com toda a sua coragem e determinação, se Alfalira não fosse o embrião do Conselho a surgir em nosso planeta? Provavelmente a morte e o esquecimento, como tantos outros. E a grande vovó Natália, então? Sem todos eles, que merecidamente receberam o seu constante apoio, como poderia Leon Stein ter realizado a implantação definitiva do Conselho ao nível planetário? Como, enfim, poderia eu estar presente neste momento a esta sessão?

<Estas são as razões pelas quais me sinto numa posição incômoda. Por isso, apesar de sentir-me honrado, para aliviar-me um pouco desse glorioso fardo cujo peso é proporcional à honra que ele confere, tenho o dever de reverter essa honraria a todos vocês, que no mínimo tem muito mais merecimento do que eu e a quem devo minha presença aqui.>

<Suas palavras demonstram sabedoria, irmão. Fica evidente que não foi sem razão que a escolha deste Conselho, representado por nossa irmã Mnemosyne, recaiu sobre você. É tradição nas sessões de admissão que o candidato seja interpelado pelo irmão encarregado de presidir os trabalhos, que deve decidir pela viabilidade da postulação de sua candidatura. No entanto sua fala, em meu entender, deixou suficientemente clara para mim sua qualificação. Passo portanto a



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

palavra a meus irmãos Conselheiros.>

<Faço minhas as palavras de Nestor e dispenso o candidato de inquirição. Vou mais além, inclusive: sei que meus pares Aristarco, Eustato, Metis e Charis também pensam da mesma forma. Portanto proponho que a argüição à qual o Conselho Dimensional tem direito fique inteiramente a cargo de nossa irmã Mnemosyne, que tão brilhantemente nos representa. Temos a certeza de que ela saberá, melhor do que ninguém, demonstrar as melhores qualidades do candidato. Que-ro no entanto aproveitar essa oportunidade para lhe dizer o seguinte, Leon: a partir deste momento uma nova vida, um novo campo de experiências e conhecimentos se abre diante de você. Seu trabalho de preparação, visitando o passado, teve a finalidade de ajudá-lo a compreender a envergadura do passo que agora você está dando. Esse passo adiante em direção a esse novo campo de experiências é na verdade mais do que um passo: trata-se de um salto, qualitativo e quantitativo, através de um portal. Sempre que um Aeda realiza um salto dessa natureza, que o transporta para muito além, para mais acima de onde estava, torna-se necessário para esse nosso irmão deixar o passado descansar na memória. A partir deste momento a antiga divisão entre vida externa e interna cessa de existir. Sua



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

consciência e sua ação, em virtude deste salto, passam a ser uma e a mesma coisa. Por isso é que olhar para diante, para esse novo campo de experiências e conhecimento, liberto totalmente do peso da personalidade e da influência que as alegrias e as tristezas passadas exercem sobre ela, torna-se uma necessidade para o irmão que atravessa esse portal. Siga adiante, Leon. Caminhe, cresça, e todo o conhecimento e a sabedoria inerentes à unidade da Consciência se colocarão em seu caminho para ajudá-lo.>

<Agradeço as sábias palavras, Conselheiro Aristófanes, tanto em meu nome quanto no de Apolodoro e principalmente em nome de Leon. Vosso assentimento à proposição do digníssimo Nestor é uma grande honra para mim. No entanto, ao invés de inquiri-lo, penso que as melhores qualidades de nosso candidato podem ser demonstradas por ele mesmo. Queira por favor, Leon, dar a sua definição de justiça para os irmãos aqui presentes.>

<Não há, penso eu, muito a dizer sobre este assunto, Mnemosyne. Pelo menos não aqui, diante do Conselho. Resume-se, basicamente, no seguinte axioma: QUEM DEVE PAGA, QUEM MERECE RECEBE.>

<Com sua licença, irmão Nestor.>

<Tem a palavra o irmão Eustato.>



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

<Poucas vezes tive a oportunidade de ouvir uma definição expressa de maneira tão sábia, não apenas pelo conteúdo como também pela concisão da forma. Quero portanto deixar registrada minha enorme satisfação com o axioma de Leon e propor que seja difundido entre todos os Conselhos este conceito de justiça expresso com tanta sabedoria pelas palavras do irmão: QUEM DEVE PAGA, QUEM MERECE RECEBE. Que elas possam ser mais uma luz a iluminar nossos caminhos. Como pode ver, caro Leon, é possível também a nós aprender um pouco mais com as virtudes de nossos irmãos, ainda que sejam enunciadas por alguém que ainda é um candidato à nossa Fraternidade. Ainda há pouco Aristófanês mencionou a unificação das vidas externa e interna representadas pela sua passagem por este portal. Quero usá-la como ponto de partida para dizerlhe o seguinte: sua palavras foram de fato sábias, mas revelam que ainda não está ciente de que para um Aeda, em virtude justamente dessa nova condição de Consciência Unificada da qual está se tornando parte, a dúvida e todas as suas consequências assumem — aliás, eu diria até que devem forçosamente assumir — seu real estatuto, seu peso verdadeiro na atividade da Consciência Universalizada. Que é igual a zero. Em sua condição anterior a dúvida, suas implicações filosóficas



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

e lógicas, de fato eram necessárias, cumpriam funções determinadas no mundo em que vivia. Mas ao atravessar este portal, ao passar para o que Aristófanos tão sabiamente chamou de novo campo de experiências, o Aeda deve deixar para trás o peso de conceitos obsoletos, que não mais lhe serão úteis a partir deste momento. Quero entender que o incômodo de sua posição atual ao qual se referia ainda há pouco deve-se ao deslocamento provocado pelo uso deste conceito, que não mais pertence ao estágio em que você se encontra atualmente. Posso afirmar-lhe que você mesmo, caro Leon, provou pela concisão e sabedoria de suas palavras a respeito do significado de Justiça, não apenas que um candidato aos Adelplos Aedas tem a possibilidade de ensinar — além da óbvia capacidade de aprender — mas sobretudo que está preparado para abandonar não somente o passado, mas também seus velhos conceitos, suas ferramentas mentais que a partir deste momento tornam-se obsoletas e que, logicamente, não mais lhe serão úteis. Lembre-se portanto disto, Leon: um Aeda não duvida, mesmo quando está diante de irmãos mais adiantados em sabedoria e experiência. Que o seu trabalho possa, cada vez mais, nos trazer a luz de pensamentos tão sábios quanto o que foi enunciado agora perante este Conselho.>



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

<Novamente agradeço em nome do candidato, irmão Eustato. Irmão Nestor tem a palavra.>

<Obrigado, Mnemosyne. A moção fica então aprovada por unanimidade por este Conselho Universal, que assim determina a difusão, entre todos os nossos irmãos de todos os Universos, Galáxias e Planetas, do axioma enunciado pelo candidato. Que aqueles aqui presentes representando outros Conselhos a levem e a divulguem, como símbolo do novo estágio do desenvolvimento que Leon Stein proporcionou a seu planeta Terra. Sem dúvida elas serão um exemplo e um estímulo para todos nós. Irmã Charis tem a palavra.>

<Antes de mais nada preciso agradecer a Mnemosyne e Apolodoro, em meu nome e em nome deste Conselho, pela escolha de um candidato tão merecedor, tão digno de pertencer à nossa fraternidade. Nossos irmãos mais uma vez nos demonstram sua grande capacidade para descobrir talentos. Quero dizer a você, Leon, que estou muito contente com seu trabalho, e se é verdade que todos aqueles que o ajudaram a realizá-lo também merecem os devidos agradecimentos, cabe a você a honra maior por ter sido aquele que o executou. Tudo poderia, como você bem sabe, ter sido diferente, mesmo com toda a ajuda recebida. Portanto o mérito é seu. Contudo, penso que este é o momento de se



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

dar conta de que tudo o que foi realizado até agora de-ve ser encarado por você como um preâmbulo, como uma iniciação ao seu verdadeiro trabalho, Leon. Aristófanés e Eustato já lhe deram uma noção preliminar do que você terá diante de si a partir de agora. Quero apenas acrescentar que nesta sua nova condição a harmonia com a Consciência Unificada é integral. A ação da sua Consciência ao eliminar o peso do passado é a de tornar-se una com o Todo. E nesta unidade, Leon, não há lapsos ou lacunas tais como as dúvidas ou o temor. Todo Adelpho Aeda é consciente de que vibra em harmonia com o Todo, com a irmandade; todo Aeda age de maneira a ser a ressonância da Consciência Universal e a levar essa vibração até o ponto onde ela seja requerida; age portanto de maneira a espelhar o ponto focal dessa Consciência, que é o arquétipo da Humanidade, e a projetá-lo aonde for necessário. E para realizar este trabalho, saiba que sempre poderá contar com a minha ajuda. Sempre e onde quer que a vibração de Charis possa ser de valia, basta chamar e eu lá estarei.>

<Creio que falo por Mnemosyne e Apolodoro ao dizer que ficamos muito lisonjeados por suas palavras, nobre Charis. Tenha a certeza de que seus sentimentos são retribuídos com o que há de melhor em



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

nós. De minha parte, sei que o que tenho para dar não representa muito, mas é oferecido de coração.>

<Tem a palavra o irmão Aristarco.>

<Obrigado, Conselheiro Nestor. Guarde bem, meu caro Leon, tudo o que ouvir aqui. Chegará o momento no qual o que está sendo dito pelos Conselheiros nesta sessão lhe será necessário para continuar progredindo. Estas palavras são de caráter vital — são a energia pela qual cada um de nós, vibrando em seu padrão pessoal de frequência, se manifesta. Esta energia está sendo dada a você como um presente. E energia para nós é algo sagrado. Você terá, ao longo de seu trabalho, muitas oportunidades de verificar que a energia é o meio pelo qual tudo o que existe no Universo se manifesta. Em diferentes planetas, nas mais variadas Galáxias e sob as formas as mais diversas, tudo se resume e pode ser convertido em energia. E queremos que você saiba, Leon, que nenhum Aeda desperdiça energia. Isso é absolutamente contra nossos princípios. Portanto esperamos o mesmo de você: guarde os ensinamentos que levar daqui como se guarda algo de mais precioso, pois quando chegar o momento da utilização deste conhecimento você estará em condições de revelar-se preparado para enfrentar o que for preciso. Este talvez seja o atributo maior de todo Aeda: a sabedoria



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

no emprego da energia. E isto diz respeito tanto ao seu dispêndio quanto à sua aquisição: para se dar, é preciso saber receber. Receba portanto, Leon, essa nossa energia, e que ela sempre lhe sirva de instrumento para a evolução e para o progresso.>

<Sim, senhor. Muito obrigado.>

<Irmã Metis.>

<Obrigada, Nestor. Quero iniciar agradecendo a oportunidade de participar desta sessão e de estar aqui com vocês todos, aprendendo um pouco mais. Agradeço sobretudo a você, Leon, pois sem a sua presença aqui nada disto teria sido possível. Suas palavras demonstraram, confirmando as afirmações de Mnemosyne, que a melhor confirmação de suas qualidades é aquela proporcionada por você mesmo. Você é o futuro, Leon. Nunca se esqueça disso. No entanto, para viver de forma mais completa essa experiência nova, é preciso — como nossos irmãos Conselheiros já apontaram — deixar para trás o passado. E isso, esse passado, inclui também o próprio Leon Stein. Leon Stein foi uma personalidade extraordinária em sua época e lugar, mas hoje não existe mais a não ser na História. Você deixou de ser Leon Stein no momento em que começou a entregar sua Consciência para a Universalidade. Esse processo, essa entrega, cujo aprendizado



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

é longo e que você apenas inicia, exclui a personalidade. Ele em geral é feito através da libertação das amarras que a divisão entre vida interior e exterior representam. Unindo-se aos Adelfhos Aedas, você estará deixando definitivamente para trás não apenas a personalidade daquele que foi Leon Stein, mas junto com ela toda a História tal como é concebida em seu planeta. Na dimensão na qual trabalhamos não existe mais História: não guardamos fatos e objetos como relíquias de um passado cronológico. A História, tal como é pensada em seu planeta, pode ser expressa pela própria Lei do Karma que você soube enunciar tão bem, e é um fenômeno particular a ela. Porém, depois da integração completa à Consciência Universal essa História é queimada, esquecida. Este é o significado da passagem por este portal: ao atravessá-lo, abandonamos a Lei antiga para estar sob a injunção de uma Lei nova. Não pensamos mais a justiça como o resgate de uma dívida ou o recebimento por um mérito. A partir de então o que prevalece é a Lei das pulsões ordenadas que regulam os ritmos, os ciclos universais aos quais estamos integrados, e é pela qualidade da energia emitida que um ser encontra o lugar que deverá ocupar na Hierarquia do Projeto de Civilização ao qual estiver afeito. Cabe, portanto, não olhar mais para trás, para o passado cronológico, mas



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

sim voltar-se para o futuro, para o Eterno. A partir de agora você é o futuro. O futuro na Consciência Universal é diferente do passado que Leon Stein conheceu sob a Lei do Karma. Em vez desta História pensada como coleção factual no sentido cronológico, o futuro deve ser pensado como o conjunto das realizações em potencial que está contido nos planos sucessivos da Consciência Universal. A Consciência Universal é eterna, bem como todos aqueles que fazem parte dela. Seja portanto muito bem-vindo à Eternidade, irmão.>

<Nobres palavras, irmã Metis. Mnemosyne gostaria de dizer alguma coisa antes de darmos prosseguimento à sessão?>

<Sim, obrigada Nestor. Tenho pouco a acrescentar ao que já foi dito, aliás de forma brilhante, por nossos irmãos Conselheiros, cujos ensinamentos serão com certeza vitais para o aperfeiçoamento deste nosso irmão que ora admitimos. Durante o trabalho de preparação deste candidato, Apolodoro e eu procuramos esclarecê-lo sobre a natureza de seu trabalho futuro, motivo principal de todos os nossos esforços. Creio que ficou bastante claro, Leon, que o princípio regulador deste trabalho é a entrega da sua consciência, de maneira completa, total, à Consciência Universal. O Universal em cada consciência é o que permite ao indivíduo ver com toda a clareza aquilo de que tem



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

necessidade para realizar o seu trabalho. Mas que trabalho é esse? Como *Poiesis* ele reveste-se de diversas formas, de acordo com o momento e a necessidade, mas posso afirmar que sua natureza imanente será sempre a de dar continuidade ao processo de instauração da paz e da beleza no Universo. A paz, Leon, é o oceano vibratório de consciência onde desaguam as energias harmônicas do perdão, da misericórdia, da compreensão, da entrega, do amor-sabedoria, da vontade iluminada. Onde há paz há alegria, e onde há alegria há beleza, e onde há beleza há ordem — que é o reflexo externo e interno da perfeição do Criador. A paz e a beleza existem porque a essência do Ser está voltada para o Criador, que é aquele que regula a ordem mais completa, mais abrangente dos ritmos, dos ciclos, dos padrões e movimentos da Consciência para o fluxo livre, sem obstáculos, da Energia. É graças a essa Energia que nossas vidas e todas as nossas atividades estão voltadas para cima. Vivendo-se para cima, participando-se da Consciência Universal, cura-se tudo o que está abaixo. Meu desejo, Leon — e sei que falo também por Apolodoro — é que seu trabalho seja sempre marcado pela presença desta Energia.>

<O Conselho Universal mais uma vez lhes é profundamente



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

obrigado, Mnemosyne e Apolodoro. Agradeço também a presença e participação de meus irmãos Conselheiros, cuja sabedoria tivemos a alegria e o prazer de mais uma vez testemunhar. Aproxime-se, irmão. Como presidente desta sessão do Conselho Universal, eu, Nestor, tenho o grande prazer de admiti-lo a partir de agora como membro dos Adelpfos Aedas sob o nome de Protógonos. Aquele que foi o responsável direto pelo nascimento da Consciência Universal em seu planeta natal não poderia ter outro nome entre nós que não fosse o de Primeiro Nascido. Portanto, meu caro Protógonos, a partir deste instante você passa a ser membro do Conselho Galáctico. Receba das mãos de seu irmão Apolodoro a espada de luz. Ela é a chave que lhe abrirá as portas desta Galáxia e um dos símbolos sagrados de nossa Fraternidade. Tenho certeza de que ela estará em boas mãos e que de agora em diante o Conselho Galáctico estará mais enriquecido por tê-lo como membro. E agora que sua presença entre nós está confirmada, quero aproveitar esse momento de felicidade para reuni-lo àquela que tanto o ajudou e que, sabemos, ocupa um lugar especial em seu coração: nossa irmã Themis. Que a formosura deste par possa nos brindar com muitas e muitas alegrias. Mas chega de palavrório. Se nenhum dos irmãos quiser acrescentar algo, declaro encerrada esta sessão — e iniciada a festa.>



“Ah, quem escreverá a história do que poderia ter sido?

Será essa, se alguém a escrever,

A verdadeira história da Humanidade.”

Fernando Pessoa



SOBRE O AUTOR

Nascido em 1957 no Rio de Janeiro, Eduardo Teixeira Nunes cresceu em São Paulo, onde se formou em Ciências Sociais pela USP em 1982. Fluente em cinco línguas, vem atuando desde então como consultor de redação e comunicação social, redator publicitário, redator técnico, tradutor de textos técnicos e literários e escritor.

Em 89 traduziu os *Poemas em Prosa* de Baudelaire.

Entre as traduções recentes estão :

- * *The Physics of Star Trek* de Lawrence M. Krauss, com introdução de Stephen Hawking;
- * *American Immigration - A Practical Guide to Visa Applications and Immigration to the United States* de Jeffrey A. Cohen;
- * *Adobe Page Maker User Guide* de Rick e Rebecca B. Altman
- * *The ABCs of Excel for Windows 95* de Gene Weisskopf;
- * *Expanding Your BBS* de David Wolfe;
- * *Building an Intranet* de Tim Evans;



ALFALIRA UMA AVENTURA DO PENSAMENTO

BIOGRAFIA DO AUTOR

- * *The ABCs of the Internet* de Christian Crumlish
- * *CGI by Example* de Robert Niles e Jeffry Dwight

Em 1992 foi premiado com o segundo lugar no Concurso de Contos promovido pela Associação Recreativa Júlio Mesquita, órgão dos funcionários das empresas do grupo S.A. O ESTADO DE S. PAULO, com o conto “O Afiador de Almas”.

Em Novembro de 1993 concluiu o primeiro romance, intitulado *Alfalira, Uma Aventura Do Pensamento*.

Em 1995 completou o primeiro volume de contos, intitulado *Contos Adversos*.

Atualmente trabalha no segundo romance, *Umbrae*.

